UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

JULIANA LEONARDI

Logomúsica: a criação de um novo approach musicoterápico como veículo na promoção da saúde mental

Ribeirão Preto

2011

JULIANA LEONARDI

Logomúsica: a criação de um novo approach musicoterápico como veículo na promoção da saúde mental

Tese de Doutorado apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para a obtenção do Título de Doutor em Ciências – Programa Enfermagem Psiquiátrica.

Linha de Pesquisa: Enfermagem Psiquiátrica: o doente, a doença e as práticas terapêuticas.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Jorge Pedrão

Ribeirão Preto

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

FICHA CATALOGRÁFICA

Leonardi, Juliana

Logomúsica: a criação de um novo *approach* musicoterápico como veículo na promoção da saúde mental. Ribeirão Preto, 2010. 131 p.: il.; 30 cm

Tese de Doutorado, apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Enfermagem Psiquiátrica. Orientador: Pedrão, Luiz Jorge.

1. Saúde Mental. 2. Musicoterapia. 3. Logoterapia. 4. Pesquisaação.

LEONARDI, JULIANA

Logomúsica: a criação de um novo *approach* musicoterápico como veículo na promoção da saúde mental

Tese de Doutorado apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para a obtenção do Título de Doutor em Ciências – Programa Enfermagem Psiquiátrica.

Aprovado em / /

Banca Examinadora

Prof. Dr		
Instituição:	Assinatura	
Prof. Dr		
	Assinatura	
Prof. Dr		
	Assinatura	
Prof. Dr		
	Assinatura	
Prof. Dr		
Instituição:	Assinatura	

Este trabalho é dedicado aos meus mestres e amigos, Prof. Dr. Luiz Jorge Pedrão e Dra. Marina Freitas.

AGRADECIMENTOS INSTITUCIONAIS

À ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, na pessoa de sua Diretora Profa. Dra. Silvia Helena de Bortoli Cassiani, pela oportunidade concedida;

Ao PROGRAMA DE ENFERMAGEM PSIQUIÁTRICA E CIÊNCIAS HUMANAS, na pessoa da Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica Profa. Dra. Sandra Cristina Pillon, por me permitir desfrutar do conhecimento científico;

Ao CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL DE SEMI-INTERNAÇÃO DE RIBEIRÃO PRETO, na pessoa da médica Dra. Rosangela Russo, pela oportunidade concedida e apoio afetivo durante todo o processo de pesquisa;

Ao INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA VIKTOR FRANKL, na pessoa da médica Dra. Marina Freitas, pela oportunidade de participar do Curso de Pós Graduação (Especialização) em Logoterapia Aplicada à Educação oferecido pelo Instituto e pelos inúmeros caminhos de autorrealização no sentido da vida no Programa"Ana e Joaquim".

AGRADECIMENTOS PESSOAIS

Ao meu amigo e grande mestre, meu ORIENTADOR, Prof. Dr. Luiz Jorge Pedrão, por ser um exemplo de educador e pesquisador humanista;

À Dra. Helga Reinhold, PROFESSORA da Sociedade Brasileira de Logoterapia -SOBRAL e do curso de pós-graduação em Logoterapia do Instituto de Educação e Cultura Viktor Frankl – IECVF, pela revisão metodológica e supervisão em teoria da logoterapia desta tese;

Aos meus PROFESSORES DOUTORES DA EERP/USP: Adriana Kátia, Conceição, Pedrão, Cecília, Toyoko, Sonia pelo apoio, conhecimentos transmitidos e orientações valiosas;

Aos meus queridos AMIGOS e COLEGAS DA EERP / USP: Fernanda Nocam, pela alegria das partilhas e da parceria em seu livro *Arte e Saúde Mental* e Elaine Silva, pela amizade, solidariedade e os ricos momentos de trocas intelectuais e afetivas nesta caminhada;

Aos colegas da Liga de Psiquiatria da EERP/USP, pelo apoio, incentivo e registro audiovisual deste trabalho, em especial meus sinceros agradecimentos à enfermeira Andreia Nieves e o estudante de enfermagem Rafael Mazza pela colaboração como observadores neste trabalho;

À EQUIPE DO CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL DE SEMI-INTERNAÇAO DE RIBEIRÃO PRETO, pela disponibilidade, abertura e trocas durante todo o processo;

Aos SUJEITOS-PESQUISADORES DO CAPS SEMI-INTERNAÇÃO DE RIBEIRÃO PRETO que partilharam sua jornada, suas visões e criações nesse caminho de vida e de pesquisa;

Às PROFESSORAS INTEGRANTES DA BANCA DE QUALIFICAÇÃO: Profa. Dra. Marina Freitas, Profa. Dra. Maria Conceição Bernardo de Mello e Souza e Prof^o Dr^o. Werner Robert Schmidek, pela disponibilidade e valiosas contribuições durante esse exame;

Às minhas grandes PARCEIRAS NA CRIAÇÃO DA LOGOMÚSICA, pelo apoio, incentivo e enriquecimento do processo com suas vivências e conhecimentos: a musicoterapeuta e pianista Rosimeri Priscila Pupin, a psicóloga, sociodramatista e atriz Tatiane Mitleton Borges Ramos, a psicopedagoga e arte educadora Lilian de Almeida e a educadora e psicóloga transpessoal Silvana De Lucca, por me apoiarem direta e indiretamente neste trabalho. À Rosimeri agradeço em especial nossa eterna e leal parceria nos caminhos da musicoterapia e da arte.

Aos amigos e companheiros do ARQUIPÉLAGO DA PAZ, pela esperança, pelos sonhos e pela ousadia nos caminhos da educação e da saúde;

À minha FAMÍLIA, que sempre incentivou minha trajetória ao longo dessa jornada: Marina, filha amada e ponto luminoso da criação, pela paciência; Victor, meu pai e meu mestre; Nena, minha mãe (em memória) e Rodrigo, meu irmão.

Às PESSOAS que auxiliaram na confecção da Tese: Victor Leonardi pela revisão do português. E a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho expresso meus sinceros agradecimentos.

EPÍGRAFE

"Creio poder despertar, com um som talvez insólito, os corações dos sonolentos" *Gioacchino da Fiore*

RESUMO

LEONARDI, J. **Logomúsica:** a criação de um novo *approach* musicoterápico como veículo na promoção da saúde mental. 2011. 131 f. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2011.

Esta pesquisa teve por objetivo a criação de um novo approach musicoterápico inspirado na logoterapia como veículo na promoção da saúde mental. Deste encontro e diálogo entre a logoterapia e as práticas musicoterápicas de base existencial-humanista e cultural, em um contexto de intervenção e pesquisa, nasceu a logomúsica, abordagem musicoterápica criada pelos pesquisadores. Foi montado um grupo de estudo com 15 usuários de um Centro Atenção Psicossocial ao longo de 10 meses de atuação e intervenção com encontros semanais de 1 hora. O trabalho de campo contou com três observadores-participantes treinados para registro no diário de campo e registro audiovisual, além de uma musicoterapeuta como co-terapeuta no piano, violão e percussão. Como procedimentos, realizamos entrevistas individuais iniciais com os sujeitos-pesquisadores, período de observação participante, implantação de ciclos musicoterápicos, a construção coletiva de um espetáculo poético-musical (baseado no protagonismo), a realização de uma mostra artística-terapêutica e uma roda comunitária final para partilhas com os participantes. Os valores dos sujeitos-pesquisadores, a partir deste processo, revelaram a importância do papel da liberdade, da responsabilidade, do protagonismo, da música e dos processos criativos na promoção da saúde mental. Os sentidos compartilhados e mencionados pelos sujeitos-pesquisadores neste trabalho de pesquisa-ação foram: a) as rodas de conversas sobre valores como experiências fortalecedoras para a saúde, a responsabilidade e a liberdade; b) o processo criativo em grupo (saber fazer) como veículos de aprendizado de novas habilidades para o enfrentamento de questões práticas no dia a dia; c) o resgate e partilha da biografia musical como oportunidade de enraizamento existencial (identidade e memória); d) a improvisação poética-musical como espaço para o exercício do saber ser e saber conviver; e) o processo criativo coletivo (construção da mostra poética-musical) como realização do sentido da vida dos participantes (projetos personalizados e o sentido da renovação da comunidade) e, f) a logomúsica, portanto, foi construída nos pilares do noético, do protagonismo, do dialógico e da criatividade musical coletiva, revelando-se uma ferramenta valiosa na promoção da saúde mental.

Palavras-chave: Saúde Mental. Musicoterapia. Logoterapia. Pesquisa-ação.

ABSTRACT

LEONARDI, J. Logomusic: the creation of a new music therapy approach as tool in the promotion of mental health. 2011. 131 p. Dissertation (Doctoral) – University of São Paulo at Ribeirão Preto College of Nursing, Ribeirão Preto, 2011.

This research aimed to create a new music therapy approach inspired in logotherapy as a tool to promote mental health. Logomusic is a music therapy approach created by the researchers through the combination of logotherapy and music therapy, with existentialhumanistic and cultural foundation, in a context of intervention and research. A study group with 15 users from a Psychosocial Care Center was set, with interventions lasting for 10 months, through weekly 1-hour meetings. Field work had involvement of three participant-observers, trained for registering on the field diary and audiovisual recording, and a music therapist as co-therapist playing the piano, guitar and percussion. The following procedures were carried out: individual interviews with researchers, period of participant observation, implementation of music therapy cycles, joint construction of a poetic-musical play (based on protagonist roles), organization of an artistic-therapeutic show and a closing community circle for sharing with participants. The values of the research-subjects, from this process, revealed the importance of the role of freedom, responsibility, protagonist roles, music and creative processes in the promotion of mental health. The meanings shared and reported by the research-subjects in this research-action study were: a) talk circles about values as empowering experiences for health, responsibility and freedom; b) the group creative process (knowhow) as tools to learn new skills for dealing with practical issues on a daily basis; c) the access and sharing of the musical biography as an opportunity for existential rooting (identity and memory); d) the poetic-musical improvisation as a space for the exercise of knowing to be and knowing to live with; e) the joint creative process (construction of a poetic-musical play) as an accomplishment of the meaning of participants' lives (custom-made projects and the sense of renewal of the community) and, f) logomusic, which was built on the pillars of the noetic, the protagonist role, of the dialogue and the collective musical creativity, revealing itself as a valuable tool in promoting mental health.

Keyword: Mental Health. Music Therapy. Logotherapy. Action research.

RESUMEN

LEONARDI, J. Logomúsica: la creación de un nuevo enfoque musicoterápico como instrumento en la promoción de la salud mental. 2011. 131 h. Tesis (Doctorado) - Escuela de Enfermería de Ribeirão Preto, Universidad de São Paulo, Ribeirão Preto, 2011.

Esta investigación tuvo como objetivo la creación de un nuevo enfoque musicoterápico inspirado en la logoterapia como instrumento en la promoción de la salud mental. A partir de este encuentro y el diálogo entre la logoterapia y la musicoterapia de basis existencial-humanista y cultural, en un contexto de intervención e investigación, se creó la logomúsica, enfoque de la musicoterapia creada por los investigadores. Un grupo de estudio con 15 usuarios de un Centro de Atención Psicosocial fue formado, a lo largo de 10 meses de actuación e intervención con reuniones semanales de una hora. El trabajo de campo tuvo la participación de tres observadores-participantes, entrenados para el registro en el diario de campo y la grabación audiovisual, además de una musicoterapeuta como co-terapeuta en el piano, guitarra y percusión. Se realizaron los siguientes procedimientos: entrevistas individuales con los sujetos-investigadores, período de observación participante, la implementación de los ciclos de musicoterapia, la construcción colectiva de un espectáculo poético-musical (basado en protagonismo), la realización de una muestra de arte-terapia y una rueda comunitaria final para compartir con los participantes. Los valores de los sujetos-investigadores, a partir de este proceso, puso de relieve la importancia del papel de la libertad, la responsabilidad, el protagonismo, la música y los procesos creativos en la promoción de la salud mental. Los sentidos compartidos y reportados por los sujetos-investigadores en este estudio de investigación-acción fueron los siguientes: a) las ruedas de charlas sobre los valores como experiencias fortalecedoras para la salud, la responsabilidad y la libertad; b) el proceso creativo en grupo (saber hacer) como instrumentos de aprendizaje de nuevas habilidades para hacer frente a cuestiones prácticas de la vida diaria; c) la recuperación y el intercambio de la biografía musical como una oportunidad para el enraizamiento existencial (identidad y memoria); d) la improvisación poética-musical como un espacio para el ejercicio del saber ser y saber convivir; e) el proceso de creación colectiva (la construcción de la muestra poética-musical) como realización del sentido de la vida de los participantes (proyectos personalizados y el sentido de la renovación de la comunidad) y; f) logomúsica, que se construyó sobre los pilares de la noética, del protagonismo, del diálogo y de la creatividad musical colectiva, demostrando ser una herramienta valiosa en la promoción de la salud mental.

Palabras clave: Salud Mental. Musicoterapia. Logoterapia. Investigación-acción.

SUMÁRIO

1 Percursos	12
2 Introdução	17
3 Objetivos	31
4 Marco Referencial	32
4.1 Pilares da Logoterapia	32
4.2 Pilares da Logomúsica	41
5 Metodologia	47
5.1 Tipologia	47
5.2 Local	50
5.3 Sujeitos	50
5.3.1 Formação do Grupo	51
5.4 Observadores-Participantes	51
5.5 Registro Noético e Musical do Processo	52
5.6 Procedimentos	52
5.6.1 Entrevistas iniciais	52
5.6.2 Observação antropológica em logomúsica	52
5.6.3 Implantação dos ciclos noéticos	52
5.6.4 Criação coletiva do espetáculo poético-musical	53
5.6.5 Mostra coletiva do espetáculo poético-musical	53
5.6.6 Roda Comunitária	53
5.7 Da Estrutura Noética dos Encontros	54
5.7.1 Acolhimento noético-musical	55
5.7.2 Rodas de conversas	56
5.7.3 Partilha da biografia musical	56
5.7.4 Produções sonoro-musicais do grupo	56
5.7.5 O papel do canto coral em logomúsica	57
5.7.6 Palavra criadora	57
5.7.7 Contornos noéticos para despedida	58
5.8 Compreensão dos Sentidos Noéticos-Musicais	58

5.9 Apresentação dos Sentidos Noéticos-Musicais	58
5.10 Cuidados Éticos	58
6 Compreensão dos Sentidos Noéticos-Musicais	60
6.1 Entrevistas Iniciais: Sentidos Contemplados	60
6.2 Observação Antropológica em Logomúsica: Sentidos Contemplados	75
6.2.1 Sentidos contemplados no acolhimento noético-musical	77
6.2.2 Sentidos contemplados nos diálogos socráticos	79
6.2.3 Sentidos contemplados nas partilhas da biografia musical	82
6.2.4 Sentidos contemplados nas improvisações sonoro-corporais	88
6. 2.5 Sentidos contemplados no canto coral	90
6.2.6 Sentidos contemplados na palavra criadora	91
6.2.7 Sentidos contemplados nos contornos noéticos para a despedida	93
6.3 Os Ciclos Noéticos: O Projeto Personalizado	94
6.4 A Construção do Espetáculo como Metáfora da Vida	97
6.5 A Mostra Artística-Terapêutica como Experiência Noética e de Empode	eramento.108
6.6 A Comunidade em Roda: Diálogos entre Pesquisadores e Sujeitos Pesqu	uisadores110
7 Considerações Finais	115
Referências	120
Apêndices	127
Anexos	131



Este trabalho de pesquisa-ação representou um encontro da logoterapia com a musicoterapia, em suas dimensões teóricas e práticas. Deste encontro e diálogo (de interações mútuas), em um contexto de intervenção e pesquisa, nasceu a *logomúsica*, abordagem musicoterápica criada pelos pesquisadores como prática inovadora na promoção da saúde mental.

Gostaríamos de partilhar, na abertura desta tese, o sentido deste percurso poético-musical em nossas vidas, por entendermos que não teria sido possível este caminho sem a transformação pessoal, o encontro genuíno e o aprendizado comunitário que nasceu da possibilidade de um olhar que considerou o outro como sujeito pesquisador, colaborador do próprio percurso de aprendizados e descobertas metodológicas da pesquisa. Assim, entendemos que a teoria e a prática da *logomúsica*, tiveram por base processos criativos em grupo e aprendizados coletivos (na realidade da realização da existência), tendo por inspiração teórica e prática a logoterapia e a musicoterapia e por base metodológica as trilhas da pesquisa-ação na atualidade.

Neste percurso poético-musical (enquanto vivência genuína e transformadora de valores de todos os envolvidos) nosso maior desafio foi aceitar que tínhamos tanto a aprender quanto os sujeitos-pesquisadores em suas lutas pessoais pela escolha por uma vida de sentido, em seu caminhar de afirmação diária na promoção da sua saúde mental (ainda que condicionados pelas próprias limitações psicofísicas e sociais).

Em suas andanças e buscas de trilhas possíveis para aprender, resignificar e desenvolver potencialidades diante da vida real, com seus limites e massacres, fomos chamados a realizar potencialidades no cotidiano, descobrir sentidos e realizar tarefas pessoais também enquanto pesquisadores. Competência e sensibilidade solidária, tomando as palavras de Assmann e Mo Sung (2000), eram os desafios que tínhamos ao implantar um novo *approach* musicoterápico na saúde mental.

Acreditávamos ser possível, com base em nossa experiência prévia de mais de nove (09) anos com aproximações entre a logoterapia e a musicoterapia, encontrar estratégias culturais de promoção da saúde e valorização da vida comunitária a partir de um novo *approach* musicoterápico que tivesse por filosofia esse caminho de autorrealização na dimensão noética (*nouz*, do grego, espiritual) da logoterapia. O caminho na autorrealização, na realidade da realização da existência é o chamado na logoterapia. Segundo Frankl (2008), este chamado loterapêutico está vinculado a busca

do sentido na vida de cada ser humano, à experiência da liberdade, das escolhas e dos humanos profundos valores que acessamos apenas quando exercemos a responsabilidade pelas potências que podemos despertar em nosso caminho. Por outro lado, ao nos propormos o desafio de integrar este caminho de autorrealização noética com a musicoterapia, acreditávamos que essas trilhas do noético se ampliariam com os canais de comunicação não-verbais próprios da prática musicoterápica. A integração do corpo, da biografia musical, do canto coral e da criação de um espetáculo poéticomusical coletivo (protagonismo) no processo de conhecimento - instrumentos mais utilizados na *logomúsica* – tornaram-se veículos para as vivências dos valores noéticos. Tudo isso consistia em um modo próprio, com o qual a logomúsica no decorrer de anos se fez.

Do ponto de vista musicoterápico, três formas de viver música para autorrealização no noético e, consequentemente, promover saúde, foram centrais no approach logomúsica, constituindo-se em abordagens específicas do trabalho: a) o trabalho com a biografia musical via diálogos socráticos; b) o canto coral (enquanto valor de cooperação no trabalho de grupo) e, c) a construção do espetáculo poéticomusical (baseado nos projetos personalizados e de grupo). Essas três abordagens, juntas, são então integradas aos diálogos socráticos (logoterapia) e aos sentidos revelados aos participantes no processo, enquanto resgatam seus projetos personalizados.

Encontrar na biografia musical, no cantar em grupo e na criação de um espetáculo poético-musical (protagonismo), valores em saúde, estratégias de acesso ao noético, além de novos caminhos para a reabilitação psicossocial, estes foram os desafios com os quais a criação do approach logomúsica se deparou durante os dez (10) meses de trabalho de campo.

Neste percurso singular, no qual a logoterapia se encontrou com o mundo poético-musical da musicoterapia, convocamos o poder do som, da poesia, da sensibilidade e da inventividade em grupo (enquanto valores noéticos), permitindo que os diálogos socráticos, os desafios da escuta do sentido e as tarefas noéticas (os projetos personalizados de cada um) pudessem caminhar lado a lado com outras linguagens (não-verbais), outros saberes (estéticos) e a força de outros sentidos.

Para Cavalcante e Aquino (2010), o diálogo socrático, caminho próprio do ser logo-educador, auxilia no parto, no encontro do sentido da vida, na descoberta dos valores, no caminho da autorrealização de cada ser humano, porque atua de forma dialógica, estimulando a liberdade, a responsabilidade e o despertar natural das potencialidades de cada um. O projeto personalizado na logoterapia, por sua vez, representa a tarefa existencial a ser cumprida em cada momento, no desafio concreto de cada experiência existencial, enquanto resposta concreta (valores) que damos a uma pergunta que a vida nos coloca e não como pergunta que colocamos à vida. Frankl (1989) nos lembra que não somos nós que perguntamos o que ainda podemos esperar da vida mas, ao contrário, é a vida que nos pergunta o que ainda pode esperar de nós. A vida nos desafia com perguntas concretas (situações concretas) e nossa resposta, segundo Frankl (2008), verdadeiramente humana, genuína, só poderia vir de nossa aceitação da liberdade e responsabilidade que nos cabe diante da existência. Assim, quando Frankl (2005) fala em sentido da vida enquanto chamado, refere-se ao fato de que é a vida que apresenta as situações concretas, é a vida que apresenta as perguntas e somos nós que respondemos à vida, somos nós que descobrimos o sentido a cada momento para nossas experiências, sentido sempre único para cada indivíduo. Descobrimos o sentido da vida como valores profundos, valores da liberdade, da nossa capacidade de responder, de escolher, de descobrir o que podemos dar, o que a vida tem ainda a nos oferecer, descobrimos nas atitudes livres, ainda quando em situações trágicas. Como psiquiatra, filósofo, educador e sobrevivente de quatro campos de concentração, Viktor Frankl sabia do que falava ao dizer que a vida é que nos coloca as perguntas e nós é que respondemos o que ainda podemos dar à vida.

O desafio de integrar a proposta da logoterapia com a musicoterapia, em um contexto de criação não-verbal, e de liberação do saber grupal, nos aproximou, cada vez mais, do ponto de vista metodológico, das trilhas da pesquisa-ação, pautados na dialogicidade, na inclusão dos saberes dos excluídos e na valorização do protagonismo, constituindo, assim, a própria base metodológica desta pesquisa. A necessidade da educação mútua de pesquisadores e sujeitos-pesquisadores, em uma jornada problematizadora e de participação de toda a comunidade, foi a revelação mais importante nesse processo metodológico de transformar para conhecer.

Assim, a valorização do resgate da biografia musical dos participantes, da improvisação como aprendizado dialógico, do canto coral como descoberta de valores noéticos e a construção do espetáculo coletivo como caminho de empoderamento, tiveram por base metodológica a pesquisa-ação crítica na logomúsica. Estes foram os pilares deste novo approach musicoterápico.

Este trabalho, que teve a duração de dez (10) meses de intervenções poéticasmusicais, e diálogos socráticos na promoção da saúde mental, iniciou seu percurso na vida dos pesquisadores no ano de 2004. O mestre Buber (2004) nos lembra que toda a verdadeira vida é encontro. E tem razão. Toda verdadeira vida é encontro. E assim como esta pesquisa-ação, baseada na transformação pela via do encontro, este percurso também começou, em março de 2004, quando iniciamos, junto com outros pesquisadores, uma longa jornada de vivências, projetos, oficinas e pesquisas envolvendo o encontro da logoterapia com a musicoterapia.

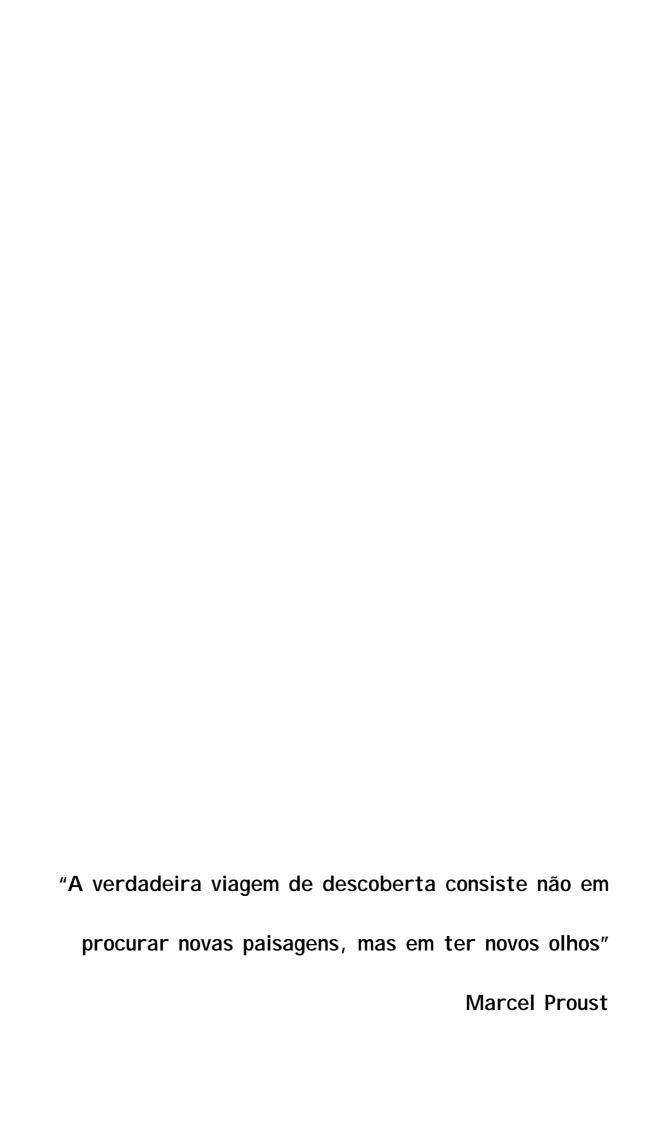
Vivências, oficinas e projetos na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, CAPS semi-internação de Ribeirão Preto (muitos em parceria com a Liga de Psiquiatria da EERP-USP), Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo e Hospital Santa Teresa de Ribeirão Preto (com o apoio da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo), envolvendo pacientes, usuários, professores, alunos e profissionais da saúde, fizeram parte desta jornada de nove (09) anos de entrega e transformação pela via da música, do corpo, da criação coletiva e do sentido, sempre inspirados na logoterapia e tendo no trabalho com a biografia musical, o canto coral e a construção coletiva de um espetáculo poético-musical sua base metodológica (recebendo apoio e intervenções de todos para este resultado).

A dissertação de mestrado (pesquisa-ação) dos pesquisadores "O caminho noético: o canto e as danças circulares como veículos da saúde existencial no cuidar", defendida nesta instituição, foi também parte de um destes trabalhos de aproximação, diálogo e construção de um caminho possível unindo a logoterapia e a musicoterapia (valorizando-se, nesta pesquisa, as danças circulares e o canto coral como recursos terapêuticos e canais para uma educação para o noético).

Em 2010 a pesquisadora Juliana Leonardi iniciou sua especialização em Logoterapia Aplicada à Educação no Instituto de Educação e Cultura Viktor Frankl – IECVF, tornando-se colaboradora, a partir de então, em programas e projetos de logoterapia aplicada à saúde e educação, no mesmo Instituto. Os laços, assim, da logomúsica, passaram a ter uma base teórica e prática cada vez mais sólida graças a essa aproximação. Esse foi, sem dúvida, um passo importante no amadurecimento da logomúsica, pois a aproximação dos pesquisadores com a logoterapia se dá cada vez mais com esse vínculo com o Instituto de Educação e Cultura Viktor Frankl.

Destes nove (09) anos de encontros, parcerias e trabalhos, dedicados à integração da logoterapia com a musicoterapia, nasceu o approach logomúsica, neste período de pesquisa de Doutorado na Escola de Enfermagem da Escola de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, assim denominado pelos pesquisadores por integrar os pilares da logoterapia de Viktor Frankl com a musicoterapia. O approach logomúsica é uma proposta musicoterápica que integra os pilares da logoterapia a vivências poéticas-musicais construídas com o apoio dos diálogos socráticos (fundamentados na logoterapia) ao longo de ciclos temáticos (baseado nos valores noéticos). Durante esses ciclos (apontados pelos temas noéticos emergentes do grupo), os participantes trabalham seus projetos personalizados (desafios pessoais) através de vivências musicais, biografia musical, canto coral e competências sociais, criando uma mostra coletiva (protagonismo) baseada no sentido da vida, revelado aos participantes no percurso do processo. O espetáculo tem um objetivo terapêutico e de valorização da vida, como forma e recurso de transformação pessoal, social, de empoderamento e atuação comunitária.

Esperamos que esta jornada - sobretudo, as possibilidades práticas e terapêuticas deste trabalho - possam contribuir para o despertar de um novo olhar entre os cuidadores da saúde mental. Que possamos aprender - com os saberes dos excluídos, com as possibilidades do corpo, do lúdico e de novas sensibilidades na pesquisa - e descobrir novos caminhos possíveis para o conhecimento em saúde mental.



Segundo a Dra. Elisabeth Lukas, uma das mais importantes discípulas de Viktor Frankl, "o século XX registrou um aumento de alterações psíquicas maior que o vertiginoso crescimento da população mundial, fazendo a proporção entre indivíduos psiquicamente estáveis e instáveis inclinar-se a favor dos últimos" (LUKAS, 2006, p. 7) Ainda segundo a Dra. Elisabeth Lukas, três fatores históricos particulares de nossa época pós-moderna destacam-se na compreensão do processo de adoecimento mental mundial: a crise da instituição família, a ruptura das tradições e a solidão do indivíduo na massa (LUKAS, 2006, p. 7).

Este reconhecimento da interdependência de fatores históricos e sociológicos para o adoecimento da saúde mental da comunidade mundial traz implicações profundas, segundo Lukas (2006), na forma como iremos enfrentar o processo saúdedoença na atualidade. Acreditamos que este olhar histórico seja muito importante no contexto atual da saúde mental, não apenas para os desafios do movimento antimanicomial, mas, sobretudo, para o que nos espera no futuro, em um contexto extramuros, a muitos de nós.

Assim, acreditamos que as estratégias na promoção da saúde mental hoje exigem uma aproximação maior com os caminhos do ser educador, da partilha de valores, das ações culturais e comunitárias, das vias de aprendizado e atualização das potências do ser humano. O nosso tempo histórico nos desafia, como nos lembra Lukas (2006), a uma nova e radical visão de homem para que seja possível uma educação para a esperança, um real trabalho de promoção da saúde mental. Cada usuário hoje de um centro de atenção psicossocial está inserido nesta realidade histórica maior, assim como a equipe de saúde: uma realidade de ruptura de tradições e de solidão na massa. É preciso encontrar caminhos possíveis para acessar a dimensão de liberdade, responsabilidade, saúde e valores, tanto nos usuários como na equipe, impulsinando comunidades no aprendizado mútuo da decisão e da ação, da redescoberta e da solidariedade nesta trama social. Trata-se de um processo pedagógico e de cuidado, simultaneamente. Um processo dialógico, de valorização do protagonismo dos excluídos e de atualização das potências humanas no caminho de educar para a saúde. Mas trata-se de um educar (socrático) que ofereça apoio neste processo de autorrealização, processo intransmissível, que não pode ser educado, pois encontra-se

na realidade da realização da existência. Nas palavras de Frankl (apud XAUSA, 1986, p. 124),

> O espiritual, todavia, é intransmissível. O psíquico, além de herdado através da disposição genética, é ainda plasmado pela educação. Chegamos à seguinte formulação: o físico é dado pela hereditariedade - o psíquico é dirigido pela educação; o espiritual, contudo, não pode ser educado, tem de ser realizado - o espiritual é só na autorrealização, na realidade da realização da existência.

Assim, trazendo esta visão do noético em Frankl (que não pode ser educado, mas apenas autorrealizado) é possível traçar comparações teóricas entre Paulo Freire e Viktor Frankl. Tanto Freire (2001) como Frankl (2008) criticaram a visão determinista do homem, e ambos conceberam uma autoeducação que o tornem mais consciente de seus condicionamentos e atualizem suas potências. Para Frankl (1993) e Freire (1987) a experiência da responsabilidade (própria do humano) está associada à educação como prática da liberdade, ao aprendizado da decisão e ação. Vemos aqui, na decisão e ação, a autorrealização do homem de que nos fala Frankl, na realidade da realização da existência. E por ser decisão e ação, escolha em liberdade e responsabilidade, é um caminho intransmissível. O homem não pode fugir a essa responsabilidade que lhe cabe, de condenação à liberdade na dimensão espiritual. Para Frankl (1991), essa capacidade de escolha e autorrealização (própria do noético) é ampliada na medida em que o ser humano tem acesso a uma autoeducação para a responsabilidade. Então aqui já podemos afirmar que a proposta da logomúsica é educar para a responsabilidade na saúde (via experiências musicais e criativas), para promover a saúde do indivíduo de forma dialógica, socrática, caminhar nessa realização da existência, todos juntos (pesquisadores e sujeitos pesquisadores), enquanto aprendizes.

Segundo Cavalcante e Aquino (2010), em artigo Sentido de vida na educação: um estudo comparativo entre Freire e Frankl, educação e responsabilidade estão relacionadas nas obras dos autores, pois o conhecimento e o compromisso caminham juntos nessas perspectivas teóricas. Fazendo uma ponte com a saúde, podemos dizer que há esse aprendizado da decisão e ação, esse resgate uma vez mais da autonomia, da liberdade, do potencial, da responsabilidade e das potências do homem (um ser inacabado que almeja ser, mas é um sendo). Frankl (1993) defende - nesse caminhar de ação e decisão, busca e liberdade - que o sentido pode e deve ser encontrado na vida e que este caminho consiste, na realidade, no trabalho de promoção da saúde.

A logoterapia, portanto, é um processo terapêutico, segundo Dourado et al. (2010), que "trabalha sempre com a dimensão saudável do ser humano, ou seja, a dimensão noética" (p. 84).

Essa descoberta de um novo homem, de possibilidades adormecidas em cada ser, de potências a serem atualizadas no humano, a revelação de um estado de saúde que jamais doença alguma poderia atingir na esfera do nouz. São esses os convites que Frankl nos faz no momento histórico presente e no contexto da luta antimanicomial.

Houve um momento, segundo Saraceno (1998), em que a luta antimanicomial teve um único objetivo: acabar com os manicômios. Mas com o tempo e os novos desafios históricos, percebemos que o que se exigia do movimento era muito mais, era descobrir também caminhos alternativos, projetos inovadores, não apenas acabar com as instituições (SARACENO, 1998). A fase de crítica negativa da instituição havia passado e hoje nos encontramos, segundo o autor, em um momento histórico no qual o desafio é saber que tipo de novos serviços estamos pensando e quais são os muros atuais a serem demolidos.

Falar de muros manicomiais hoje, é falar da permanência de muros internos, muros de preconceitos, muros de padrões mentais limitantes, muros de relações de afeto miseráveis, muros que se relacionam a uma visão de mundo e de homem que limita as possibilidades de ser e atuar no mundo, muros de uma formação acadêmica ainda reducionista e que exclui a dimensão do sentir e agir, muros de um materialismo próprio de nossa cultura que insiste em excluir a dimensão de espiritualidade (dimensão noética) no ser humano, que Frankl tanto valoriza. São esses os muros do manicômio que ainda existem em nós.

Pensando nestes muros atuais, gostaríamos de citar uma passagem do livro Libertando identidades - da reabilitação psicossocial à cidadania possível de Saraceno (1999), no qual o autor compara esses muros internos à limitação de nossa capacidade de descoberta (saber ver) e de aprendizagem (saber usar) toda riqueza disponível ao nosso redor, bem como o árduo caminho de educação que precisamos percorrer enquanto profissionais da saúde para nos libertar dos saberes e afetos cegantes nesta jornada. A comparação de Saraceno (saber ver, saber usar) encontra muitas ressonâncias com este caminho de liberdade, responsabilidade e autorrealização no noético que Frankl nos aponta. Nas palavras de Saraceno,

não só os manicômios (ou ambulatórios) são miseráveis (sem recursos) mas são também vazios de relações afetivas e mortíferas (para os que tratam e para os que são tratados); exatamente como uma ilha desabitada, sem água nem vida. A educação de Robinson é um percurso de descoberta (saber ver) e de aprendizagem (saber usar). A água, os frutos, os peixes, as arapucas, os arbustos, e enfim o Sexta-Feira existiam também antes mas foram descobertos somente 'depois' do desimpedimento dos saberes e afetos cegantes ao invés de iluminadores (SARACENO, 1999, p. 98).

A antropologia frankliana muito tem a contribuir aos desafios do movimento antimanicomial hoje. Não se trata de uma reforma política, organizacional ou de serviços. Acreditamos que tudo isso tem seu valor e deve continuar a ser trilhado e debatido no movimento antimanicomial. A contribuição de Viktor Frankl no caminho da saúde mental, contudo, é mais sutil. Frankl (1986) nos convida a demolir os muros internos do que acreditávamos ser o humano. Sua obra amplia, dilata nossa visão de mundo e de homem e, por isso mesmo, amplia e dilata as possibilidades de descoberta (saber ver) e de aprendizagem (saber usar) de que nos fala Saraceno em seu livro Libertando identidades - da reabilitação psicossocial à cidadania possível. Frankl (1989) nos convida na verdade a ampliar nossa dimensão do humano, incluindo em nossa existência biológica e psicológica, a vida espiritual (noética). A contribuição de Frankl (1986) ao debate atual da luta antimanicomial se dá na esfera da descoberta de novas formas de ver o humano, a vida, o sentido dos desafios da vida, sentido este revelado no cotidiano, na relação, mesmo na dor, na doença ou na loucura. Sua contribuição se dá na descoberta de novas formas de nos relacionar, novas formas de pensar, sentir e agir no campo do cuidar-educar para a saúde, uma forma que nasce do reconhecimento e do resgate desta dimensão noética, dessa condição da responsabilidade, da prática da decisão e da ação como próprias da saúde.

Frankl (2008) foi médico psiquiatra, humanista e filósofo, mas foi sobretudo um ser humano que colocou à prova sua filosofia da liberdade nos campos de concentração. Mesmo diante dessa visão horrível, que a 2ª Guerra Mundial nos deixou, afirmou ser possível sermos livres para, embora nem sempre livre de.

Acreditamos que a visão de mundo e de homem que Viktor Frankl nos revela em sua obra, bem como os fundamentos de sua psicoterapia (logoterapia) no campo da saúde, constituam nestes tempos grande auxílio na descoberta da água, dos frutos, dos peixes, das arapucas, dos arbustos e do 'selvagem' Sexta-Feira da ilha desabitada em nós de que fala Saraceno (1999).

A demolição dos muros atuais se tornou, portanto, demolição dessa visão de mundo e de homem que coisifica o homem, reduz o outro à sua patologia, excluindo sua dimensão noética, sua dimensão para a liberdade, e não educando para a responsabilidade. A demolição deve acontecer nos modelos sem vida acadêmicos, modelos que nos afastam do cuidar-educar para a decisão. A demolição deve acontecer nos muros de formas de pensar, sentir e agir que nos afastam do encontro genuíno com o outro e nos muros que nos impedem de viver os valores humanos de forma comprometida e plena de sentido.

Como psiquiatra, humanista e filósofo, Frankl (1990) está mais interessado na descoberta do potencial humano, na afirmação do humano, em como nós cuidadores, educadores e pesquisadores, afirmando esta vida, esta água, estes frutos da vida, que antes ignorávamos, descobrimos então a nova vida, atualizando potências.

Acreditamos que a grande problemática na compreensão, vivência e promoção daquilo que entendemos vagamente por saúde mental hoje reside, em parte, no fato de reproduzirmos, ainda que inconscientemente, as contradições e os conflitos de nossa época nesse encontro e cuidado com o outro. Enquanto profissionais, ainda reproduzimos o desencontro, pois, nossa época histórica, caracteriza-se, em especial, pelo isolamento e desencontros humanos. A questão dos valores em saúde mental e a nossa relação com o outro, passam, assim, inevitavelmente, por questões e problemáticas de ordem existencial que enfrentamos todos no momento presente.

A antropologia frankliana coloca na dimensão dos valores, da partilha e da liberdade (responsabilidade), o verdadeiro propósito e autenticidade de nossa humanidade, ainda que flagelada.

A contemplação da dimensão noética no homem e a realização do sentido de vida por meio dos valores, como caminho para a saúde mental, exigem, entretanto, uma profunda reflexão dos profissionais de saúde sobre a história da ciência e a crise de paradigmas que enfrentamos no momento presente em todas as áreas do conhecimento.

Acreditamos que o encontro e o aprendizado com a dimensão noética no homem seja uma exigência de nosso tempo presente. Um tempo que presenciou um avanço extraordinário do conhecimento científico e da tecnologia, mas que não conseguiu responder as questões mais essenciais e vitais da vida humana. Tempo histórico, aliás, que assiste ao avanço cada vez mais acelerado de um modo de ser em nossa cultura que se caracteriza pela destruição e que procura limitar e mesmo

desacreditar todas as formas e possibilidades de um pensar livre e ancorado em valores humanos.

Em Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pósmoderna, Santos (1988) discute as condições sociais e científicas que contribuíram para a crise e o questionamento dos valores do paradigma dominante e o surgimento de novos valores e saberes no paradigma emergente da ciência. Inicia sua reflexão convidando-nos a retomar algumas perguntas e questões simples feitas por Rousseau no século XVIII, mas bastante atuais e relevantes para enfrentarmos melhor esse período de transição histórica e do conhecimento.

> Tal como noutros períodos de transição, difíceis de entender e de percorrer, é necessário voltar às coisas simples, à capacidade de formular perguntas simples, perguntas que, como Einstein costumava dizer, só uma criança pode fazer mas que, depois de feitas, são capazes de trazer uma luz nova à nossa perplexidade. Tenho comigo uma criança que há precisamente duzentos e trinta e oito anos fez algumas perguntas simples sobre as ciências e os cientistas. Fê-las no início de um ciclo de produção científica que muitos de nós julgam estar agora a chegar ao fim. Essa criança é Jean-Jacques Rousseau. No seu célebre Discours sur les sciences et les arts (1750) Rousseau formula várias questões enquanto responde à que, também razoavelmente infantil, lhe fora posta pela Academia de Dijon. (...) Para lhe dar resposta -do modo eloquente que lhe mereceu o primeiro prêmio e algumas inimizades -Rousseau fez as seguintes perguntas não menos elementares: há alguma relação entre a ciência e a virtude? Há alguma razão de peso para substituirmos o conhecimento vulgar que temos da natureza e da vida e que partilhamos com os homens e mulheres de nossa sociedade pelo conhecimento científico produzido por poucos e inacessível à maioria? Contribuirá a ciência para diminuir o fosso crescente na nossa sociedade entre o que se é e o que se aparenta ser, o saber dizer e o saber fazer, entre a teoria e a prática? Perguntas simples a que Rousseau responde, de modo igualmente simples, com um redondo não (SANTOS, 1988, p. 47).

Santos (1988) nos mostra que a ambigüidade e a complexidade do tempo científico presente tem relação com o próprio avanço da ciência e com as contradições do próprio conhecimento científico, e também com as contradições de uma sociedade que, apesar do elevado grau de domínio tecnológico e informação, não consegue dar respostas às questões mais essenciais e urgentes da humanidade, a saber, a felicidade e a possibilidade de uma partilha e vivência mais solidária e dialógica no mundo.

Nas mesmas linhas e problemáticas levantadas por Santos (1988), em nossa trajetória pessoal e profissional, compartilhamos das buscas e questionamentos do professor e pesquisador Brandão (2005), em seu belíssimo trabalho Aprender o amor

sobre um afeto que se aprende a viver, no qual discute a produção do conhecimento acadêmico e a necessidade de novos saberes para nossas sociabilidades e nossa condição humana. Acreditamos que as mudanças na formação e na produção de saberes dos profissionais de saúde mental sejam fundamentais também na compreensão das trilhas do noético. Segundo Brandão (2005, p. 25), o que a educação e a ciência necessitam nesses novos tempos, é justamente a restauração de sentidos profundamente curativos e perdidos ao longo de nosso processo histórico: "amor, emoção, solidariedade, simplicidade, partilha, reciprocidade, generosidade, gratuidade, coresponsabilidade, presença, participação, cooperação, colaboração, comunicação, diálogo". Brandão fala da necessidade de cenários pedagógicos livres e construídos a partir da vivência e partilha de tais valores como reais contextos de educação e produção de saberes que possam responder às questões mais relevantes e difíceis que a humanidade enfrenta no presente momento (BRANDÃO, 2005).

Assim, pensar e partilhar a experiência e promoção da saúde mental em uma dimensão noética, ou seja, verdadeiramente humana e livre, repleta de sentidos e plenitudes existenciais, em um autêntico e genuíno encontro com o outro, na aceitação da alteridade e das descobertas de um saber partilhado e construído na solidariedade, é um desafio para nós, profissionais de saúde mental, no século XXI. E esse desafio deverá ser enfrentado e confirmado primeiro na saúde e no sentido de vida de cada profissional. A partir dessa ampliação de mundo e de homem do próprio cuidador, o desafio deverá ser enfrentado na aventura de ir ao encontro de outro ser, pleno e infinito de possibilidades, e que irá revelar, na beleza da partilha, o próprio caminho do que chamamos saúde e que, infelizmente, tão distante e difícil parece para quem vive a dura e triste realidade dos centros de reabilitação e instituições psiquiátricas.

Se a dimensão noética, ou seja, a autorrealização, não começar em nossas próprias vidas, pouco poderemos ajudar no sofrimento e isolamento desse outro, pois nós mesmos, como profissionais, estaremos reproduzindo o isolamento e a falta de plenitude existencial e de trocas tão presentes na pós-modernidade. As questões de saúde mental são questões acima de tudo históricas e que pedem uma revisão profunda dos nossos valores culturais e da própria história da psiquiatria.

Segundo Kantorski (2004), é importante lembrar que nos últimos anos o próprio conceito de saúde mental vem adquirindo cada vez mais enfoque e força multidisciplinar e multiprofissional, substituindo, aos poucos, os conceitos tradicionais ligados ao trabalho exclusivo do psiquiatra e centrados apenas na doença mental e nos

processos patológicos como caminho para o conhecimento e a intervenção. Essas transformações nos paradigmas de atenção em saúde mental e os questionamentos e críticas em relação aos modelos de tratamento e assistência terapêutica da psiquiatria tiveram seu início no mundo pós-guerra com os movimentos reformistas da psiquiatria, como a psicoterapia institucional (na França), as comunidades terapêuticas (na Inglaterra e nos EUA), a psiquiatria de setor (na França), a psiquiatria comunitária (EUA), a antipsiquiatria (Inglaterra) e as propostas e experiências da psiquiatria democrática de Basaglia, na Itália (KANTORSKI, 2004).

Essa mudança de paradigma e perspectiva nas ciências e medicina possibilitou a dilatação e ampliação de muitas atividades antes consideradas apenas psiquiátricas. Nas palavras de Ribeiro (1996),

> O hospício, o asilo, a "loucura", deixam de ser vistos como o ponto central do atendimento psiquiátrico, e cedem lugar à ação de "novos profissionais", novos conceitos e novas formas de tratamento e prevenção. Na medida em que a interdisciplinaridade ganha força nas ciências e campos profissionais em geral, e na medicina, em particular, e novos conceitos são incorporados, como o de normalidade, que ocupa o espaço antes preenchido pela enfermidade, os profissionais que tinham antes um modelo curativo passam a ter acesso a um novo movimento que prioriza a saúde ao invés da doença, a prevenção antes da cura e a atuação conjunta multiprofissional no lugar da ação isolada e preceptoral do psiquiatra (p. 16).

É, portanto, nesse contexto dos princípios da reforma psiquiátrica brasileira, que este trabalho de pesquisa-ação aproximou logoterapia e musicoterapia, convidando para o cenário dessa aproximação, o universo poético-musical como estratégia inovadora na promoção da saúde mental.

Assim, gostaríamos de fazer algumas referências nesta introdução, ainda que breve, ao surgimento da musicoterapia no contexto das práticas de saúde e tecer possíveis aproximações e diálogos com a enfermagem psiquiátrica na atualidade.

A musicoterapia surge no contexto de investigação científica a partir da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) nos EUA com o objetivo de trabalhar a reabilitação do elevado número de soldados feridos de guerra. O primeiro plano de estudos que teve por objetivo investigar os efeitos clínicos e terapêuticos do som e da música foi elaborado em 1944 em Michigan (EUA). A partir dessas primeiras experiências e dados médicos obtidos com o trabalho, foram se desenvolvendo, desde 1944, diversos planos de estudo e esquemas de organização e investigação na área.

Equipes formadas por músicos, médicos, psicólogos e pedagogos contribuíram inicialmente para a fundamentação e sistematização da musicoterapia quanto aos seus procedimentos de trabalho e métodos de atuação. Atualmente a musicoterapia já possui um corpo teórico e metodológico próprio e este continua a se desenvolver através da clínica e pesquisa musicoterápica. Associações nacionais e internacionais para a terapia musical foram criadas desde 1950 nos EUA, América Latina e Europa, e os primeiros cursos de graduação e pós-graduação na área se desenvolveram de acordo com a linha de abordagem musical e psicoterápica adotada pelos precursores no país. Os primeiros cursos de graduação e pós-graduação, no Brasil, foram fundados em 1971, no Paraná e Rio de Janeiro.

Atualmente a musicoterapia é uma carreira de nível superior, reconhecida pelo Conselho Federal de Educação desde 1978. Conta com o apoio e reconhecimento da Organização Mundial de Saúde (OMS). Segundo Bruscia (2000),

> Musicoterapia é a utilização da música e/ou dos elementos musicais (som, ritmo, melodia e harmonia) pelo musicoterapeuta e pelo cliente ou grupo, em um processo estruturado para facilitar e promover a comunicação, o relacionamento, a aprendizagem, a mobilização, a expressão e a organização (física, emocional, mental, social e cognitiva) para desenvolver potenciais e desenvolver ou recuperar funções do indivíduo de forma que ele possa alcançar melhor integração intra e interpessoal e consequentemente uma melhor qualidade de vida (p. 53).

As escolas ou caminhos da musicoterapia atual podem ser divididos tendo como base dois referenciais: música e teoria psicoterapêutica. Em relação ao referencial da música, os paradigmas musicoterápicos estão divididos em músico-centramento e não músico-centramento. Quanto às teorias psicoterapêuticas, as linhas musicoterápicas dividem-se em médico-organicista, psicodinâmicas, behavioristas, existenciaishumanistas, sócio-culturais, teorias corporais e de movimento entre outras. Essas divisões são importantes para mostrar que embora todos os musicoterapeutas estejam unidos pelo valor que depositam na experiência sonoro-musical na promoção da saúde, as diferentes áreas de atuação, enfermidades e níveis da dimensão do ser que procuram cuidar, acabam por revelar a pluralidade das teorias e práticas musicoterápicas.

Ainda assim, podemos afirmar que o que une as diversas correntes no campo da musicoterapia é justamente o universo sonoro-musical enquanto veículo na promoção da saúde, seja promovendo a comunicação, facilitando o aprendizado grupal,

a percepção de si ou como recurso de estimulação cognitivo-comportamental conforme a teoria e prática musicoterápica.

Nossa posição é que a musicoterapia, enquanto ciência e prática terapêutica, só tem a enriquecer com a diversidade de linhas e pesquisas, que esperamos continuem a explorar cada vez mais cada um dos aspectos do universo sonoro-musical na sua relação com as dimensões do humano, contribuindo, assim, para a promoção da saúde nas várias possibilidades de intervenção e atuação. Nossa proposta, portanto, não é negar as contribuições das diversas correntes musicoterápicas e nem considerar que apenas um caminho seria possível, mas apenas apresentar a logomúsica como mais uma possibilidade de promoção na saúde, trazendo algumas particularidades que a tornam singular por esta união com a logoterapia, que implica em uma visão de pessoa única.

Na verdade, é importante não nos esquecermos que Frankl (2005) nos lembra que todos os demais aspectos estão integrados ao noético. O aspecto biológico está integrado ao noético. O aspecto psicológico (que inclui o social) está integrado ao noético. Porque a dimensão superior (no caso a dimensão noética), segundo Frankl (1986), inclui a inferior. Há uma diversidade ontológica mas em uma unidade antropológica. A questão é que o olhar de Frankl não reduz o homem ao psicofísico. Então no trabalho com a logomúsica, reconhecemos também todos estes níveis, valorizando o conhecimento da relação do som com o ser humano em seus níveis físico, cognitivo-comportamental, social e afetivo entre outros, mas vamos além também, incluindo um projeto sonoro-musical personalizado na comunicação musical, na descoberta de si, do outro, que consideramos como autorrealização própria do noético. A logomúsica, assim, inclui este desafio de educar para a responsabilidade no seu processo de percepção de si e do outro por meio da música, trabalhando a superação de limites e a atualização de potências (no nível noético), tendo a música como facilitadora. Reconhecemos nesta dimensão o verdadeiro humano e na música um canal de acesso a essa dimensão. Então há um trabalho de educação na logomúsica, mas no sentido socrático, auxiliando o outro em sua trajetória de autorrealização.

O que difere na *logomúsica* é este olhar de pessoa e essa visão da relação som-ser humano-som, pois reconhecemos também no fazer música, na audição musical, vivências sonoro-musicais de autorrealização no noético. Na logomúsica a busca de experiências sonoro-musicais se dá nesse sentido, no sentido de viabilizar o acesso a essa autorrealização noética. Portanro o musicoterapeuta, na logomúsica, deve ser também um educador (no sentido socrático), auxiliando por meio da música, dos diálogos, da tomada de decisão e ação em grupo, este despertar da consciência da responsabilidade na saúde, assumindo as potências que existem em nós à espera de serem atualizadas (no sentido de um aprendizado que se dá no nível da liberdade e da responsabilidade).

Gostaríamos de apontar a riqueza de algumas pesquisas recentes sobre o impacto da música na saúde, nos aspectos físico, cognitivo e cultural, mostrando, assim, as várias facetas desse complexo som-ser humano-som de que trata a musicoterapia. Segundo o pianista e compositor americano Robert Jourdain, autor de Música, cérebro e êxtase: como a música captura nossa imaginação, a importância da música no processo de evolução humana está no fato de ser inerente à própria constituição humana e estar presente em todas as culturas (JOURDAIN, 1997, p. 441). Jourdain se aproxima da música acompanhando sua evolução sonora e examinando a maneira como o cérebro processa os diversos dispositivos musicais, como o ritmo, a melodia e a harmonia. Nesta obra magnífica Jourdain nos convida a modificar nossa forma de escutar música, nos auxiliando a perceber toda a dinâmica cerebral envolvida no processo de ouvir música e fazer música, assim como revela o impacto da audição musical em vítimas de danos cerebrais.

Em seu artigo "Música, comportamento social e relações interpessoais", publicado na Revista Psicologia em Estudo, Ilari (2006), PhD em Música pela McGill (Canadá), revela que pesquisas Universidade na linha cognitivocomportamental, feitas nos últimos tempos, tem apontado para o efeito da música nas relações interpessoais e como artefato mnemônico que acaba por estabelecer "ligações entre as pessoas e os eventos, ajudando a armazená-los na memória" (ILARI, 2006, p. 197). Nas palavras de Ilari (2006, p. 197),

> Se todas as sociedades do mundo têm mantido formas de fazer música e atribuem sentidos próprios a estas, deve haver alguma razão para tal fenômeno. Não é difícil percebermos que a música está por todas as partes, e faz parte da vida de diversos povos, religiões e formas de lazer. Das mães que cantam para os seus bebês aos adolescentes que ensaiam uma banda de rock na garagem; da debutante que valsa com seu pai aos noivos que trocam alianças na igreja ao som de 'Ave Maria'; dos filhos de imigrantes japoneses que cantam num karaokê aos carnavalescos que dançam incessantemente celebrando, apesar dos pesares, a alegria de viver: todos estes e demais usos da música integram e dão algum sentido à vida cotidiana.

Além da conexão dos dispositivos musicais com estudos de neurociências e estudos cognitivo-comportamentais recentes, como estes citados, o que já justifica a importância da música na área da saúde, temos uma outra vertente do ponto vista cultural e social que envolve a música para promover saúde. Atualmente o musicoterapeuta norueguês, Ruud (1991), Professor do Instituto de Música da Universidade de Oslo, desenvolve pesquisas nesta linha, e alguns de seus trabalhos e métodos de promoção da saúde através da música se aproximam deste olhar sóciocultural. Ruud (1991) aponta para os elementos potencializadores da música na promoção de novos canais de comunicação, permitindo, através da via sonoro-musical, o acesso ao interior da vida do sujeito, a percepção de si e dos outros em contextos de aprendizado grupal (RUUD, 1991, p. 167-73). Ruud (1998) discute também os aspectos que ligam a música à identidade musical do sujeito. A música, assim, é expressada a partir de uma subjetividade (individualidade) e também do contexto cultural em que cada indivíduo se encontra e isso deve ser considerado no momento da pesquisa. Existem aqui alguns pontos que aproximam esta visão de Ruud (1998) de muitos momentos práticos e de intervenção em logomúsica, pois esta também reconhece e valoriza esta subjetividade musical no processo, a identidade sonoro-musical do verdadeiro humano, assim como considera o elemento cultural em seus canais de trabalho.

Em artigo publicado na Revista da Escola Anna Nery intitulado "A música terapêutica como uma tecnologia aplicada ao cuidado e ao ensino de enfermagem", a enfermeira e musicoterapeuta Dra. Leila Bergold, que se baseia nos aspectos teóricos desenvolvidos por Ruud (1998), discute aproximações possíveis e férteis entre as práticas da musicoterapia e as práticas da enfermagem. Nas palavras de Bergold (2009, p. 538),

> A enfermagem e a musicoterapia possuem interfaces que se relacionam com a visão integral do cliente e a busca por promover uma assistência holística que atenda aos aspectos físicos, emocionais e sociais deste, estimulando que expresse seus desejos e subjetividades e que exerça seu direito de escolha. Dessa forma, temos desenvolvido estudos transdisciplinares que apontam novas formas de promover o cuidado integral sensível e criativo, que alie ambas as disciplinas. (...) Assim, não devemos centrar o ensino de enfermagem no pragmatismo que afirma ser a aplicação do conhecimento científico a única resposta para os problemas do ser humano, e sim pressupor que o saber/fazer da enfermagem também

se encontra na esfera da subjetividade, se desenvolvendo por meio da intuição, da razão, de pensamentos, sentimentos e emoções. Dessa forma, o desenvolvimento da dinâmica musical tem por finalidade estimular a percepção de si e dos outros diante da singularidade de cada um, ao mesmo tempo em que permite que se descubram as conexões existentes no grupo, ampliando a capacidade de compreender o contexto complexo em que estão inseridas as relações humanas.

Já as pesquisas de sociopoética na enfermagem, feitas por Santos (2007) em colaboração com o Gauthier (1996), da Universidade de Paris, também muito têm a oferecer neste rico diálogo de valorização e aproximação da musicoterapia com a enfermagem, e, em especial, com algumas das práticas da logomúsica no seu processo de autorrealização, atualização de potências (feitas as devidas ressalvas, uma vez que também existem diferenças nas linhas teóricas). Mas, do ponto de vista de certas práticas e intervenções, há pontos em comum com os caminhos da sociopoética, na medida em que a pesquisa sociopoética também resgata o corpo como fonte do conhecimento, valoriza o papel da criatividade artística no aprender e pesquisar, aponta para o humano e a importância do sentido espiritual, inclui a dimensão intuitiva no processo de pesquisa, reconhece o lugar do outro como co-responsável no aprendizado e assume este compromisso de diálogo com as culturas dominadas.

Assim, podemos perceber que a enfermagem nos últimos tempos tem participado de algumas trilhas ousadas de pesquisas, que a levam a buscar e aprender novos saberes, novas formas de aprender a cuidar, a olhar o outro e assumir um diálogo também socrático e mais criativo neste processo. A música e o corpo como canais para o conhecimento passam a fazer parte do território das pesquisas da enfermagem nos últimos anos graças à sociopoética de Gauthier (1996) e Santos (2007).

Nossas questões norteadoras para esta pesquisa foram: a) Quais são as experiências de autorrealização essenciais para o fortalecimento da saúde mental dos usuários? Como o diálogo socrático, pautado nos temas da liberdade, responsabilidade, sentido da vida, valores humanos, pode contribuir para as mudanças de atitudes dos usuários? Como o resgate da biografia musical, o brincar sonoro, o canto coral e o protagonismo (fazer criativo em grupo) podem, integrados aos diálogos socráticos, contribuir para a prática da decisão e ação, da responsabilidade e liberdade dos usuários? Como a experiência musical e a palavra criadora (diálogo genuíno) podem favorecer a conexão com o noético existente nos usuários, mesmo diante de limitações e sofrimentos psíquicos graves? Como se daria o nascimento deste novo *approach* musicoterápico, existiriam fundamentos, etapas e métodos privilegiados nesse processo?

"Que o teu orgulho e objetivo consistam em pôr no
teu trabalho algo que se assemelhe a um milagre".
Leonardo da Vinci

3. OBJETIVOS

Criar um novo *approach* musicoterápico na promoção da saúde mental inspirado na logoterapia e nas abordagens musicoterápicas de base existencial-humanista e cultural, fornecendo, assim, novos subsídios para a saúde existencial no cuidar.

Marco Referencial



A primeira parte de nosso marco teórico tem por objetivo discutir o impacto da visão de mundo e de homem de Viktor Frankl no contexto das práticas inovadoras em saúde mental. A segunda parte deste marco teórico visa trazer alguns esclarecimentos das possibilidades da prática musicoterápica referenciada no caminho logoterapêutico, fornecendo, portanto, uma discussão para os pilares da *logomúsica*.

4.1 Pilares da Logoterapia

Breve História

A logoterapia nasceu da experiência médica e pessoal de Viktor Frankl no contexto da 2ª Guerra Mundial. Viktor Frankl (1905-1997) nasceu em Viena em um contexto de grande crescimento e produção para a nascente psicologia moderna. Frankl foi médico psiquiatra e doutor em filosofia, professor de neurologia e psiquiatria na Escola de Medicina da Universidade de Viena, professor de Logoterapia na United States Internacional University, de San Diego, Califórnia, e criador da moderna análise existencial e da 3ª Escola Vienense de Psicoterapia, ou Logoterapia, também conhecida como Psicoterapia através do Sentido da Vida. Frankl foi discípulo de Sigmund Freud, o criador da 1ª Escola de Psicoterapia de Viena, a Psicanálise, e de Alfred Adler, criador da 2ª Escola Vienense de Psicoterapia, a psicologia individual (GOMES, 1992). Ao longo de sua vida, Frankl foi convidado a fazer conferências e ministrar cursos em Análise Existencial e Logoterapia em diversos países de todos os continentes, inclusive no Brasil, onde esteve em 1984. Recebeu convite de quase duzentas universidades. Foi professor convidado nas universidades de Harvard, Stanford, San Diego, Southern Methodist University, Viena entre outras. Recebeu doutorados honoris causa da Loyola University (Chicago), Edgediff College, Rockford College, Universidade Católica de Porto Alegre, Universidade Católica de Buenos Aires e Universidade de Mendoza (FRANKL, 2003). Escreveu e publicou cerca de trinta livros e centenas de artigos em colaboração com outros profissionais. Suas obras já foram traduzidas para mais de vinte idiomas, incluindo o chinês e o japonês (GOMES, 1992).

Profundamente marcado e influenciado por pensadores e cientistas de orientação filosófica existencial-humanista ao longo de sua formação médica, Frankl,

como psiquiatra e neurologista, começou a desenvolver um pensamento autônomo, de forma a contestar a visão mecanicista de mundo e de homem, tão presente naquela época. Entre esses pensadores e cientistas citamos Max Scheler (1874-1918), filósofo e sociólogo alemão de grande influência para as bases do existencialismo, da fenomenologia e de uma antropologia filosófica, Nikolai Hartmann (1882-1950), filósofo alemão que trouxe importantes contribuições para a vida e a obra de Frankl em relação ao estudo das diferenças ontológicas no ser humano, Martin Heidegger (1889-1976), Karl Jaspers (1883-1969) e Martin Buber (1878-1965).

Em sua obra máxima EU e TU, Buber (2004) nos convida à prática do genuíno e autêntico encontro com a vida, mostrando a importância do olhar, do respeito à alteridade e do diálogo na compreensão da plenitude existencial do ser humano. A Filosofia do Encontro, de Buber (2004), tem ressonâncias profundas na proposta de Frankl de realização do sentido da vida por meio dos valores humanos, vivência esta que só é possível na relação, no mundo, na experiência da partilha solidária e no resgate de sentidos mais amorosos e fraternos.

Não menos importante foi sua relação, ainda que breve, com Carl Gustav Jung (1875-1961), criador da Psicologia Analítica, com o qual Frankl (1993) compartilhou algumas idéias e teorias sobre o Deus Inconsciente no homem.

Como podemos perceber, a formação e a leitura existencial-humanista de Viktor Frankl acabaram por promover o inevitável e necessário choque com as posturas e teorias de seus dois grandes mestres na psicologia, primeiro Sigmund Freud e depois Alfred Adler. Destituído, como "herético", de ambos os grupos e círculos psicoterapêuticos, Frankl inicia, então, sua própria jornada na psicologia e começa a escrever e publicar artigos trazendo os fundamentos e pilares da moderna análise existencial e da Logoterapia, ou Psicoterapia através do Sentido da Vida.

Em 1927, Frankl cria diversos centros de ajuda psicológica para jovens carentes da periferia de Viena. Nessa época, o índice de suicídio entre esses jovens era alarmante, por conta da aproximação da guerra. O trabalho clínico de Frankl com esses jovens, baseado na questão do sentido em psicoterapia, na crença incondicional da liberdade humana e de sua dimensão noética, ou espiritual, tornou-se um sucesso. Em 1931, os jornais publicaram estudos comprovando a erradicação do fenômeno. Frankl começa, então, a ser reconhecido internacionalmente (GOMES, 1992). Em 1930, graduou-se em Medicina pela Universidade de Viena, especializando-se e abraçando as áreas de psiquiatria e neurologia. De origem e família judaica, Frankl passa a dirigir, a partir de

1940, o departamento de neurologia do hospital judeu Rothschild, em Viena, dedicando-se exclusivamente a pacientes judeus (GOMES, 1992). Em 1941, Frankl casa-se com Tilly Grosser, em Viena. Nos primeiros anos da guerra, Frankl e sua família tentam um plano de fuga que acaba fracassando. O pai de Frankl procurou convencer o filho a pedir asilo nos EUA, onde poderia continuar seus estudos e trabalhos em Psicologia Clínica. Viktor Frankl vivia, entretanto, um conflito profundo em sua consciência, pois sabia que, logo após sua partida, seus pais iriam ser presos e acabariam em algum campo de concentração. Em 1942, a família Frankl é presa pela Gestapo e cada um levado para campos de concentração diferentes. Frankl viveu como prisioneiro nos campos de Türkheim, Theresieunstadt, Kaufering e Auschwitz. Assim como milhões de judeus, Viktor Frankl sofreu os horrores dos campos de concentração na 2ª Guerra Mundial. Frankl, sua família e esposa jamais se reencontraram. Sua visão de mundo e de homem ganha força e vigor existencial nos campos de concentração. Contrariando as expectativas deterministas e reducionistas da visão científica e médica dominantes, Frankl responde a essa experiência com uma obra de esperança e crença incondicional na liberdade e dimensão espiritual humana. Seu primeiro trabalho após a libertação, "Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração" (FRANKL, 1994), torna ainda mais fortes as bases e os caminhos de sua psicoterapia centrada no sentido da vida. No dia 27 de abril de 1945, Viktor Frankl foi libertado, aos 40 anos de idade. Frankl plantou inúmeras sementes de esperança, e de sentido para a vida de milhares de pessoas, por todos os lugares onde passou. Manteve uma intensa colaboração com inúmeros pesquisadores de diversas universidades. Ajudou a fundar institutos e organizações especializadas em Logoterapia em diversas partes do mundo. Em 30 de abril de 1984, foi fundada a Sociedade Brasileira de Logoterapia (SOBRAL) por ocasião da primeira visita de Viktor Frankl ao Brasil.

A Pessoa Humana Segundo a Logoterapia

Para iniciar nossa reflexão sobre como a Logoterapia vê a pessoa humana, gostaríamos de retomar algumas trilhas do ser apontadas pela Profa Dra. Carmen Cardoso (2010)¹, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da

¹ CARDOSO, C. A estrutura da pessoa humana segundo Edith Stein. Aula sobre Fenomenologia. II módulo do Curso de Especialização em Logoterapia Aplicada à Educação. Ribeirão Preto: Instituto de Educação e Cultura Viktor Frankl - IECVF/Centro Universitário Claretiano, 15 de maio de 2010.

Universidade de São Paulo, em sua aula sobre Fenomenologia no Curso de Especialização em Logoterapia Aplicada à Educação do Instituto de Educação e Cultura Viktor Frankl de Ribeirão Preto A Dra. Carmen Cardoso disse algo que nos tocou profundamente logo no início do encontro. Disse que "o caminho da logoterapia é o caminho da formação do ser, não um caminho de teorias, mas o caminho do ser logoterapeuta". Acreditamos que este é o caminho mais desafiador na logoterapia: compreender o lugar da formação do ser em nossas trilhas. Isso nos coloca em um trabalho de auto-educação, transformação e abertura essencial para a jornada genuína do cuidar/educar. Na aula ministrada pela Dra. Carmen Cardoso, tivemos a oportunidade de apreciar a trajetória de Edith Stein (STEIN, 1994) enquanto pensadora e ser humano e nos aproximar um pouco de suas contribuições no campo da fenomenologia para a compreensão da "estrutura da pessoa humana". Sua obra teve grande impacto na vida de Viktor Frankl. A questão é esta: O que é o ser humano? O que é próprio da constituição humana? Stein (1994) procura responder a estas questões a partir de diferentes diálogos e referências filosóficas, procurando contemplar o fenômeno humano, o que constitui o humano em sua essência. Edith Stein nos mostra então que há três dimensões possíveis de serem observadas no humano. Em um primeiro momento observamos que há uma materialidade, ou seja, uma dimensão que também partilha com o mineral, mas é mais que isso. Cada pessoa é singular e única, inclusive em sua corporalidade. E percebemos também que existem leis que regem essa organização do corpo, impulsionando uma série de transformações nesta corporalidade ao longo da vida. O que também vemos no vegetal e animal. Mas observamos que há algo mais no humano. Algo mais que uma corporalidade e leis vitais nessa corporalidade. Há uma psique, existem emoções no humano, uma dimensão que também partilha com o animal. A esta dimensão Edith Stein chama de psique. Mas Edith Stein diz que há algo mais que isso no humano também. Porque o animal não é capaz de compreender, dar sentido, significar, elaborar a emoção. Só o homem tem personalidade, só o homem é capaz de significar essas coisas, dar sentido, saber ser, saber conviver. Por isso há uma dimensão além dessa dimensão da psique no homem. A dimensão própria do humano, de sua essência, que o constitui, é a dimensão que Edith Stein chama de espiritual. Nessa dimensão reside a razão, a decisão, à vontade. Nessa dimensão o homem significa, transforma, elabora, coloca em movimento a força criadora, plasmadora de seu pensar, sentir e agir no

mundo de forma unificada, impulsionada pelo seu ser profundo. Essa dimensão do movimento, da abertura ao mundo, do fluxo, do sentido é o que nos caracteriza enquanto pessoa humana. Quando rompemos com esse movimento, essa dimensão, rompemos com aquilo que somos em nossa essência, rompemos com o humano, e, nesse momento, nos coisificamos. A partir dessa compreensão da estrutura de pessoa humana, segundo Edith Stein, uma pergunta fundamental passa a direcionar nossas vidas: Qual o sentido do cuidar, da ética do cuidado, de ser (sendo) a partir desta concepção do que é o humano? Acreditamos que neste caminho, nessa visão única do que somos, percebendo o ser humano como um ser aberto aos sentidos, à transcendência, ao movimento, a própria razão de ser do cuidador deve ser a solidariedade no cuidado dessa dimensão, para que cada pessoa possa encontrar onde deposita sua potência, como bem colocou Cardoso (2010). Cardoso (2010) também nos lembrou que "a gente almeja ser, mas é um sendo". A busca pelo sentido, pela potência (ser), as decisões, as escolhas nesse caminho, é que permitem ser sendo. Como impacto para nossa jornada humana, nossas trilhas do ser, o sentido da saúde (enquanto atualização de potência), passam a ter um outro sentido, um outro sopro, uma outra razão. As dificuldades, os limites e as dores de nossa existência, passam a ganhar então outra significação e encontramos uma liberdade, uma razão de ser, um movimento que até então não tínhamos, por limitar nossa própria condição humana às dimensões materiais de nossa jornada. Temos então, com essa visão, um novo sentido e meta para nossa jornada na terra. Um novo sentido para nossa missão enquanto cuidadores. Missão que revela justamente o caminho de servir de ponte para que os demais possam também encontrar a si mesmos a partir de suas potências mais profundas.

Em Psicoterapia e sentido da vida - Fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial, Frankl (1986) traz algumas reflexões importantes para compreendermos melhor seu conceito de pessoa a partir das contribuições de Nikolai Hartmann e Max Scheler. Para salvar o humano, em vista das aspirações reducionistas que este enfrenta no momento histórico atual, Frankl aponta a importância das obras de Nicolai Hartmann, no campo da ontologia, e de Max Scheler, no campo da antropologia. Segundo Frankl, esses autores distinguiram diversos graus ou camadas, como o corporal, que se ocupa da biologia, o anímico, que se ocupa da psicologia, e o espiritual, próprio do homem, sua dimensão de liberdade, vontade, responsabilidade, sentido. Mas Frankl (1986) nos lembra que há uma unidade antropológica apesar das diferenças ontológicas. Assim, a pessoa humana é uma unidade antropológica, embora com diferenças ontológicas. Caminhar nas trilhas da logoterapia significa primeiramente ver o outro como pessoa, nesta unidade antropológica, percebendo e reconhecendo todas suas dimensões, integrando todas suas dimensões, sobretudo suas potências noéticas, sua dimensão de liberdade, sua busca de sentido, sua realização diante dos valores e da responsabilidade (responder à vida).

E para isso o trabalho de promoção da saúde, de cuidado neste caminho de acesso ao noético, deveria incluir todas as estratégias possíveis para favorecer o acesso às experiências dos valores, do sentido, da responsabilidade, da liberdade e do reconhecimento da tarefa única e insubstituível que cada um deve assumir em seu cotidiano, em seu viver, ainda que diante da dor. Frankl (1978), em seu caminho logoterapêutico, cuidando da pessoa humana, fala, sobretudo, de possibilidades de escolha, de realização do sentido, da atualização das potências de nossa dimensão profunda em atos de criação, receptividade e atitude diante do viver. É neste ponto (das escolhas, atualização das potências, atitudes) que o approach logomúsica encontra sua base, sua linha mestra, com a pergunta: quais seriam estes caminhos musicais, estes atos criativos para promover a atualização dessas potências?

Os Três Caminhos Noéticos

Segundo Frankl (2003), todo indivíduo tem uma dimensão que nenhuma doença poderia jamais atingir. Considerou que o ser humano, na realidade, é um ser biopsico-espiritual. Frankl percebia a pessoa humana como sendo constituída de uma dimensão biológica (corporal), psíquica (incluindo o social neste aspecto) e noética (espiritual). Frankl (1986) afirmava, portanto, que o ser humano apresentava uma diversidade ontológica em uma unidade antropológica. Embora nos dois primeiro níveis de seu ser o homem esteja condicionado, na dimensão noética ou espiritual, entretanto, Frankl (1986) afirmava que o homem pode e deve acessar a experiência da liberdade, do sentido único de sua vida.

Segundo Frankl (2008), o sentido último ou suprassentido da vida de cada ser humano é real, existe, não é inventado. Este sentido último, porém, é inacessível para nós, ultrapassando nosso entendimento humano e nossa capacidade racional para compreender esta ordem no universo. Mas é possível, segundo Frankl, em termos racionais, reconhecer, no cotidiano, no viver concreto, o sentido de uma série de situações únicas, e para cada experiência, para cada situação, uma possibilidade de realização de valor noético (espiritual), ainda que limitada ao momento (sentido do momento).

Como então Viktor Frankl vislumbra a possibilidade de realização do sentido do momento como via de acesso à saúde? Em termos práticos, que experiências criativas deveríamos afinar nesta busca, na logomúsica?

Para Frankl, o homem pode descobrir e realizar o sentido do momento por meio de três caminhos noéticos ou níveis de experiência humana fundamentais. E esses níveis, sobretudo, deveriam ser o foco de nossa atenção no processo criativo no approach *logomúsica*. Este é o desafio da pesquisa, realizar este encontro.

No primeiro caminho noético ou nível de experiência humana, que Frankl (apud XAUSA, 1986) denominou de "Valores de Criação", o homem realiza o sentido da vida ao perceber e vivenciar que "é capaz de dar algo ao mundo", que é um ser único e insubstituível naquilo que tem a oferecer. Nas palavras de Xausa (1986),

> Os valores de criação incluem todas as nossas criações intelectuais, artísticas, de trabalho e realização profissional, que manifestam necessidades humanas fundamentais. Uma inadequada visão ou realização destes valores frustram o homem e desviam o sentido da vida. Assim, o ócio e o ativismo, a desvalorização e a desumanização do trabalho, nas mais formas de funcionalização ou alienação; impossibilidade de realização do trabalho ou a frustração das potencialidades criativas poderão levar o homem à despersonalização, à robotização, a produzir o taedium vitae ou a revolta (p. 162).

Seria importante ampliar, neste momento, a discussão e reflexão sobre a descoberta e realização desse primeiro caminho noético proposto por Frankl. Além das experiências de criações intelectuais, artísticas, de trabalho e realização profissional, consideramos fundamental nesse processo, também, o reconhecimento por parte do indivíduo de seu próprio valor diante da vida, da beleza da singularidade de cada um e das qualidades e virtudes que cada ser tem a oferecer ao seu próximo e ao próprio planeta. Este reconhecimento e valorização do humano pelo humano representam, a nosso ver, a base, a semente a partir da qual o indivíduo poderá futuramente criar e oferecer - nos planos intelectuais, artísticos, de trabalho e de realização profissional algo de único, do íntimo de seu ser, para o mundo. No segundo caminho noético ou nível de experiência humana, denominado por Frankl (apud XAUSA, 1986) de "Valores

de Experiência", o homem descobre que pode receber algo de maravilhoso do mundo, que segundo Xausa (1986),

> Os valores de experiência são valores que se manifestam na gratuidade dos atos de receber. As riquezas incomensuráveis da natureza que captamos na contemplação, todas as riquezas da cultura, desde as expressões de arte mais primitivas e variadas até aquelas que os artistas eternizaram em cores, formas e sons. As experiências místicas, vistas como as mais altas do homem numa perspectiva interpessoal e intrapessoal do amor divino. As experiências comunicadas no amor humano, que transcendem o sexual e o erótico rumo a uma comunicação em plenitude (p. 162).

E, finalmente, no terceiro caminho noético ou nível de experiência humana, denominado por Frankl (apud XAUSA, 1986) de "Valores de Atitude", o homem descobre que, diante de circunstâncias nas quais suas dimensões biológica, psicológica ou sociológica estejam limitadas, e nada possa ser feito para a realização dos valores anteriores, resta-lhe então um posicionamento de atitude, um novo olhar, uma ressignificação da experiência.

> Os valores de atitude são aqueles que surgem quando fatos irreparáveis e irreversíveis acontecem acima da capacidade humana de superá-los. Estes valores se referem à condição humana frente às situações limites. Frankl, usando os termos da antropologia de Jaspers, fala na realização dos valores de atitude diante da tríade trágica da dor, da culpa e da morte. Considera específico do homem saber sofrer, assumir a culpa e considerar a transitoriedade e a finitude da vida (XAUSA, 1986, p. 163).

A realização do sentido da vida, assim, passa, fenomenologicamente, pela descoberta e realização desses três caminhos noéticos ou níveis de experiência humana. E estes três caminhos deveriam ser os caminhos de desafios em uma escolha pessoal e profissional que tão profundamente pede e necessita da abertura ao outro e da vivência na partilha como um possível caminho de resposta à loucura, ao abandono, ao sofrimento e à coisificação em que todos nós, profissionais e pacientes, nos encontramos, ainda que de forma muito diferente do passado, no sistema atual de saúde mental, pois o sistema, acima de tudo, somos nós, nossas visões e nossa postura.

Quando falamos da logoterapia como um caminho do educar para a responsabilidade, um convite para a autorrealização, para a atualização das potências no humano, gostaríamos de tomar emprestado um termo de Bruzzone (2010), quando se refere à logoterapia como a "pedagogia das alturas". Sua expressão nos pareceu feliz e muito adequada, pois nela imagens de atração e aspiração parecem traduzir a diferença entre o nível do noético do nível do inconsciente, que Freud explorou. Enquanto o inconsciente nos atravessa, é um impulso, não pede nossa autorização, e estamos amarrados em muitos aspectos (não somos livres), o noético é um convite, um convite para a liberdade, responsabilidade, a superação, para a escolha de um caminho de aspiração ardente pautado na autorrealização (do verdadeiro homem). Por isso uma "Pedagogia das Alturas", de que nos fala Bruzzone (2010). O logoterapeuta se faz instrumento de ajuda ao outro de forma que este assuma este lugar de aspiração, o lugar da liberdade, da responsabilidade e das escolhas que lhe cabem. O logoterapeuta está no lugar daquele que facilita e ajuda na ampliação desta escuta, desta realização e deste lembrar noético sobre quem somos, sobre a responsabilidade que nos cabe, sobre nossas escolhas diárias. Por isso a logoterapia também é um caminho de educação, um cuidareducar, essa pedagogia que aspira. Mas uma aspiração pedagógica (no sentido curativo) até o momento do despertar para a responsabilidade, como nos lembra Frankl (1991), depois não há mais educação no nível noético, somente autorrealização, na realidade da realização da existência. O trabalho direcionado aos valores noéticos, aos temas da liberdade e da responsabilidade, fazem parte dessa "Pedagogia das Alturas". Aqui, cuidar-educar acontece em um processo harmonioso e integrado na valorização da vida, na educação para a esperança e na promoção da saúde mental. A "Pedagogia das Alturas" de Bruzzone (2010) oferece bases para esse encontro da antropologia frankliana com a musicoterapia, mostrando os acordes de um fazer musical despertado nas alturas de um caminho de auto-educação. Um caminho no qual todos necessitam aprender a acessar novamente as potências das alturas, do ser, dos valores de vida, do sentido do momento, da alegria, da partilha e das virtudes descobertas no caminhar solidário, sempre pautados na descoberta do que a vida nos pede, da realização dos desafios de cada momento como sentido e fortalecimento de valores humanos. Isto é algo claro na formação do ser logoterapeuta e, portanto, estes pilares terão um impacto também na forma do fazer musicoterápico na logomúsica. A logomúsica é uma

"pedagogia das alturas" pautada na criatividade. O musicoterapeuta, na logomúsica, facilitará processos de comunicação e expressão musicalmente, corporalmente, de percepção de si e do outro, auxiliando na descoberta de valores noéticos e no trabalho de projetos personalizados tendo a música como recurso de ampliação desse encontro e realização.

4.2 Pilares da Logomúsica

A logomúsica, portanto, aponta para essa aproximação da antropologia frankliana com as trilhas da musicoterapia no campo da saúde mental, com toda sua riqueza e possibilidades de ampliação dos canais de comunicação e recursos não-verbais (poético-musicais-corporais) como vias de aprendizado do saber ser e conviver, do saber realizar e transformar pela via do belo enquanto sentido noético.

Cabem, nesse momento, algumas considerações sobre os pilares da musicoterapia e suas etapas de intervenção. As ações musicoterápicas, embora pautadas no lúdico, no corpo, na arte, na criação, na inventividade, nas linhas de fuga, na improvisação, estão pautadas também por estudos, sistematizações e métodos para organizar o processo musicoterápico com o intuito de facilitar a comunicação do musicoterapeuta com o grupo. Queremos apenas lembrar que o musicoterapeuta tem uma preparação específica e formação própria para atuar com recursos musicais na promoção da saúde, valendo-se, para tanto, de um olhar clínico, um olhar antropológico, um olhar musicoterápico neste caso. Há um encontro terapêutico neste fazer musicoterápico, uma relação, um cuidar que necessitam de certos objetivos, contratos e intervenções que tenham sentido neste fazer musical. Muitas vezes as pessoas se esquecem que do ponto de vista musical, a improvisação musical é a experiência musical mais difícil porque necessita, ao contrário do que se pensa, de muita base teórica e prática, para poder se improvisar. Então o fazer musicoterápico, a escuta musicoterápica, a improvisação musical enquanto método musicoterápico, são intervenções que necessitam também dessa base. Não improvisamos do nada. Há um estudo prévio, um trabalho de campo, uma escuta importante. As intervenções sistemáticas do fazer musicoterápico, que incluem, sim, a improvisação, possuem uma base de pesquisa e conhecimento para poder improvisar, valendo-se do conhecimento da identidade sonoro-musical do paciente ou grupo por meio de uma série de intervenções clássicas na musicoterapia, tais como: 1) a entrevista musicoterápica, 2) a testificação musical, 3) o contrato terapêutico, 4) objetivos terapêuticos, 5) registro das sessões musicoterápicas, 6) o relatório musicoterápico (BARCELLOS, 1999).

O trabalho de qualquer musicoterapeuta, portanto, independentemente da escola a que pertença, se dá, a partir de estudos, intervenções, registros e escutas sistemáticas da sonoridade e biografia do paciente e do grupo. A partir deste universo sonoro-musical, promove possibilidades de aprendizado afetivo, social, de sentido, amplia os canais de comunicação, trabalha a memória, o resgate cultural, aspectos cognitivo-comportamentais, reencontra novas sociabilidades e ressignifica a promoção da saúde no contexto das práticas artísticas. Claro que, dependendo da escola, dos caminhos da musicoterapia, do referencial teórico (psicoterapêutico e musicoterápico) adotado, o olhar será diferente, mas a valorização da sonoridade, da identidade sonora permanece.

O encontro da logoterapia com nosso fazer musicoterápico, entretanto, resultou na necessidade de certos ajustes antropológicos e na descoberta de novas formas de intervenção sonoro-musical. Percebemos que o caminho da *logomúsica* necessitava de um outro olhar, de uma escuta diferenciada em relação à musicoterapia clássica, incluindo em muitas etapas, a dimensão noética, não contemplada, segundo nosso ponto de vista, pela musicoterapia clássica. Ao mesmo tempo, o desafio foi permitir a abertura, a dialogicidade, e, simultaneamente, manter elementos de registro, pesquisa e sistematização diante da proposta da pesquisa-ação (sujeitos-pesquisadores dialogando e intervindo no percurso metodológico).

Assim, como intervenções sistemáticas da *logomúsica*, podemos citar: 1) as entrevistas iniciais (fundamentadas na dimensão noética, no biográfico e na identidade sonoro-musical do sujeito pesquisador); 2) a testificação musical clássica foi substituída por um período de observação participante no processo, no qual os musicoterapeutas registraram as questões noéticas do grupo e as partilhas e improvisações sonoro-musicais dos mesmos como forma de enquadre inicial para o trabalho (um olhar antropológico frankliano ampliado de longa duração); 3) implantação dos ciclos noéticos-musicais de acordo com as temáticas existenciais e direção musical do grupo; 4) apoio musicoterápico na construção do espetáculo poético-musical (valorização do protagonismo do grupo, musicoterapeuta oferece contorno) , 5) apresentação do espetáculo para a comunidade (revitalização das comunidades, ir para o mundo, integrar com o mundo como um desafio do noético) e 6) roda de conversa como fechamento do processo (diálogos finais entre pesquisadores e sujeitos-pesquisadores).

Para melhor esclarecer o approach logomúsica, discutiremos brevemente algumas das etapas do processo, procurando integrar sempre que possível tanto o olhar da logoterapia sobre a pessoa humana quanto à escuta musicoterápica sobre as possibilidades da música como canal na promoção da saúde.

A primeira etapa da *logomúsica*, entrevistas iniciais, é uma etapa comum, na verdade, a qualquer processo terapêutico. Segundo a musicoterapeuta Barcellos (1999, p. 15), docente do Conservatório Brasileiro de Música, na musicoterapia, ela tem por objetivo principal:

> Obter dados do paciente que não são encontrados no prontuário, porque não interessam a outros profissionais, ou ainda, porque muitas vezes são omitidos para alguns terapeutas e fornecidos para outros. Entre os dados que interessam só aos musicoterapeutas estão os da 'história sonora' do indivíduo. Estes deverão ser colhidos pelo próprio musicoterapeuta. Cabe ressaltar que embora o objetivo principal da entrevista inicial seja a coleta de dados, é fundamental se levar em consideração que nela é que se dá o primeiro 'encontro' terapeuta – paciente e que este é de suma importância para o desenrolar do processo terapêutico; na maioria das vezes, é deles que vai depender o estabelecimento da relação terapêutica.

Na entrevista em *logomúsica*, aos dados sobre a "história sonora" da pessoa, os pesquisadores integraram também uma entrevista noética, procurando conhecer alguns de seus valores de criação, experiência e atitudes no momento. O que diferencia a entrevista inicial na logomúsica é a integração da 'história sonora' com o 'perfil noético', isto é, o levantamento dos elementos noéticos norteadores para o início do trabalho, traçando, assim, alguns elementos dos valores de criação, experiência e atitude para conhecer as potências de cada pessoa. O musicoterapeuta deve estar aberto, acreditando na pessoa humana, nas possibilidades de realização do sentido, de cada situação, da vida, do encontro, também registrando o noético nestas linhas do "ser sendo".

Na segunda etapa da logomúsica, partimos para uma observação participante, que consiste em sentir, perceber, levantar elementos sobre as relações noéticas que se estabelecem no grupo, a partir das questões disparadoras (noéticas) colocadas pelos pesquisadores (musicoterapeutas) durante o processo do fazer musical, observando o impacto destas, assim como o impacto também da música nas descobertas de sentido do grupo. Período também dedicado a observar as partilhas musicais, a biografia musical, as improvisações sonoras, a forma como o grupo se expressa e se vincula musicalmente e corporalmente. Estas observações e registros se darão por um período de 3 meses como forma de enquadre inicial do grupo, das relações do grupo, da dinâmica noética e musical do grupo, diferindo, portanto, da testificação musical clássica de Benenzon (1972), que tem por referêncial o enquadre psicoanalítico, existindo a recomendação que o musicoterapeuta tenha uma atitude passiva diante do paciente ou grupo. É preciso lembrar que o acesso à dimensão noética não é direto, nem sempre acessível, fácil, simples. Para acessar o noético é preciso um processo de educação para a responsabilidade, é preciso a decisão, a escolha e a autorrealização. Não é possível falar em dimensão noética sem falar desse aprendizado mútuo. Não é possível muitas vezes observar o noético (diante da crise atual) sem uma prática de transformação, um "ser sendo" que faça do encontro um encontro autêntico e que desperte o genuíno, no outro, pela beleza da própria autenticidade da relação, da vida, do encontro (daí nossa valorização da pesquisa-ação como ferramenta metodológica). Observamos o noético, suas possibilidades, justamente na autenticidade do encontro, no genuíno, na ação. E para isso é necessário transformar para conhecer.

Na terceira etapa da *logomúsica*, já com mais maturidade dos temas do grupo e de sua identidade sonoro-musical, iniciamos os ciclos noéticos, selecionando os repertórios musicais e criações do grupo que mais se destacaram no período do ponto de vista noético, procurando, sempre que possível, encontrar, na partilha comunitária, o sentido e o aprendizado para cada situação, cada experiência, cada momento. Uma etapa que irá explorar ainda mais os projetos personalizados no processo. Em cada ciclo o grupo é desafiado a responder musicalmente, e na própria vida, às situações que a própria vida lhe coloca, encontrando valores, atitudes, ações e caminhos criativos e poético-musicais para a liberdade, responsabilidade e ação.

Na quarta etapa da logomúsica, a partir do mosaico (noético e musical) selecionado, oferecemos apoio musicoterápico e noético (no encontro, na relação, na partilha, na descoberta) para a construção e criação do espetáculo musical coletivo. O grupo é desafiado a tecer as tramas do seu caminhar, a compor e organizar uma mostra com os sentidos realizados diante de cada situação. O pesquisador (musicoterapeuta) atua neste momento oferecendo contorno ao grupo, momentos de direção, ordem, administração do tempo e dados de realidade, pois nos limites também realizamos o noético (valores de atitude). A construção do espetáculo representa este desafio de integrar criatividade e repetição, ensaio, organização e cooperação em grupo. Há um trabalho aqui com a experiência do concreto, do enfrentamento (ensaios, mostra, ir para o mundo) como metáfora da vida e via de transformação social.

Na quinta etapa da *logomúsica*, a mostra artística-terapêutica se dá em um contexto de renovação das comunidades, entendendo a importância do encontro com o mundo, para ambos, como sentido da vida. Os grupos excluídos deixam de estar no isolamento e na institucionalização. A sociedade, por sua vez, também isolada, não integrando o mundo pluriétnico, a alteridade, tem uma oportunidade, com a mostra, de vivenciar este aprendizado noético (renovação das comunidades). E nesse ponto nos encontramos com a necessidade de intervenções culturais (daí o sentido noético da mostra no processo *logomúsica*), pois como bem nos tinha apontado Lukas (2006), este adoecimento do indivíduo se dá em um contexto mundial também de crises sociais e históricas. É preciso intervir de forma a promover tanto a atualização das potências do indivíduo como seu resgate nas comunidades (no sentido das relações).

Na sexta etapa da *logomúsica*, pesquisadores (musicoterapeutas) e sujeitos-pesquisadores (usuários) voltam a se encontrar para partilhar sobre a experiência do espetáculo, sobre o processo, poder fechar o ciclo juntos, e, também, juntos, em comunidade, se assim desejarem, iniciarem, uma nova etapa, um novo projeto, novas buscas, abrindo, assim, uma nova etapa na *logomúsica*, etapa que poderá neste momento incluir novos integrantes, se assim o grupo desejar.

Ainda sobre a *logomúsica*, gostaríamos de esclarecer que ela nasceu deste olhar ampliado sobre a pessoa humana segundo a logoterapia de Viktor Frankl, mas, sobretudo, de nossa trajetória pessoal enquanto profissionais da saúde: passamos os últimos nove (09) anos usando recursos musicais e corporais na saúde mental.

Acreditamos que a *logomúsica* pode e deve ser aplicada em todas as áreas, para diferentes grupos e faixas etárias. Apenas advertimos que o ser humano é único, cada experiência é única, cada questão noética será irrepetível. A *logomúsica* não é um manual. Nem pretende ser. Desde que haja um esforço sincero por parte de musicoterapeutas em integrar a "pedagogia das alturas", de que nos fala Bruzzone (2010), um comprometimento em se buscar caminhos criativos e musicais para a conscientização da liberdade, e da responsabilidade e, para a realização do sentido (no desafio de cada situação), desde que haja este olhar de co-participação sobre os sujeitos pesquisadores (não devemos reforçar o olhar sobre pacientes na *logomúsica*), desde que haja um esforço por métodos sócio-culturais na promoção da saúde, valorizando-se o "ir para o mundo", a "renovação das comunidades" e as práticas comunitárias (saber conviver), com o tempo esperamos que a *logomúsica* possa ser acolhida por

logoterapeutas, musicoterapeutas e outros profissionais da saúde, o que enriquecerá e ampliará ainda mais este novo approach.

"Ao arrancar suas pétalas, você não colhe a beleza da flor". Rabindranath Tagore

5. METODOLOGIA

5.1 Tipologia

Entendemos que nosso objeto de investigação está na dimensão dos processos noéticos, na dimensão profunda de como os sujeitos realizam o sentido de sua própria existência, encontrando, assim, valores e experiências significativas de vida e de saúde neste caminho. Nesta pesquisa a contemplação desses processos se dá em um contexto de intervenção, diálogo e criação artística, aproximando, portanto, pesquisa e ação. Devido a tal particularidade, a pesquisa-ação se revela como o método mais adequado neste caminho de construção metodológica adotada pelos pesquisadores, uma vez que nossa proposta foi justamente a criação de uma nova abordagem musicoterápica (a *logomúsica*) e sua intervenção na promoção da saúde mental de um grupo de usuários de um CAPS semi-internação de Ribeirão Preto.

Mas o que vem a ser pesquisa-ação? De que tipo de pesquisa falamos quando nos referimos à pesquisa-ação? Segundo Franco (2005, p. 485) "se alguém opta por trabalhar com pesquisa-ação, por certo tem a convicção de que pesquisa e ação podem e devem caminhar juntas quando se pretende a transformação da prática".

Considerando as origens da pesquisa-ação com os trabalhos de Lewin (1946), percebese que a pesquisa-ação propõe uma investigação que caminha na direção da
transformação de uma realidade, implicando diretamente na participação e
protagonismo dos sujeitos envolvidos, na habilidade do pesquisador em vivenciar os
dois papéis durante o processo, ou seja, o papel de pesquisador e o papel de participante,
e ainda na necessidade de abertura à alteridade, escuta e diálogo, permitindo que a
direção do processo possa mudar e se construir de forma orgânica.

Nesse tipo de investigação os sujeitos deixam de ser passivos, meros objetos de estudo e observação, tornado-se co-pesquisadores, protagonistas e responsáveis pela direção que o processo toma ao longo do tempo. Os pesquisadores, por sua vez, aprendem que as possibilidades de transformação da prática tornam-se mais ricas e fecundas na medida em que a responsabilidade e o protagonismo dos sujeitos são valorizados.

A pesquisa-ação tem sido utilizada, contudo, de diversas formas e intencionalidades nas últimas décadas, passando a compor, segundo Franco (2005, p. 483) "um vasto mosaico de abordagens teórico-metodológicas, instigando-nos a refletir

Em recentes trabalhos de pesquisa-ação realizados no Brasil, Franco (2005, p. 485) observa pelo menos três formas diferentes de realizar esta práxis investigativa:

- a) quando o pesquisador é solicitado pelo grupo de referência a colaborar na compreensão de um processo de mudança que já ocorreu, temos uma pesquisa-ação colaborativa;
- b) quando o pesquisador percebe transformações necessárias a partir de sua experiência inicial e dos diálogos estabelecidos com o grupo, temos uma pesquisa-ação crítica e.
- c) quando o pesquisador planeja uma ação sem a participação dos sujeitos, temos uma pesquisa-ação estratégica.

Na atualidade podemos citar os trabalhos de Barbier (2002), professor de Ciências da Educação na Universidade de Paris 8, Morin (1986), pesquisador emérito do CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique) e Thiollent (1996), docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro, entre outros, como referências nos trabalhos de pesquisa-ação. Thiollent (1996) assim define a prática metodológica da pesquisa-ação. Segundo suas palavras, a pesquisa-ação é:

Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (p. 14).

Assim, a pesquisa-ação é uma metodologia que implica intervenção em cooperação com os participantes representativos, considerados na metodologia como sujeitos-pesquisadores, por atuarem no problema (questão da pesquisa, no caso, criação do percurso *logomúsica*) de forma cooperativa e responsável junto aos pesquisadores.

Neste ponto gostaríamos de levantar algumas considerações sobre a *logomúsica* no que diz respeito ao aspecto metodológico.

A *logomúsica* tem como pilar teórico (visão de pessoa, proposta de cuidado e educação na saúde) a logoterapia. Por outro lado, a *logomúsica* tem um fazer diferenciado, que justifica seu nome, ela traz também contribuições de uma prática musicoterápica, de um fazer criativo, de um caminho que reconhece o corpo, o não-

verbal, o lúdico e a linguagem musical como canais para o noético (a realização do sentido). Há um saber próprio da musicoterapia. Há um fazer próprio da musicoterapia, um fazer que a diferencia da logoterapia também. Não se trata apenas das contribuições da logoterapia no caminho musicoterápico. A logomúsica é um encontro. A musicoterapia aponta novos caminhos para a logoterapia também. Caminhos que integram o corpo, o som, a arte, a criatividade, o lúdico, o brincar, o criar, o fazer em grupo artístico com as trilhas de uma educação para a liberdade, para a responsabilidade, para a autorrealização do sentido. Há uma intervenção musical, uma ação (uma pesquisa-ação neste caso). Deste encontro, surge, então, um caminho único, a logomúsica. Um caminho, uma metodologia, um approach próprio, ainda que inspirado na logoterapia. Para compreender esta proposta, no sentido profundo, vivencial, é preciso também integrar em si as trilhas do noético com a música, do verbal com o corpo, da palavra com a ação (criação artística), e nisso, acreditamos, consiste a singularidade da logomúsica. Ser apenas logoterapeuta sem fazer esta entrega profunda na música, no processo criativo, essa vivência do corpo, do lúdico, do criar, não se chega à logomúsica. Ser apenas musicoterapeuta sem se entregar a um comprometimento na educação para a liberdade, para a responsabilidade, sem essa aspiração ardente para o noético e esse caminho de autorrealização na existência, também não se chega à logomúsica. É preciso o encontro transformador, para ambos: logoterapeutas (saber fazer) e musicoterapeutas (saber ser).

Assim, por estar pautada na criação, na ação, na intervenção, na estreita associação com sujeitos-pesquisadores, de um modo cooperativo, no reconhecimento dessas outras linguagens não-verbais como vias de autorrealização, a aproximação com a metodologia da pesquisa-ação é fundamental, ainda que a *logomúsica* seja também, enquanto pesquisa-ação, a criação e o nascimento de uma nova prática metodológica. A *logomúsica* nasceu, portanto, dessa experiência inicial dos pesquisadores com mais de 260 usuários nos últimos nove (09) anos, tanto em contexto hospitalar como em centros de reabilitação social. A partir dessas experiências e partilhas, a necessidade da mudança foi revelada de forma coletiva e social. O trabalho está inserido, portanto, em um contexto de pesquisa-ação crítica. A *logomúsica* foi construída no diálogo com os sujeitos, levando em consideração suas biografias, seus caminhos de autorrealização e suas criações poéticas musicais.

5.2 Local

O presente estudo foi desenvolvido no Centro de Atenção Psicossocial -(CAPS) Unidade de Saúde Mental, de semi-internação, da Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto, situada no interior do Estado de São Paulo. A instituição foi escolhida tendo como critérios o grau de abertura da equipe para o trabalho, o enfoque multidisciplinar e multiprofissional dos atendimentos e atividades realizados pelo CAPS, o acesso aos dados, sujeitos-pesquisadores e a experiência prévia de um (01) ano e seis (06) meses dos pesquisadores nesta Unidade de Saúde Mental com oficinas artístico-terapêuticas junto aos usuários do CAPS.

Esta Unidade de Saúde Mental atende atualmente 265 usuários em regime de semi-internação. Os principais transtornos atendidos pelo CAPS de Ribeirão Preto são as esquizofrenias, os transtornos de humor e os transtornos alimentares.

O tratamento dos usuários desta Unidade de Saúde consta acompanhamento individual, grupal (diversas modalidades) e medicamentoso. Além desses acompanhamentos terapêuticos, o usuário participa semanalmente de uma assembléia na qual pode discutir assuntos de interesse geral para a comunidade. Todos passam por uma avaliação constante pela equipe multiprofissional no que diz respeito à participação e desempenho nas diversas modalidades terapêuticas.

5.3 Sujeitos

Participaram deste estudo 15 usuários psicóticos e não-psicóticos de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) de semi-internação da Secretaria Municipal da Saúde da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto (SP). Os critérios adotados para a seleção dos sujeitos inclusos na pesquisa foram os interesses, a motivação e a indicação terapêutica por parte da equipe multiprofissional deste CAPS. O número total de sujeitos-pesquisadores foi decidido a partir das experiências clínicas dos pesquisadores com usuários de unidades de saúde mental e das possibilidades que este número oferece para registrar os depoimentos dos participantes ao longo do processo. O registro e a compreensão do universo subjetivo e existencial do outro pedem, na realidade, o mínimo possível de participantes e um mergulho mais profundo na relação, no encontro e na escuta do sentido.

Cabe aqui registrar e esclarecer a nossa posição e escolha por não formar grupos-controle diferenciados (psicóticos e não-psicóticos). Em primeiro lugar, a experiência clínica prévia dos pesquisadores, nesta Unidade de Saúde Mental, com oficinas artísticas e terapêuticas, mostrou, como iremos discutir mais adiante, que os próprios usuários romperam a diferenciação clínica e pediram para participar de ambos os grupos, trazendo ao lúdico seu sentido original, isto é, unidade na diversidade, cooperação, integração e inclusão. A evolução clínica, em especial dos psicóticos, foi melhor do que no período em que o trabalho era realizado em grupos clinicamente diferenciados. Em segundo lugar, embora a divisão clínica seja importante, pois também nos oferece a oportunidade de trabalharmos aspectos e necessidades diferentes dos grupos, a experiência prévia dos pesquisadores no CAPS revelou a existência de laços, amizades e redes de sentido e solidariedade, entre os usuários, muito relevantes ou mais para os critérios da formação de grupo. A logomúsica, inclusive, como mencionamos em reflexões anteriores, reforça e aprofunda o sentido desses laços e a possibilidade de acesso à dimensão noética por meio da cooperação, valor humano fundamental na vivência e realização do sentido da vida segundo Viktor Frankl.

Em terceiro e último lugar, esses critérios de diferenciação clínica eliminariam a possibilidade noética do ser, que Frankl tanto assinala como fundamento na logoterapia.

5.4 Observadores-Participantes

Todas as sessões contaram com quatro observadores-participantes, sendo uma musicoterapeuta no papel de co-terapeuta, uma psicóloga psicodramatista (também atriz) para apoio na criação do espetáculo poético-musical e dois observadores de registro (enfermeiros) treinados para tal finalidade para registrar todo o processo em diário de campo e audiovisual. A musicoterapeuta no papel de co-terapeuta atuou dando suporte e base musical no violão, percussão e piano ao lado da musicoterapeuta pesquisadora. A psicóloga psicodramatista atuou como co-terapeuta em vivências de criação dramática com o grupo e direção do espetáculo. Os observadores de registro participaram do processo de síntese dos conteúdos para análise posterior no final de cada encontro. A *logomúsica* representou um profundo esforço de olhar e cooperação de

vários pesquisadores em parceria com os sujeitos-pesquisadores, todos neste caminho de autoeducação, aprendizado de escolhas, responsabilidade e criação.

5.5 Registro Noético e Musical do Processo

O processo musicoterápico do grupo teve a duração de 10 meses com encontros semanais de 1 hora cada. O processo foi registrado em diário de campo e audiovisual para posterior análise dos depoimentos, músicas, improvisações poéticomusicais do grupo e evolução de aspectos comportamentais dos sujeitos pesquisadores.

5.6 Procedimentos

5.6.1 Entrevistas Iniciais

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas em relação à dimensão noética-musical dos participantes, isto é, em relação aos sentidos atribuídos à saúde, à doença, à vida e às experiências sonoro-musicais dos sujeitos pesquisadores antes do início do trabalho de campo. As entrevistas foram aplicadas individualmente com os participantes.

5.6.2 Observação Antropológica em Logomúsica

Um período de 3 meses foi dedicado à observação participante junto ao grupo, com o objetivos de perceber as dinâmicas noéticas presentes nas relações entre os participantes, levantamento dos valores noéticos do grupo, levantamento da partilha da biografia musical e dos principais temas e questões disparadoras na realização do sentido da vida para os sujeitos-pesquisadores neste período, sem implantar um direcionamento maior para o trabalho.

5.6.3 Implantação dos Ciclos Noéticos

Após as entrevistas iniciais e o período dedicado à observação antropológica em logomúsica, implantamos a etapa dos ciclos noéticos junto ao grupo, isto é, o período dedicado ao aprofundamento dos projetos personalizados (poéticos-musicais e de autorrealização do sentido). Os ciclos noéticos tinham por objetivo auxiliar cada participante a tomar consciência de seu projeto, assim como também o grupo encontrar o sentido para a convivência e aprendizado daquele grupo, naquele momento, nessas trilhas de solidariedade, liberdade e responsabilidade (temas dos ciclos noéticos).

5.6.4 Criação Coletiva do Espetáculo Poético-Musical

Após os ciclos noéticos, já com os valores, partilhas e visões pulsantes do grupo, um período foi dedicado à criação coletiva do espetáculo poético-musical. Inspirado neste caminhar do grupo pelas trilhas da música e da descoberta dos projetos personalizados de cada um, a etapa da construção coletiva de uma mostra também trazia desafios afetivos, desafios cognitivo-comportamentais como superação, uma vez que para a realização da mesma era necessário organização, limites, atenção, ensaio, repetição, cooperação, colaboração, resistência, trabalho com memória, constância, capacidade de suportar dúvidas e frustrações, suportar o medo, também ultrapassar o medo e aprender a ter perseverança no caminho.

5.6.5 Mostra Coletiva do Espetáculo Poético-Musical

Uma mostra coletiva do espetáculo poético-musical do grupo foi realizada na penúltima etapa do processo logomúsica na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, valorizando-se nessa etapa o sentido do viver comunitário, da troca, do encontro, da afirmação dos aprendizados no percurso dos sujeitos pesquisadores em sua renovação com as comunidades.

5.6.6 Roda Comunitária

Após a mostra coletiva do espetáculo poético-musical do grupo, os pesquisadores estiveram em roda de conversa e mais um encontro com os sujeitospesquisadores para ouvir destes suas percepções, aprendizados, depoimentos finais e desejos quanto ao futuro do grupo, buscas de novos sentidos, novos desafios.

Os encontros ocorreram uma vez por semana com 1 hora de duração cada e foram divididos e estruturados em 6 partes ou momentos diferentes, cada momento fundamentado no caminho noético dos valores de Viktor Frankl e nas experiências musicais possíveis de acesso e promoção a esses valores, tendo por base a experiência prévia dos pesquisadores com outros grupos participantes. A necessidade de contornos para os encontros surgiu da experiência prévia dos pesquisadores.

Nossa experiência na saúde mental nos mostrou que negar os limites é perigoso, sem contar que não é a postura de Frankl (2005) também, que reconhece as patologias e sabe que outras terapêuticas são necessárias. Para ter auto-transcendência é preciso também reconhecer os limites. É preciso se auto-educar primeiro para depois auto-transcender. Sendo assim, o trabalho de contornos é um trabalho de cuidado com o grupo, pois o trabalho criativo também pode ser perigoso, campo por excelência de intenso psiquismo e afetividade, nem sempre fácil, sendo capaz de mobilizar e despertar emoções conflituosas também. Um musicoterapeuta, um arteterapeuta sabe disso. Integrar as linhas de fuga da criatividade com formas (não fôrmas) é algo importante em uma proposta terapêutica. Assim, de nossa experiência prévia com diversos participantes, alguns contornos, ou formas, foram sendo reveladas como úteis no caminho (mas não obrigatórias). Leonardi (1999), em sua obra *Jazz em Jerusalém – inventividade e tradição na história cultural, filosofia do trabalho criativo*, aponta as diferenças entre o valor da forma no processo inventivo e criativo e a fôrma como imposição ideológica, mostrando que criatividade e tradição podem caminhar junta.

Assim, tínhamos, para os encontros, contornos, formas (não fôrmas) que nos ajudavam a oferecer (tanto para nós quanto para os participantes) uma linha desse aprendizado mútuo, desse caminho de descoberta para o noético. A idéia de uma estrutura para os encontros era poder oferecer esta base para a improvisação poética e musical, sem cair no erro de criar uma fôrma ou um manual. O *approach logomúsica* não é esta fôrma e nem pretende ser. Há um cuidado, um contorno noético, uma forma que guia as experiências criativas nesse processo. Porém sabemos que o caminho jamais poderá ser igual, ser repetido, nisso consiste a educação para a liberdade. Os contornos precisarão ser reinventados e adaptados a cada momento, a cada encontro, a cada experiência. Necessariamente outras formas (poético-musicais) serão encontradas por cada grupo, cada vida, pessoa, cada história. Outro fator que nos fez trabalhar de forma

integrada processos criativos e formas (contornos noéticos), foi perceber o quanto os próprios sujeitos-pesquisadores, diante do novo, do inovador, sentiam-se ameaçados muitas vezes (entravam em crise). A estrutura do encontro, as formas (o ritmo, o orgânico dos encontros) oferecia um contraponto, para que pudéssemos todos ousar, criar, dialogar, pensar de forma diferente, mas também dentro de um padrão rítmico, um padrão que pudéssemos reconhecer e sentir segurança sempre que nos sentíssemos ameaçados. Na verdade, para quem é músico, nisso consiste a improvisação musical. Todo músico sabe que não se improvisa do nada. É preciso muito conhecimento musical, muita base teórica e prática para se improvisar. A improvisação nada tem a ver com o caos. A seguir, os seguintes momentos (contornos noéticos) presentes em cada encontro.

5.7.1 Acolhimento Noético-Musical

Os sujeitos-pesquisadores eram sempre recebidos pelos pesquisadores com uma música no teclado (do repertório da biografia musical do grupo) ou canto acompanhado de violão e percussão. Cantávamos o nome de cada participante, improvisando o nome em diversas melodias e tons, muitas vezes convidando os participantes a improvisarem juntos, colocando frases, recriando os valores das frases, enraizando o nome, afirmando o nome de cada participante segundo sua canção. O enraizamento do nome era uma proposta da logomúsica no resgate dessa identidade, empoderamento e trabalho com o verdadeiro humano. Nosso desafio era o olhar, aprender a olhar. Olhar para cada um, receber cada um no aprendizado da presença, inteireza e no encontro autêntico e genuíno. Não se tratava de um simples primeiro momento na logomúsica. Tratava-se de criar as condições de encontro entre o som e a palavra criadora, do encontro EU e TU, do exercitar o corpo vivo e pulsante, vibrar, saber conectar, estar presente, no presente, e fazer daquele momento, daquele primeiro momento, um momento de realização do sentido, tanto do dar (pesquisadores) quanto do receber (sujeitos-pesquisadores). Tratava-se de descobrir como a música poderia neste simples gesto oferecer tanto, tantas possibilidades de experiências noéticas, como valores de criação e de experiência simultaneamente. Acreditamos que este momento na logomúsica encontra ressonâncias, de alguma forma, com as práticas de "visitas musicais" que Bergold (2009b) descreve em suas pesquisas de musicoterapia hospitalar, tendo por bases teóricas a teoria

humanística do cuidado de enfermagem de Jean Watson e os trabalhos de Even Ruud sobre música e contexto cultural.

5.7.2 Rodas de Conversas

Após acolhimento noético-musical, os sujeitos-pesquisadores tinham um tempo para compartilhar como estavam e se sentiam naquele encontro, e trazer uma questão prática sobre um valor humano que necessitavam aprender e desenvolver naquele dia. Como discutiremos mais adiante, este momento de escuta das necessidades e buscas dos participantes, a nosso ver, representava, do ponto de vista terapêutico, um dos momentos mais significativos do processo. Era também a partir dessa escuta dos sentimentos, entendimentos e buscas do grupo que a equipe dialogava com os sujeitospesquisadores sobre os desafios de cada um (aprendizado humano) e os projetos personalizados (realização do sentido do momento).

5.7.3 Partilha da biografia musical

Momento dedicado às partilhas das biografias musicais dos sujeitos, por meio de improvisações, cantos, movimentos, audições, memórias, solos, cantos em grupo e exploração dos vários campos da identidade musical do sujeito, tomando termo emprestado de Ruud (1998). Nesta etapa, cada encontro era agendado e um participante tinha um tempo determinado para se expressar musicalmente e compartilhar com o grupo aquilo que lhe tornava único, musicalmente, que lhe dava contornos, que era de sua história. Este era um momento de enraizamento e de identidade. Neste momento, há uma aproximação dos trabalhos que Even Ruud desenvolve, no campo cultural, pois há uma compreensão aqui da importância deste resgate para o trabalho de empoderamento e educação para a liberdade.

5.7.4 Produções Sonoro-Musicais do Grupo

Momento dedicado à valorização de todas as formas do fazer sonoro-musical (improvisação no teclado, percussão, canto, movimento corporal, etc), fazer criativo, brincadeiras, momentos lúdicos, como vias de promoção da saúde mental. Momento que ocorre integrado com o diálogo socrático e a valorização de como cada fazer

musical e lúdico se relaciona com as descobertas de valores e aplicações na vida prática, levando cada participante a um caminho de aprendizado de valores, percepção de si, do outro, de saberes de convivência e resgate da identidade diante da valorização da biografia musical do sujeito.

5.7.4 O Papel do Canto Coral em Logomúsica

No 4º momento, o grupo experimentava o canto coletivo (canto coral) das músicas-temas do grupo como forma de vivência noética da unidade, aprendizado coletivo, superação e preparação para o espetáculo. É importante assinalar que na logomúsica a experiência do canto coral tem se revelado um veículo privilegiado no caminho da educação para a liberdade. Há uma liberação mais forte, aqui no canto coral, das experiências do saber grupal, do comprometimento grupal e da coesão grupal (cooperação, ajuda, unidade e harmonia). Com mais tempo, e outros musicoterapeutas atuando também na logomúsica (com suas trilhas e contribuições), esperamos que mais depoimentos e dados possam iluminar esta indicação de que há um canal diferenciado do canto coral (realizando-se pesquisas sobre sua particularidade) que o torna instrumento privilegiado em muitos grupos e base para a logomúsica. A Escola do Desvendar da Voz, criada pela cantora sueca Werbeck-Svärdström (2001), criadora do método Werbeck, traz valiosas contribuições no campo da terapia do canto. Com as devidas diferenças (referencial) de nossa proposta, é um trabalho belíssimo e que tem muito a oferecer e enriquecer no campo da musicoterapia com a voz. No caso da logomúsica, o próprio canto coral é pilar neste processo para a descoberta dos desafios e sentidos de aprendizado do grupo, auxiliando na descoberta e enraizamento dos valores noéticos (valores de criação, experiência e atitude) como demonstram depoimentos dos sujeitos-pesquisadores.

5.7.5 Palavra Criadora

Nesta etapa, novamente a escuta sobre como cada sujeito-pesquisador se sentia, o que tinham aprendido de valioso no encontro. Uma palavra de fechamento para o encontro. Uma palavra criadora, uma palavra de revelação e que passava a oferecer, também, direção ao processo, pois os sujeitos pesquisadores descobriam o poder da palavra, da revelação do sentido. Esta palavra, em geral, servia como avaliação do

encontro e como fio condutor para o próximo, além de termômetro para o empoderamento do grupo.

5.7.6 Contornos Noéticos para a Despedida

Nesta última etapa, o grupo encerrava o encontro com um abraço fraterno em roda. Cantos de despedida espontâneo eram bem-vindos. Do ponto de vista noético, o avanço bem sucedido com tempo neste último momento representava o contorno afetivo e psíquico conquistado por todos, no processo, enquanto grupo.

5.8 Compreensão dos Sentidos Noéticos-Musicais

Os depoimentos e sentidos partilhados pelos sujeitos-pesquisadores ao longo do processo foram analisados com base na análise existencial-humanista de Viktor Frankl, exposta no marco referencial, e na literatura musicoterápica que mais ressonância encontramos com os pilares da proposta logomúsica, especialmente algumas particularidades teóricas e práticas dos trabalhos de Even Ruud.

5.9 Apresentação dos Sentidos Noéticos-Musicais

A compreensão dos sentidos noéticos e musicais dos sujeitos- pesquisadores, isto é, os valores e sentidos para a existência partilhados, foram apresentados de modo descritivo, utilizando-se tanto da fala dos próprios sujeitos, na íntegra quando possível ou necessário, quanto de síntese de conteúdos. Letras de canções, observações sobre comportamento, linguagem não-verbal e outros, sempre que necessários, foram apontados. Os depoimentos e partilhas de sentidos dos sujeitos foram posteriormente discutidos e contemplados em equipe com base na literatura pertinente.

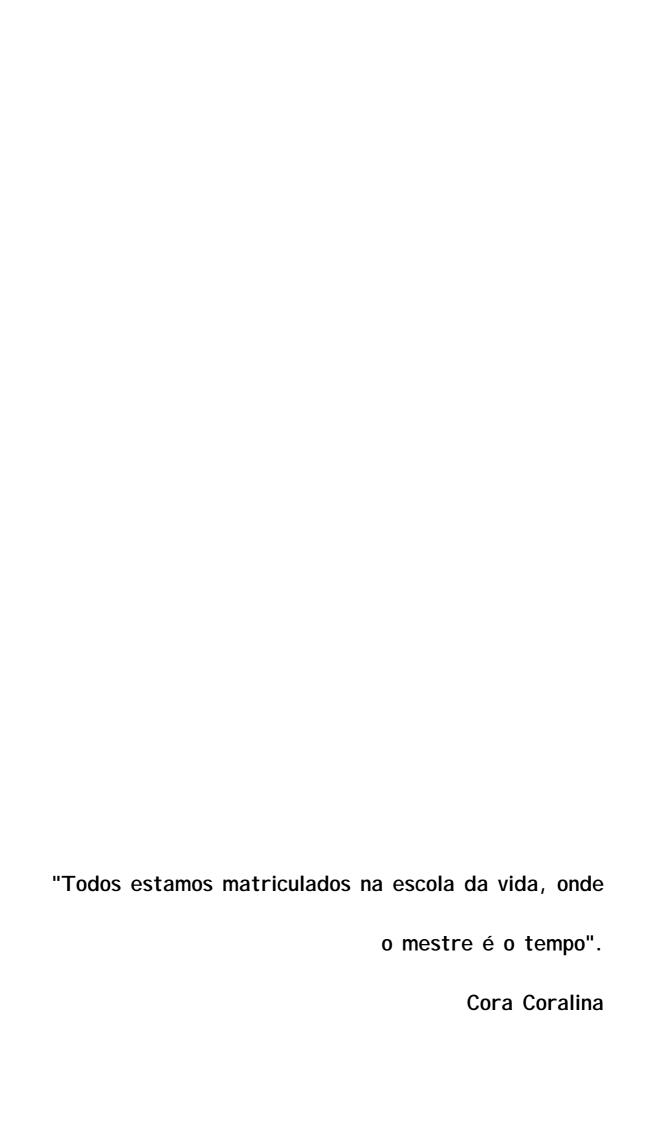
5.10 Cuidados Éticos

Foi realizada uma assembléia com todos os usuários do CAPS e equipe multiprofissional após a pesquisa ter sido aprovada tanto pelo Centro de Atenção Psicossocial quanto pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos. Nessa assembléia, a pesquisadora conversou com os usuários sobre a natureza do trabalho que seria oferecido, esclarecendo dúvidas sobre o registro audiovisual (para fins de estudo e análise posterior). Entre as principais dúvidas dos usuários estavam questões relacionadas à obrigatoriedade de cantar. Foi explicado que o grupo iria trabalhar com essa abordagem, mas ninguém seria obrigado a expor sua voz em solo, ou continuar no projeto, caso não se sentisse à vontade. Foi explicado também tratar-se de um projeto com duração de 10 meses de intervenção e que, dentro de todos os cuidados éticos em saúde envolvendo seres humanos, como o sigilo do nome dos participantes, o resultado desse trabalho com o grupo seria publicado em forma de pesquisa. Foi colocado que por conta da natureza da pesquisa esse grupo teria um número limitado de participantes (15). A pesquisadora pediu aos interessados para conversar com a equipe multiprofissional do CAPS e agendar uma entrevista com a mesma. Aqueles que se inscreveram e participaram do grupo assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e passaram individualmente pelas entrevistas iniciais.

O projeto da presente pesquisa foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (Anexo A), os sujeitos participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A) e os dados clínicos de cada participante foi cadastrado para o início dos trabalhos (Apêndice B).

Compreensão dos Sentidos

Noético-Musicais



COMPREENSÃO DOS SENTIDOS NOÉTICO-MUSICAIS 6.

A ordem de apresentação das reflexões dos pesquisadores e sujeitospesquisadores sobre o processo logomúsica será a seguinte: 1) sentidos contemplados nas entrevistas iniciais; 2) sentidos contemplados no período de observação antropológica (de base frankliana) em logomúsica; 3) sentidos contemplados na implantação dos ciclos noéticos (de aprofundamento dos projetos personalizados do grupo); 4) sentidos contemplados na construção coletiva do espetáculo poético-musical; 5) sentidos contemplados na realização da mostra artística-terapêutica e, 6) sentidos contemplados na roda comunitária final sobre o percurso do projeto.

6.1 Entrevistas Iniciais: Sentidos Contemplados

Em relação às entrevistas iniciais gostaríamos de tecer algumas observações e apontamentos sobre a importância desta primeira etapa no approach logomúsica. Em relação ao levantamento dos dados sonoro-musicais integrados à história de vida do sujeito, esta etapa da entrevista é uma das etapas mais importantes na preparação e construção do projeto musicoterápico do grupo, pois nos auxilia a levantar o história da biografia musical dos participantes, reconhecer a identidade sonoro-musical, habilidades musicais e interesses musicais, além de associar, no caso da logomúsica, dados da biografia musical com dados do potencial noético para que o trabalho possa ser direcionado de acordo com a identidade sonoro-musical e noética do grupo.

Assim, tínhamos como dados iniciais, a partir desta entrevista, alguns elementos da história clínica dos sujeitos-pesquisadores, seus valores diante das temáticas da logoterapia e sua biografia sonoro-musical. Com estes primeiros dados, foi possível planejar e construir os primeiros encontros, do ponto de vista musical, e também as questões e valores de busca dos sentidos mais significativos para o grupo. Vejamos a entrevista inicial em *logomúsica* criada pelos pesquisadores para esta primeira etapa do método.

1ª Parte da Entrevista Memórias, Percursos Noéticos e Sentido da Vida

Parte A: Dados Pessoais, História de Vida e Dados Clínicos

Parte B: Questões sobre "Valores de Criação"

- 1) O que é tão importante na sua vida que faz valer a pena viver?
- 2) Qual é a sua melhor qualidade, o que o torna único?
- 3) O que você gostaria de realizar na vida que ainda não realizou?
- 4) O que você espera do futuro?
- 5) O que de melhor você pode oferecer para o mundo?

Como podemos perceber pela qualidade e direção das perguntas, nessa primeira parte da entrevista, nosso objetivo era contemplar, do ponto de vista existencial, como o sujeito pesquisador experimentava e enxergava sua própria singularidade no mundo, isto é, aquilo que o tornava único, aquilo, portanto, que tinha a oferecer ao mundo enquanto pessoa. Para Frankl (apud XAUSA, 1986), quando o homem descobre que é capaz de dar algo ao mundo, realiza os valores de criação. Assim, nessa primeira parte da entrevista, desejávamos saber se essa dimensão ou via de realização do sentido da vida estava presente ou não no participante, e caso estivesse, em que aspectos e significados se revelaria. A importância dessa primeira parte da entrevista justifica-se, não apenas em poder registrar ou não tais elementos existenciais para a saúde mental, antes e após a intervenção em logomúsica, mas, também, para nos auxiliar no processo do grupo, conhecendo suas particularidades e qualidades nessa dimensão.

Parte C: Questões sobre "Valores de Experiência"

- 1) Quais são as pessoas mais importantes da sua vida? Por quê?
- 2) Qual é a pessoa que mais se dedica a você atualmente?
- 3) Como você definiria a qualidade das suas relações hoje ?
- 4) O que o mundo tem de bom a oferecer?
- 5) O que sugere aos profissionais de saúde para melhorar a sua assistência?

Nessa segunda parte da entrevista, nosso objetivo era contemplar o caminho de realização do sentido oposto ao dos valores de criação, pois aqui nos importava não aquilo que o sujeito-pesquisador era capaz de dar ao mundo, mas sim, a descoberta de que além de dar, poderia receber algo do mundo também. Nesse caminho, são contempladas todas as experiências que, segundo Frankl (apud XAUSA, 1986), fazem o ser humano se realizar através da confiança e certeza de que alguém no mundo lhe dedica também amor e atenção, ou perceber que há muito no mundo para receber.

Parte D: Questões sobre "Valores de Atitude"

- 1) O que significa a sua doença para você?
- 2) Você acredita que a sua doença lhe trouxe alguma lição de vida, algo de positivo?
- 3) O que você acha que pode fazer para enfrentar melhor a sua doença? Em que você se apega quando está sofrendo ou em desequilíbrio?

Nessa terceira parte da entrevista, nossa contemplação foi direcionada para aquelas situações em que, por força das circunstâncias e limitações de ordem biopsicossocial, o sujeito pesquisador está impossibilitado de realizar os valores de criação e experiência, restando-lhe apenas, segundo Frankl (apud XAUSA, 1986), a liberdade de assumir uma atitude diferente diante daquilo que não pode ser alterado. Nesse momento, nos encontramos com os valores de atitude.

Parte E: Dimensões de Liberdade e Responsabilidade

- 1) Você acredita em destino?
- O que é destino para você? 2)
- 3) Acredita que é capaz de interferir na sua vida e realizar mudanças significativas?

Na quarta parte da entrevista, procuramos vislumbrar como o sujeito pesquisador significa e contempla a possibilidade de liberdade, escolha e responsabilidade diante da vida, entendendo responsabilidade no sentido frankliano, isto é, a capacidade de dar uma resposta, única e pessoal diante das questões e desafios que a vida nos coloca. Como mencionamos anteriormente, o criador da logoterapia defende a idéia de que o ser humano é constituído de três dimensões, a biológica, a psicológica

(incluindo nesta dimensão o ser social) e a noética ou espiritual. Nas duas primeiras instâncias ou dimensões de seu ser, o homem está condicionado, mas no plano noético, Frankl (2008) acredita que o homem está condenado à liberdade e, portanto, à responsabilidade.

2ª Parte da Entrevista

Biografia Musical e Memórias Sonoras

A 2ª parte, dedicada à apreciação da biografia musical, memórias sonoras e sentido da música, teve por objetivo levantar dados sobre o perfil musical dos sujeitospesquisadores, conhecer particularidades de sua identidade sonoro-musical, habilidades musicais, preferências musicais (instrumentos, cantores, estilos musicais), sons que agradam ou desagradam, entre outros. A seguir o roteiro da entrevista elaborada pelos pesquisadores.

- Por que se interessou pelo projeto (logomúsica)? O que mais chamou sua 1) atenção ou motivou você a participar do projeto?
- 2) Já teve algum contato anterior com oficinas de musicoterapia? Se afirmativo, qual? Como foi? Como se sentiu?
- 3) Em relação à música, já teve alguma formação? Se afirmativo, como foi? Ainda mantém contato com a música?
- No caso de respostas afirmativas em uma das questões 2 e/ou 3, fale um pouco 4) sobre o sentido da música em sua vida.
- 5) Quando menciono as palavras cantar, canto ou voz, quais sentimentos vêm para você?
- A experiência do canto, de cantar ou de escutar cantos, traz lembranças, 6) momentos concretos de sua vida? Quais?
- 7) Você costuma cantar ou ouvir música? Se afirmativo, com que freqüência? De que forma? Como é? Que sentido tem para você?
- 8) Se afirmativo, questão 7: Como se sente em relação a expor sua voz e ser ouvido?
- 9) De quais cantos e/ou estilos musicais você gosta?
- 10) O que busca ou espera encontrar ao longo dos encontros do projeto (logomúsica)?

- 11) Recolher dados sobre músicas / experiências sonora-musicais-corporais da infância, adolescência, fase adulta, outros momentos marcantes (citar quais) e momentos atuais.
- Gravar cantos que o sujeito-pesquisador deseje partilhar com a pesquisadora no 12) encontro como parte de sua esperança e busca de sentido no projeto.

Resultados da Entrevista Fundamentada na Logomúsica

Parte I: Os Valores Noéticos

Participaram desta entrevista quinze (15) sujeitos pesquisadores do CAPS semi internação de Ribeirão Preto que tinham sido indicados pela equipe para o projeto. Destes quinze (15) sujeitos pesquisadores, oito (08) eram ex-participantes da pesquisaação de mestrado realizada pelos autores nesta instituição (LEONARDI, 2007) e sete (07) eram novos sujeitos pesquisadores. Dos quinze (15) sujeitos- pesquisadores participantes do projeto, sete (07) revelaram dados preocupantes e alarmantes sobre os valores noéticos, mostrando apatia profunda e total falta de sentido diante da vida em todos os itens e questões da 1ª parte da entrevista. Dois (02) não chegaram a participar de nenhum encontro, sendo internados poucas semanas depois, três (03) desistiram após o 1º mês do projeto e os dois últimos perseveraram até o final, com forte apoio do grupo, mostrando algumas melhoras, mas passando por episódios de tentativa de suicídio e internação ao longo do processo. Curiosamente os oito (08) sujeitospesquisadores participantes que tiveram constância, participação ativa e envolvimento no projeto, foram aqueles que responderam, de alguma forma, algo de positivo nas questões da 1ª parte da entrevista, revelando ainda alguns laços e vínculos com valores de criação, experiência e atitudes.

Em relação à 1^a parte da entrevista, os sujeitos-pesquisadores participantes do projeto revelaram expressões faciais de surpresa e descontração diante do modelo e forma de entrevista. Suas falas iniciais, antes mesmo de qualquer pergunta, eram para justificar e explicar suas patologias e medicações. Nos questionamos sobre o peso e o impacto de tais falas, tais diagnósticos (por mais importantes que sejam) no ser do usuário e na sua visão de saúde e de vida. O impacto de tais falas, sobretudo, nas suas possibilidades de atitudes diante da doença. Uma entrevista centrada em valores noéticos é um encontro, uma conversa descontraída, uma abertura, uma tentativa de escuta e respeito à alteridade. Mas o sujeito-pesquisador chegava destituído de uma história pessoal, memórias, de uma outra visão de pessoa, de si, apenas carregava discursos e falas sobre patologia há muito internalizadas. Embora os mapas para associação dos sentidos (Apêndice C) criados pelos pesquisadores (LEONARDI, 2007) como ferramenta auxiliar para registro dos sentidos e falas mais destacados pelos usuários durante a entrevista não expressem toda a riqueza deste momento de encontro com o outro, ainda assim o mapa ajuda na observação e sinalização dos valores de vida mais importantes dos sujeitos. O mapa nos auxiliava como guia nos valores de vida mais significativos para os sujeitos-pesquisadores, bem como reconhecimento de uma crença em algo maior à própria vontade humana. As associações para saúde quase sempre estão ligadas com a possibilidade desses vínculos que transcendem o próprio indivíduo (LEONARDI, 2007).

Outras falas que nos chamaram a atenção referem-se ao desejo de ser útil, de servir, de fazer algo para o mundo, de ser reconhecido pelo mundo existencialmente. Como falamos anteriormente, os mapas de associações (Apêndice C) têm seus limites, mas o encontro com cada participante, que envolveu percepções não-verbais, traz também uma mensagem sutil: o desejo mais profundo é o de pertencimento, de existir, de ser olhado. Olhado não apenas fisicamente, mas amorosamente também, reconhecendo o outro como outro. Isso nos fez pensar sobre a importância do olhar (enquanto aprendizado noético) neste caminho. Poderíamos falar então de uma "corporalidade" plena de *nouz* (espírito), presença (do verdadeiro humano). Buber (2004) e Frankl (2008) trazem em seus trabalhos a todo o momento a importância da vida dialógica e do encontro EU e TU como únicos caminhos para realização do sentido da vida. E entendemos essa realização como saúde existencial. Assim, se eu não "olhar" o outro, inclusive nesta presença plena de *nouz*, integrada nesta corporalidade, também não ocorre o encontro verdadeiro EU e TU, o outro não existe. Porque existimos apenas na relação, no verdadeiro encontro genuíno e humano. A vida humana acontece, portanto, na esfera subjetiva, na partilha diária que revela nossas necessidades e buscas mais profundas como seres. O ser humano acima de tudo é uma criatura que busca um sentido para sua vida. E uma vida sem sentido, sem a possibilidade do noético, é o que define melhor a loucura (diga-se de passagem, coletiva). A loucura humana não são apenas sintomas e comportamentos inadequados mas sobretudo a condenação de uma vida, por parte da sociedade, à exclusão, ao isolamento e à crença de que a liberdade e o sentido não fazem parte do que ele é. Daí a preocupação tão grande de Frankl (2008) em

trabalhar a saúde através da vivência dos valores humanos e da realização do sentido de vida (LEONARDI, 2007).

Outras respostas em comum entre os sujeitos-pesquisadores, e que nos chamaram a atenção, relacionam-se com os sentidos e sentimentos associados à loucura, ao destino e às lições que a doença traz para cada um. Muitos, em seus depoimentos, repetiram os mesmos termos e imagens para suas doenças: a loucura é um tormento de pensamentos, é estar preso nos pensamentos, uma vida sem luz, uma vida de extrema solidão, uma vida sem um sentido. Os sujeitos pesquisadores deixam claro que a doença é algo do qual jamais se libertarão. Fica claro, portanto, nas falas, que a idéia é muito comum e reforçada quanto à não existência de uma dimensão de liberdade no ser humano. Estamos condenados, segundo essa visão, a não poder dar uma resposta ao sofrimento diante da vida. Nesse caso, não há porque lutar, ter esperanças e nem tentar uma nova aproximação com a saúde. E embora possa ser uma verdade, infelizmente, para muitos transtornos psiquiátricos, isso não deveria impedir o fortalecimento da liberdade e responsabilidade por parte do usuário em relação à saúde, em especial, quando entendemos saúde na esfera noética dos valores. Mas o próprio caminho noético exige uma transformação e revisão muito profunda de nossos valores como profissionais de saúde. A convicção e vivência do noético devem começar também entre os profissionais de saúde, profissionais que se encontram adoecidos em muitos níveis e fragmentados em suas formas de pensar, sentir e agir, contribuindo, portanto, para a crise que todos enfrentamos no presente momento no cuidado em saúde mental. Os profissionais da saúde mental necessitam deste aprendizado tanto quanto os usuários, necessitam deste desafio de autoeducação, necessitam dos exercícios de liberdade, tomando emprestado termo de Leonardi (2009) em seu trabalho Exercícios de liberdade - educação em saúde e educação para a paz, no qual realiza pesquisa de história oral em comunidades terapêuticas do Brasil que atuam com recuperação de dependentes químicos, com base em projetos de laborterapia, auxílio mútuo e espiritualidade e inspirados, muitos, na logoterapia. E inspirados, alguns deles (comunidades de Vincenzo Source), na logoterapia.

Criticamos e apontamos diversas crises e fatores externos que afetam o sistema de saúde (e de fato afetam mesmo), mas nos esquecemos que há uma crise mais grave e que nos compromete a todos e que é uma crise humana e de valores. E nessa dimensão, própria do que somos, sofremos todos, cuidadores e usuários, porque nos esquecemos de como nos relacionar, nos esquecemos do potencial do verdadeiro encontro entre dois e às pessoas em nossas vidas? Estamos nos cuidando internamente o suficiente para saber cuidar amorosamente do outro? Estamos de fato conectados ao caminho dos valores e à vida em seu mais pleno sentido? Se a vivência e a transformação pessoal não acontecerem em nós, como cuidadores, elas não poderão chegar na partilha da saúde existencial e dos valores com o outro. Outro que sofre e pede ajuda sobretudo porque seu sofrimento psíquico está ligado ao fato de "não existir", de não ser olhado no tipo de sociedade em que vivemos, no tipo de "pessoas" que nos tornamos. Esse difuso malestar da civilização atual aparece, segundo Boff (1999), sob o fenômeno do descuido, do abandono, da falta de cuidado (LEONARDI, 2007). Outras falas apontam para o entendimento da saúde como alegria e paz interior. Os sonhos e desejos para o futuro de alguns usuários revelam a esperança na libertação daquilo que chamam de prisão dos pensamentos. Mas se o foco está nas dimensões biopsicossociais, existem, de fato, limitações e sofrimentos reais que precisamos aceitar e aprender a trabalhar dentro das possibilidades de cada um. Como nos focamos em demasia em sintomas e nas patologias das outras esferas, acabamos por esquecer que a saúde existe, está presente e pode se fortalecer mesmo com a doença. Caminhar junto ao outro que pede nossa ajuda em um processo de partilha de valores e

libertação daquilo que chamam de *prisão dos pensamentos*. Mas se o foco está nas dimensões biopsicossociais, existem, de fato, limitações e sofrimentos reais que precisamos aceitar e aprender a trabalhar dentro das possibilidades de cada um. Como nos focamos em demasia em sintomas e nas patologias das outras esferas, acabamos por esquecer que a saúde existe, está presente e pode se fortalecer mesmo com a doença. Caminhar junto ao outro que pede nossa ajuda em um processo de partilha de valores e de realização de sentidos nesses valores, é a trilha noética que Frankl (2008) aponta para a saúde. Podemos aceitar as limitações e sofrimentos que necessitam inclusive de outras abordagens terapêuticas e medicamentosas, mas isso não impede o fortalecimento e ampliação da saúde existencial. A saúde existencial, dos sentidos e partilhas, é e sempre será possível. Mas é preciso lembrar que isso só será possível primeiramente com a promoção da saúde e comprometimento noético dos cuidadores de saúde mental. Quem não se autorrealiza no noético, quem não se autoeduca para a liberdade e responsabilidade, não pode ser veículo de promoção da saúde e nem de educação em saúde em um processo tão desafiante como este.

Vejamos então alguns trechos dos sentidos e partilhas revelados pelos usuários nessa 1ª parte da entrevista dedicada aos sentidos noéticos:

"Eu quero fazer alguma coisa, mas minha mãe não deixa, não deixa eu fazer nada. Minha mãe não deixa eu varrer a casa. Por isso eu gosto do padre J. Ele deixa eu distribuir os panfletos da igreja. Eu quero fazer alguma coisa"

(na fala percebemos um movimento em direção aos valores de criação, um desejo genuíno de se ofertar ao mundo, dar ao algo de si ao mundo, ainda que em forma de cooperação. Nesse trecho, portanto, podemos ficar com o que há de melhor no usuário, o que há de mais saudável, pois sua fala nos sinaliza a conexão, ainda que singela, com seu potencial noético de dar)

R.V, Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

"Pra mim a coisa mais importante na minha vida são meus filhos. Se eles não estivessem mais aqui, minha vida não teria mais sentido, já teria me entregado. Eu tenho muita vontade de trabalhar de novo, de conseguir cozinhar, sabe, eu gostava muito de cozinhar, fazia pratos bons, vendia meus pratos, cozinhava pra fora. Também quero muito voltar a cantar na igreja, ter mais amigos, mas eu não consigo, é algo maior que eu, eu não consigo, só não me mato por causa deles. Eu tô aqui pra ver se consigo cantar de novo, ter amor de novo pela música, se consigo cantar. Eu era muito feliz quando cantava. Mas nunca mais cantei. Minha voz desaparece, a garganta fecha. Eu era soprano no coral da igreja " (existem os filhos como razão para essa luta, na fala da usuária, eles representam os valores de experiência, o que ainda podemos receber do mundo, ainda que envolvida em um quadro de depressão profunda, sinaliza os filhos como sentido para sua luta)

I.D, Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

"Eu acho importante ter amor a Deus e ajudar o próximo. O C. já me ajudou muito quando eu estava internado. Por isso agora no CAPS eu lembro do remédio dele, eu ajudo ele. Ter amor pela natureza também.

(há uma busca por Deus na fala noética de N.V e uma relação de solidariedade com o próximo, que também é um valor de criação, uma oferta ao mundo. N.V lembra do quanto auxiliado por O.C em seus piores momentos e hoje nessa ajuda diária a O.C há uma vivência de valores de criação real)

N. V, Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

"Eu sei ajudar. É o que tenho de melhor."

(há uma consciência e, portanto, uma conexão com o noético mais forte, pois S.O sabe o que pode ainda oferecer ao mundo, sabe que tem capacidade de oferta, algo de melhor em si)

S. O, Sujeito Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

"Minha família, eu conto muito com eles. Eles me tiram do tormento da solidão, da escravidão dos pensamentos"

(há o reconhecimento da família, como valores de experiência)

L.S, Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

"Meu futuro? O que quero? Não sei...acho que ser mais independente..sim..e ter paz..paz aqui dentro..não ficar mais atormentada com os pensamentos, não ser mais escrava dos pensamentos" (um despertar de valores de atitude simultaneamente aos valores de criação na fala em relação ao futuro) O.G, Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

"Conseguir ter paz, sentimentos bons, alegres...meus pensamentos são um tormento..eu sonho com a alegria, em sair da solidão"

(um sinal, um desejo de encontrar atitudes talvez diante do tormento, um potencial para trabalhar os valores de atitude)

R. P, Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

"Poder ser útil no lar, ajudar, ajudar aqui também. Fazer alguma coisa" (valores noéticos de criação)

A.I, Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

"Resgatar a música, ter coragem para tocar o teclado de novo, pra me libertar da prisão da minha mente" (valores de criação e atitude simultaneamete como parte do potencial noético, do projeto que o usuário se propõe em sua entrevista)

P.R, Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

"Ah um amor..rs

A gente não agüenta ser sozinho, né? Eu quero amar também."

(valores de criação como potencial noético porque amar é se ofertar ao mundo, ao outro, no que há de melhor em nós)

F.B, Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

"Eu acho que, pra mim, alguém conversar mais comigo pode melhorar. E ter mais oficina. A gente fica parada e só aqui. Nas oficinas fazemos amigos"

(valores de experiência, saber que ainda se pode receber algo do mundo, "alguém conversar mais comigo pode melhorar", também valores criação e atitude com as oficinas, encontrando caminhos positivos para solidão e o não fazer nada)

O.G, Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

"A loucura é algo muito triste mesmo, não desejo esse tormento, essa dor para ninguém. É uma prisão na cabeça da gente. Eu não dou conta de fazer as coisas, de voltar a tocar, de sair" (o termo "prisão na cabeça da gente" revela um pouco do contraponto que a logomúsica se propõe com a voz e o corpo, o lúdico e os processos criativos, liberando essa mente que está aprisionada e que não transita no sentir e agir muitas vezes)

P.R., Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

"Acho que não dá para ser feliz de novo"

(nessa fala há uma sinalização de uma visão determinista do humano e uma desconexão com o potencial noético em I.D. Não que o noético não exista em I.D, mas ela não reconhece a possibilidade do dar, receber e de atitudes, isso é um dado para o trabalho)

I.D, Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

"Um tormento, uma solidão extrema, fico sem luz. Mas eu amo muito minha filha, os amigos do CAPS, a equipe, vocês"

(há uma sinalização de valores de experiência, do que se pode ainda receber do mundo, mas durante a entrevista o usuário R.P sinaliza mais o que pode receber do que pode dar e das atitudes, e isso também deve ser um dado a ser considerado no seu potencial atual, na sua conexão presente)

R.P., Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

"A loucura é a pior doença que um ser humano pode ter, é terrível a solidão e a vida não ter sentido, ficar acorrentado nos pensamentos"

(os termos associados à loucura, solidão, vida sem sentido e estar acorrentado nos pensamentos, sinalizando, portanto, os caminhos da logomúsica na sua forma terapêutica e pedagógica de trabalhar as sensibilidades solidárias, o sentido e equilíbrio humano por meio da valorização dos recursos da voz, do corpo e da criatividade como contraponto ao estar acorrentado nos pensamentos)

O.G, Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

"Acho que eu vim para sofrer mesmo, era meu destino, não tem como escapar, tem?" (nessa fala não se reconhece a conexão noética, há uma negação da liberdade, responsabilidade e valores de atitude)

A.I, Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

"O que é pra ser é, e não posso me libertar disso, mas acho que posso tentar ter atitudes que ajudem a melhorar"

(há um reconhecimento dos limites, e isso é positivo, mas também de que se é possível atitudes diante do inevitável como a doença e o sofrimento)

L.S, Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

Cabe aqui um primeiro insight sobre alguns trechos no que diz respeito à loucura enquanto "prisão de pensamento, escravidão da mente" a que se referem os usuários. Os sujeitos-pesquisadores estão dizendo que nessa esfera denominada "loucura", eles estão acorrentados "no pensar", há uma "prisão mental". De alguma forma há uma fragmentação, desintegração, não é possível estar na vida, no mundo, no corpo, no pulsar do sentir e agir. Os usuários ficam sob o domínio de um pensar confuso e não numinoso. A intervenção em logomúsica traz justamente essa proposta de integrar o corpo, a voz e o agir (por meio da criação coletiva) como contraponto a essa dominação mental, a essa "escravidão dos pensamentos". A presença do corpo e da voz são estratégias particulares na logomúsica que respondem a essa necessidade terapêutica. Há na logomúsica caminhos alternativos para expressar, comunicar e autorrealizar, reconhecendo a importância da corporalidade e da voz como veículos para esse resgate. Na "prisão dos pensamentos" não se pode acessar o noético também porque o corpo e a voz ficaram de fora e o noético integra todas as outras dimensões segundo Frankl (2005). Então propomos o resgate integral de nossos canais não-verbais para que possamos estar nessa corporalidade plena de nouz e entrar na esfera do verdadeiro humano. Cantando, transpirando, movimentando, estando no aqui e agora, apropriados de nossos corpos, nossas vozes, vamos desobstruindo, pouco a pouco, com a descoberta do apoio mútuo, as correntes dos pensamentos da loucura.

Parte II: Biografia e Perfil Musical

Nesta 2ª parte da entrevista, direcionamos as perguntas para a história sonoromusical do sujeito. Investigamos as recordações das paisagens sonoras (SCHAFER, 1991) de sua infância, juventude e vida adulta, contemplando em sua biografia sonoromusical o universo que o rodeava, acolhendo seus gostos musicais, potenciais musicais (caso tocassem algum instrumento), sons que agradam ou desagradam, desejos e motivações para o projeto do ponto de vista noético musical, medos possíveis (vergonha da voz) e uma longa lista de cantores e músicas preferidas do usuário, além de particularidades sonoras que poderia ter marcado a história do indivíduo tanto positivamente quanto negativamente (gritos nos hospitais, sons urbanos etc).

A partir desses dados iniciais traçamos algumas características do grupo do ponto de vista sonoro musical e isto tornou possível a realização dos primeiros encontros e a construção de uma nova forma de testificação musical inspirada na antropologia frankliana. Neste caso o termo testificação musical (BARCELLOS, 1999) deixa de ter sentido, pois sendo o olhar frankliano inspirado na antropologia filosófica, o mais correto é falar em um mergulho, um período de observação antropológica no qual se possa levantar elementos sobre a própria vivência dos participantes quanto ao projeto personalizado, tanto do ponto de vista dos valores noéticos quanto do ponto de

vista dos espaços de identidade musical. Importante ressaltar neste trabalho que as duas partes da entrevista têm existência puramente didática, mas não estão separadas. Muitas vezes a parte da história de vida do sujeito e dos seus valores noéticos auxiliam muito mais nas hipóteses do perfil musical ou de possíveis metodologias musicoterápicas para aquele grupo do que a revelação das músicas ou cantores preferidos apenas. Muitas vezes um participante não se recorda de sons que marcaram, nada fala sobre música e até não responde bem ao diálogo verbal mas sua história de vida pode revelar paisagens sonoras (sons do campo, bailinhos, orquestras, a época em que viveu, a região), enfim, estes dados também ajudam a compor o perfil sonoro-musical do participante.

Assim, a 2ª parte da entrevista revelou preferências musicais bastante diversas entre os usuários participantes. Alguns tinham em comum a história do campo, do interior, as memórias musicais das trilhas caipiras, causos, parlendas, sons da natureza, o corpo era parte viva, música e dança estavam juntas, muitos valores de vida e de fortalecimento da saúde estiveram ligados à memória da vivência do folclore brasileiro. Outros guardaram sua saúde e alegria nos bailes, na relação música e movimento, nas grandes orquestras, nos clássicos de Frank Sinatra. Alguns tinham clássicos da música popular brasileira, como Elis Regina, outros Demônios da Garoa, outros ainda Zélia Duncan e outros músicas de carnaval antigas e pagode contemporâneo. Um usuário ainda se lembrava com esperança de suas improvisações no piano jazzístico. Improvisações estas no piano que confessou precisar interromper após o diagnóstico de esquizofrenia paranóide. Uma outra usuária se recordava dos cantos devocionais da igreja de que participava antes da depressão e que muita alegria e bem estar lhe ofereciam no período em que estava saudável. Algumas músicas eram parte da biografia musical do grupo todo (Canto de um povo de um lugar, Trem das Onze, É Preciso Saber Viver, Carinhoso, Chalana, Debaixo dos Caracóis dos Seus Cabelos). Todos, em comum, o vínculo, a abertura para o universo sonoro-musical, o canal de comunicação musical. Identidades sonoras diferentes muitas vezes com certeza. Paisagens sonorosas, biografias sonoras muitas vezes dissonantes. O desafio na logomúsica era integrar, valorizar e permitir um ambiente terapêutico e uma relação de cuidado com o grupo que tornasse possível a valorização das diferenças, a descoberta e o encontro dos valores humanos essenciais para a saúde em grupo.

Vejamos então alguns trechos dos sentidos e partilhas revelados pelos usuários nessa 1ª parte da entrevista dedicada à biografia musical:

"Eu gostava muito de tocar o teclado. Tocava todos os dias antes da 1ª internação. Depois nunca mais toquei. Eu tento às vezes, mas não tenho mais vontade. Eu gostaria de voltar a tocar, mas tenho medo também. Eu era muito feliz tocando"

(a música definindo identidades e espaços pessoais e sociais como nos lembra Ruud na história do usuário)

P.R, Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

"A minha voz desapareceu com a depressão. Eu não consigo mais cantar na igreja, estar com os amigos, estar com meus filhos, estar com a música que tanto amo. Eu vim para tentar ver se consigo voltar para a música. Nem cozinhar consigo mais"

(a vida é um pulsar, e voz está na vida, com a tristeza ela se vai, a usuária precisa da voz, desse pulsar, da vida como símbolo e canal desse resgate)

I.D, Sujeito- Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

"Eu gosto de tocar teclado, de compor. Mas eu não faço mais. Não sei porque. É a doença, não tem jeito, né? Mas eu gosto muito. Eu queria mostrar o que eu faço, mas eu tenho medo, vergonha, acho que vão me chamar de louco. Na rua eles me chamam de louco.

Eu tenho medo de mostrar minha música. Pra ser sincero não sei se vou conseguir Juliana. Se eu puder ficar lá, só para ouvir música de novo,

porque tocar de novo eu tenho medo, acho que não quero"

(há um movimento noético de criação, de revelar algo de si, ofertar para o mundo, mas o medo ainda que impede P.R, este é um projeto pessoal, um desafio noético que P.R. será chamado a se aventurar)

P.R, Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

"Eu gosto de ler, gosto de poesia. Eu gosto de refletir sobre as letras das músicas. Eu queria fazer algo. A gente precisa fazer algo pra ficar bem, né? Se não os pensamentos gritam lá dentro. Eu quero fazer alguma coisa. Eu acho que aqui nessa oficina a gente vai fazer alguma coisa, cantar, tentar algo mais positivo, tentar mudar esse pensamento né? Como diz aquele ditado 'Quem canta seus males espanta'.

Eu acho que tem muita coisa que a gente pode fazer'

(os pensamentos gritam lá dentro, existe uma voz, é preciso fazer algo, é preciso um movimento, tentar algo para cuidar, para transmutar esse pensar....e a voz, o cantar, podem, talvez, transmutar essa dor, liberar esse grito e ajudá-lo a descobrir um sentido, ainda que na dor)

O. G, Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

"Eu gosto do silêncio. Eu vivi em um mosteiro muito tempo. Ia ser padre. Mas não deu certo. A vida mudou. Mas eu aprendi muito com eles. A paz está no silêncio. Não sou muito de conversar. Prefiro ouvir. É bom, me faz bem. Gosto muito de Elis Regina. Escuto todos os dias Elis Regina. Me lembra minha juventude no Rio de Janeiro. Tenho ótimas lembranças. A minha tristeza é porque o médico disse que estou com um problema na vista. Só isso. Por isso estou triste, porque estou perdendo a visão"

(usuário em processo de cegueira total, o silêncio também pode ser música, ouvir também é um mergulho profundo na música, tanto quanto fazer música)

C.T, Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

"Eu gosto de escrever, Juliana. De copiar pra me acalmar. Gosto também de cantar. Faz bem. Mas eu não agüento mais meu marido, Juliana. Não agüento. Vou enlouquecer. Eu vou deixar ele, Juliana. Ele me dá tormento. Minha cabeça não agüenta. Por isso eu estou aqui, preciso cantar pra me acalmar" (nesse caso, valores de atitude diante de uma situação que dá tormento, "cantar para se acalmar")

A.I, Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

"Cantar me faz bem. Os amigos do coral. Cantar junto com as pessoas." (há uma experiência singular no coral, já sinalizada anteriormente, mostrando a importância do canto coral na logomúsica no aprendizado de sensibilidades solidárias e no trabalho em grupo como forma de empoderamento)

S.O, Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

"Minha mulher, minhas filhas, são maravilhosas pra mim. Os médicos, a Dra. R.Todos vocês. Eu amo vocês. A música faz muito bem Dra. Juliana. Eu quero dançar de novo Juliana Frank Sinatra com vocês (risos). Eu quero cantar de novo."

> (valores de experiência e de criação, corpo e som integrados no contraponto ao tormento dos pensamentos)

J.V, Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

"Eu gosto de cantar, Juliana. Mas lá onde eu tô (centro evangélico) elas não me deixam cantar, elas não querem deixar eu fazer esta oficina, dizem que é coisa do diabo, que não vão deixar. Mas eu queria cantar, acho que vai me fazer bem. Eu lembro de você lá no Santa Tereza quando eu tava lá. Eu lembro das rodas, da música. Me fazia bem. Mas você precisa conversar com elas, Juliana, pra ver se elas me trazem aqui. Elas dizem que minha voz é do diabo, que não tem que cantar as músicas daqui" (a equipe do CAPS procurou fazer um trabalho com este centro, independente da oficina, pois existiam muitos conflitos na forma como o centro cuidava da usuária e o tratamento no CAPS)

P.K, Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

"Gosto de cantar com as pessoas. O coral é muito bom, une a gente. Eu me sinto menos só." (novamente o potencial do canto coral como via privilegiada na logomúsica, despertando o empoderamento e o trabalho do ser e conviver).

R.P., Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

"Meu pais cantavam para mim na roça, quando a gente ia trabalhar. Eles me amavam muito. Até hoje minha família é boa pra mim."

(a organização da identidade musical, o resgate de memórias e a valorização dos espaços pessoais e sociais que Ruud aponta)

N.V, Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

"Os bailinhos eram ótimos. Eu tinha amigos" (a organização da identidade musical, espaços pessoais e sociais, resgate de memórias que Ruud aponta) L.S, Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

Alguns trechos da biografia sonoro-musical dos participantes, como vimos, apontavam para esta identidade sonoro-musical como fator a ser considerado no trabalho de promoção da saúde mental no grupo. As reminiscências traziam imagens da música como veículo que acompanhou a própria formação da identidade da pessoa e esteve presente em momentos marcantes de sua vida. Para alguns, a música em si era o chamamento, o desafio pessoal neste resgate, para outros era veículo de partilha, de comunhão com outros, e para outros, uma forma de comunicação e expressão que auxiliaria no contraponto daquilo que os participantes denominaram de "prisão dos pensamentos". Assim, com a 2ª parte das entrevistas iniciais, tínhamos dados da identidade sonoro-musical do grupo integrado ao sentido da música em suas biografias.

6.2 Observação Antropológica em Logomúsica: Sentidos Contemplados

A segunda etapa do processo *logomúsica*, a observação antropológica, tinha por objetivo fazer os pesquisadores imergirem em uma observação participante por um período de três (03) meses de duração, estabelecido na proposta do projeto. Este período seria dedicado a observar os sentidos revelados no processo pelos sujeitospesquisadores.

Após os dados das entrevistas iniciais e este período de observação antropológica, os pesquisadores teriam uma maturidade maior para auxiliar os sujeitos pesquisadores no desenvolvimento dos projetos personalizados e no recorte das paisagens sonoro-musicais do grupo na próxima etapa, a etapa dos ciclos noéticos, caracterizada por um trabalho em grupo mais íntimo e solidário.

Assim, podemos afirmar que a observação antropológica na logomúsica acontece integrada às revelações dos valores noéticos e o musicoterapeuta tem uma atitude participativa na observação. Esta etapa de observação antropológica na logomúsica, portanto, apresenta quatro características principais: a) é realizada sempre em grupo e não individualmente (até o momento os pesquisadores não tiveram a experiência da logomúsica em casos individuais, tratando-se, portanto, de uma abordagem essencialmente grupal); b) apresenta um caráter dialógico socrático devido à necessidade da escuta dos valores noéticos junto à biografia musical do grupo, neste caso podemos dizer que sua observação é participante e não passiva; c) o tempo para esta observação participante também difere, sendo necessário o mergulho antropológico e a longa duração na observação; d) não tem um enfoque de observação baseada na musicoterapia clínica e sim antropológica e, e) o musicoterapeuta na logomúsica tem uma atitude de educador (no sentido socrático), pois não estimulamos um olhar sobre o paciente mas sim sobre o sujeito-pesquisador no processo.

Entendemos, ainda assim, que é uma etapa de levantamento de dados noéticos e sonoro-musicais, de aprofundamento da identidade sonoro-musical do grupo e das relações sonoro-musicais e noéticas que se estabelecem entre eles. É um período de contato, observação participante e escuta musicoterápica fundamental e valioso. Somente após este mergulho poderemos saber quais os projetos personalizados possíveis, que sentido este caminhar grupal tem, quais mosaicos sonoros foram revelados, como o grupo responde aos desafios noéticos do ponto de vista sonoromusical. Assim, a observação antropológica é o período mais denso e crítico do projeto, pois desse mergulho, todo o processo logomúsica será construído em grande parte. As peças possíveis para a construção do espetáculo só começarão a se revelar, portanto, após esses três primeiros meses de observação antropológica na logomúsica.

A tabela de registro noético e sonoro-musical (Apêndice D) mostra como registramos os dados de base noética e sonoro-musical do grupo nesse período de observação antropológica em logomúsica. Esta tabela era usada como referência para registro por encontro, de forma a organizar e padronizar o que era preciso ter de elementos verbais e não verbais da observação antropológica. Além deste registro noético e sonoro-musical durante o período de observação antropológica, todos os encontros foram registrados em audiovisual. Ao todo eram quatro observadores participantes além da pesquisadora para registrar o processo (em diário, tabela e DVD).

Nossa reflexão se dará de acordo com os contornos de cada momento do encontro (a estrutura noética do encontro apresentada na metodologia). Ressaltamos apenas, para os possíveis interessados no processo logomúsica, que não acreditamos em fórmulas. Os contornos foram direcionados em muitos momentos apenas para servir como bússola aos pesquisadores (que precisavam registrar e ter claro também objetivos do processo). O que não podemos perder de vista na logomúsica é compreender que o nosso propósito é educar para a liberdade, para a responsabilidade (via experiências musicais) como caminho de promoção da saúde. Isto sim é um direcionamento que caracteriza a proposta logomúsica: sua vinculação com a logoterapia (e, portanto, com uma visão de pessoa, de cuidado, de educação).

Assim, os contornos noéticos-musicais dos encontros (acolhimento noéticomusical, rodas de conversas, partilhas da biografia musical, produções sonoro-musicais etc) nesta ordem, existiam apenas como base para o trabalho criativo e de improvisação, podendo alguns (o que na maioria das vezes acontecia) serem suprimidos e outros não. Não há a necessidade de que este roteiro seja um modelo universal, ou que em todos os encontros todas as etapas tenham sentido, trata-se apenas de uma bússola noéticamusical para os envolvidos. Acreditamos também, que cada pessoa é única, cada encontro é único, cada caminho é único, é preciso adaptar e sempre recriar de forma criativa as condições e os canais de comunicação com cada grupo, cada nova experiência. O que se deve manter como essência da logomúsica é sua vinculação obrigatória com a logoterapia enquanto visão de pessoa e proposta de educação para a liberdade, para a responsabilidade. Esclarecida esta parte da observação e da estrutura (os contornos noéticos), passemos então a compreensão dos sentidos da observação antropológica.

6.2.1 Sentidos Contemplados no Acolhimento Noético-Musical

A sala ficava preparada pelos pesquisadores com as cadeiras em sentido circular. Considerávamos um dos momentos mais importantes do encontro. Para os pesquisadores era a vivência dos valores de criação (aprender a dar, o que posso oferecer de meu para o outro) e para os sujeitos-pesquisadores era a vivência dos valores de experiência (o que o outro me oferece, o que posso receber do mundo).

Assim, os pesquisadores estudavam, baseado nas entrevistas iniciais, as preferências musicais do grupo. Sabíamos pelas entrevistas iniciais que o som do piano, violão e a voz humana agradavam aos sujeitos-pesquisadores. Então os pesquisadores revezavam nas ofertas musicais, ora tocando músicas do repertório do grupo no teclado, ora cantando músicas da biografia musical do grupo acompanhado do violão. A música aqui era um presente, mas também nossa presença era um presente (o que conversamos muito em equipe). O desafio não era simplesmente tocar ou cantar, mas tocar e cantar

com presença, olhar, corporalidade e espírito (nouz, noético) juntos. Vivenciar musicalmente este encontro EU e TU que nos fala Buber era o propósito da logomúsica. Aprender a aceitar o outro, reconhecer o outro, acolher o outro, estar com o outro. Saber integrar corpo, voz, o olhar e a presença profunda do ser em cada gesto artístico e momento criativo, era a forma de promover os diálogos socráticos em um nível não verbal com o grupo.

No momento do acolhimento noético-musical, os sujeitos-pesquisadores entravam (muitos abraçavam os pesquisadores) e durante a audição musical sorrisos se esboçavam por parte de muitos, outros ficavam compenetrados, outros movimentavam o corpo, outros buscavam contato visual com os pesquisadores. No final da audição, aplausos e agradecimentos sempre aos pesquisadores pela oferta.

Muitas vezes os sujeitos-pesquisadores tinham lembranças de outras músicas, outras paisagens sonoras de suas vidas por conta da audição do acolhimento noéticomusical. Uma audição neste momento do acolhimento levava a uma outra lembrança de paisagens sonoro-musicais de suas vidas. E as paisagens sonoro-musicais, por sua vez, traziam sentidos diferentes para suas histórias, ajudando cada um a resgatar antigos projetos, valorizar suas histórias, suas qualidades e enraizar sua identidade em um resgate pessoal e cultural que se fragmentara também com a institucionalização.

O sentido noético deste acolhimento (dar e receber musicalmente) ajudou o grupo a encontrar e construir uma identidade, resgatar sua história, memória e dar um rosto a cada um que até então chegava apenas com um diagnóstico e falando exclusivamente sobre remédios. Ruud (1991) aponta para o fato da comunicação musical ser uma maneira de definir e revelar nuances da vida interior do sujeito, possibilitando uma melhor percepção de si e do outro, em contextos grupais.

A partir deste momento tínhamos uma outra paisagem, um outro rosto, uma outra história. Começávamos a nos ofertar no resgate e interesse desse passado, dessa sonoridade que fazia parte de cada um. Nossa forma de dizer "eu te reconheço" era tocar e ofertar musicalmente o repertório do grupo no acolhimento. Era também aprender (e reaprender várias vezes) a estar inteiro para cada encontro. Dessa forma, íamos colhendo encontro por encontro mais e mais informações, novos repertórios para receber e estimular o grupo do ponto de vista da memória, do resgate cultural, do empoderamento, trabalho de identidade, da vivência noética com a música. Como podemos perceber, o trabalho do musicoterapeuta consiste nesse "algo" híbrido, tomando as palavras de Chagas e Pedro (2008), pois integra arte e ciência simultaneamente, improvisação e sistematização em um mesmo processo. Vejamos alguns depoimentos dos usuários desse primeiro momento do encontro:

"Eu tocava muito teclado. Gostava muito de tocar quando era mais moço. Tenho o teclado até hoje em casa. Mas fico triste porque já não quero mais. Não consigo mais. Mas eu era bom. Eu era muito bom" P.R, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

"É bom, diferente começar o encontro ouvindo música, né? A gente fica mais calma, eu acho." L.S, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

"Cada dia eu me lembro de mais música, de mais coisas. Eu gosto de ouvir. É um presente." C.T, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

> "É a música que chama a gente, que recebe a gente." N.V, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

"Gosto de ouvir meu nome quando vocês cantam." S.O, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

"Mesmo sem conseguir voltar a cantar, com a voz presa, é bom ouvir a voz de alguém cantando meu nome.Ouvir também é bom"

I.D, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

"É bom ouvir nosso nome"

R.V, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

"Eu gosto de ouvir nosso nome, de ouvir também, ouvir a Rosi no teclado"

R.P., Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

"Ouvir é bom. Mesmo com medo de tocar de novo, ouvir a Rosi no teclado é bom. Ouvir música de

P.R, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

6.2.2 Sentidos Contemplados nos Diálogos Socráticos

Neste segundo momento do encontro tínhamos por objetivo ouvir como os sujeitos-pesquisadores estavam naquele dia e trazer uma questão importante do ponto de vista da logoterapia: o que cada um poderia fazer para promover sua saúde, valorizar a qualidade de sua vida, superar os desafios de seu viver, assim como ajudar o grupo

neste processo. Não nos colocávamos como cuidadores que iriam dar a resposta ou assisti-los de forma "paternal" nesta caminhada (reforçando, dessa forma, uma relação de passividade), mas como educadores dispostos a caminhar lado a lado e educar (nos auto-educar também) para esta experiência de responsabilidade (própria do noético), para esta descoberta de empoderamento e de sentido. Deixávamos claro a todo momento que, embora todas as demais terapêuticas fossem importantes e indispensáveis para cada um, e que reconhecíamos este trabalho integral na promoção da saúde mental, nossa proposta junto ao grupo era mais educativa e de promoção da saúde. Em logomúsica acreditamos que a aproximação do ser educador e do ser cuidador seja necessária e fecunda, promovendo diálogos, encontros e ajudando a criar espaços de aprendizado por meio de experiências sonoro-musicais.

Nossas perguntas disparadoras, neste momento, tinham por objetivo este despertar e este educar para a responsabilidade, para aquilo que nos caracterizava enquanto pessoas e que estava acima da doença. Entre as perguntas disparadoras principais, citamos: a) o que você pode fazer (ações concretas no dia a dia) para promover sua saúde mental; b) qual seu desafio pessoal neste encontro para promover sua saúde mental? e, c) qual o desafio, a tarefa pessoal desta semana para promover sua saúde mental?

Os pesquisadores intermediavam as respostas e diálogos, por suas vez, ajudando a visualizar ações concretas e a trazer os participantes para a dimensão da responsabilidade toda vez que estes se distanciavam em justificativas sobre a doença. Por outro lado, reforçávamos também o olhar integral e a importância de todas as terapêuticas, pois a constância no tratamento farmacológico e psicoterapêutico em si também é uma atitude positiva na promoção da saúde. Descobrir este desafio pessoal, de manter constância, de ficar, de não faltar, de ser estável no tratamento, também consiste em uma atitude responsável e de liberdade.

Enquanto estas rodas de conversas se desenvolviam, observávamos e registrávamos ao mesmo tempo os depoimentos, impressões e nossas intervenções em audiovisual e diário de campo.

Os três (03) primeiros meses de observação antropológica nos momentos das rodas de conversas revelaram algumas características nos comportamentos dos sujeitospesquisadores: a) uma resistência inicial por parte de muitos participantes em relação ao tema "responsabilidade" na promoção de sua saúde mental, levando muitas vezes a "conversas circulares sem fim" em torno de "justificativas" do por que "não se poderia ter determinada ação positiva (concreta) no dia a dia em razão do impedimento da doença"; b) uma forte identificação da identidade pessoal com o próprio transtorno, esquecendo-se de uma identificação com uma visão de pessoa que inclui outras dimensões; c) uma fala institucionalizada, referenciada literalmente em diagnósticos de compêndios de psiquiatria (que os usuários sabiam de memória, embora sua história pessoal tivessem perdido); d) passado um período crítico e reativo, uma maior receptividade e abertura às perguntas, com respostas e buscas mais positivas sobre a própria identidade, história pessoal e atitudes no viver e, e) no período final dos três (03) meses, os sujeitos pesquisadores além de assumirem um olhar relativamente mais responsável diante de sua saúde, verbalizando buscas de promoção de saúde pessoal, iniciam também um período de perguntas próprias junto aos pesquisadores nas rodas, trazendo suas contribuições aos diálogos. Vejamos a evolução de alguns destes depoimentos dos usuários no processo das rodas de conversas nos três (03) primeiros meses de observação antropológica:

"Não dá não, Juliana. A doença não deixa, eu queria tocar, mas não dá. Tenho medo de tocar de novo."

P.R, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

(1ª reação ao processo logomúsica)

"Eu tô tentando não faltar aqui. Ficar aqui. Tocar aqui pelo menos. Pelo menos tô tocando. Ir para a praça, fazer amigos fora do CAPS ainda não consigo. Mas já to tocando" (2º momento de P.R no processo logomúsica)

P.R, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

"Minha tristeza é porque estou perdendo a visão. Não sei o que fazer. Estou muito triste porque não tem jeito. Vou ficar sem ver mesmo"

(e é fato, o usuário terá que lidar com os valores de atitudes que Frankl fala)

C.T, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

"Eu acho que estar aqui, escolher ficar aqui é algo. Eu quero cantar um solo. Um solo de Elis Regina: Fascinação. É um solo que me lembra muito minha juventude. Me traz boas lembranças. Eu gosto de estar com vocês, com o grupo também."

C.T, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

"Eu acho que a gente pode, sim, muita coisa, pode escolher. Pequenas coisas, no dia a dia, pra melhorar nossa saúde, nossa vida. Nossa forma de pensar. Às vezes um bom livro, uma caminhada. A gente tem que mudar nosso pensamento"

O.G., Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

"Onde o remédio faiá (falha) a música cura" N.V, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

"Gosto de estar com o grupo." S.O, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

"Eu também gosto de estar com o grupo, de poder ajudar" A.I, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

"Eu tô tentando não faltar. Eu acho que meu desfio é aprender a ficar, ter compromisso" L.S, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

> "Eu quero poder ser útil, fazer alguma coisa" R.V, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

"Que voz que eu vou ouvir? Eu acho que esse é o meu desafio. Ouvir a voz do bem, pra não voltar lá pro Santa Tereza. Quero poder ficar com minha filha" (a equipe do CAPS continua trabalhando com o centro no sentido de que este aceite o tratamento do CAPS, não só a oficina que a usuária quer participar e o centro não aceita, mas também as medicações que entram em conflito com o centro)

P.K, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

6.2.3 Sentidos Contemplados na Partilha da Biografia Musical

Este momento era dedicado, a cada encontro, a uma partilha da biografia musical de um sujeito pesquisador. As partilhas, sempre que possível, contavam com o apoio do teclado no acompanhamento musical. O momento da partilha da biografia musical de cada um era um dia muito esperado no processo, com agendamento para cada participante, que se preparava durante a semana toda para trazer seu repertório e ter seu momento junto ao grupo. O grupo, por sua vez, acolhia, neste dia, apenas o participante que iria fazer a partilha, estando todos inteiros para ouvir, apreciar e acolher a biografia musical do outro, sem críticas ou julgamentos, mas com espírito de partilha, aprendizado e descoberta do outro. Considerávamos a biografia musical um presente,

integrado neste momento de partilha que o outro nos ofertava. Então era um trabalho de auto-educação para o encontro também. Acolher esta partilha do outro da melhor forma possível era o sentido deste momento. Este momento representava, para ambos, para quem ofertava sua partilha biográfica musical, e para quem escutava, uma vivência de valores noéticos (valores de criação e de experiência). Esta partilha poderia ocorrer de diversas formas, como por exemplo, no caso de P. R, que tinha por projeto pessoal resgatar sua relação com o teclado (improvisação de jazz) que fora interrompida após o primeiro surto de esquizofrenia, improvisando no teclado para o grupo. P. R com apoio e incentivo do grupo, tocava sempre para todos, em todos os encontros, improvisações jazzísticas que impressionaram do ponto de vista da evolução da harmonia os pesquisadores (todos registrados em audiovisual). Sua evolução do percurso noético e musical foi a seguinte: a) quando tocou o teclado pela primeira vez apresentou uma produção dissonante e harmonicamente confusa e desestruturada, improvisações com notas soltas, sem combinação dos elementos musicais (ritmo, melodia e harmonia), dissonância, momentos de tensão e insegurança, e não aceitava cortar as unhas (que eram muito compridas) dificultando o contato com o teclado; b) seus conflitos internos e indecisões (expressos na fala) se refletiram também no tempo de tolerância para a improvisação musical, que no início era curta e depois se ampliou para um tempo de longa duração; c) com o passar do tempo, valorizando mais sua identidade e seu resgate de um projeto pessoal, P.R passa a produzir séries harmônicas menor (Lá menor), percebe-se uma permanência dos glissando, e surgimento de percepção de tempo e espaço, ao improvisar junto ao grupo (como apoio em dramatizações dos sujeitospesquisadores). No início P.R tinha algumas crises, terminando abruptamente a improvisação ou fechando em caminhos dissonantes em breve período de tempo. Depois de um tempo, sem tanta angústia e medo neste resgate, P.R passava mais tempo na improvisação, com menos crises. No final de cada improvisação musical, o grupo aplaudia energicamente P.R e o incentivava ainda mais a continuar tocando. P.R trouxe algumas canções, além de improvisações nessa parte, como "Chalana" e "Solidão de Amigos". O.G apreciava poesias e refletia sobre as letras das canções, sua forma particular de se relacionar com a música era mais filosófica e centrada na letra do que vocal e melódica. P.R muitas vezes apoiava O.G com fundo musical enquanto ela dramatizava com apoio da psicóloga psicodramatista da equipe. O.G em suas partilhas recitava seus poemas preferidos, partilhava com o grupo sua interpretação dos mesmos e trazia letras de música e gostava de debater com o grupo sobre as mesmas.

Cantávamos com O.G as músicas que ela trazia em sua biografia, mas ela acabava puxando o tom para a interpretação das letras e para poesias como forma particular na sua relação poético-musical. C.T mergulhou em seu solo de "Fascinação" de Elis Regina, como projeto de valorização de outros sentidos, a voz, uma vez que a visão estava se perdendo aos poucos. N.V, S.O e A.I, juntos resgataram memórias musicais em comum, como "Beijinho Doce" e "Felicidade", além de piadas e histórias da roça. P.V.R.P,L.S. e outros que estiveram no primeiro mês partilharam "Carinhoso", "Debaixo dos Caracóis de Seus Cabelos", "Trem das 11" e "É Preciso Saber Viver", além de "Sambas" célebres. Ruud (1998) nos lembra que a música nos ajuda a organizar e lembrar os vários momentos que atravessamos na vida, oferecendo contornos e pontuando esses espaços sociais e de sentido. Há, portanto, com a experiência musical, segundo Ruud, um processo de organização do espaço pessoal, espaço social, organização do tempo/lugar e do espaço transpessoal, colaborando, assim, para o sentido de identidade no sujeito. Sentido esse, de identidade, muito importante quando os próprios contornos da história pessoal e cultural vão se fragmentando por conta de um processo brutal de institucionalização e dominação de um discurso sobre a patologia que determina o ser desse sujeito. Há uma observação importante a se fazer também aqui no trabalho em logomúsica: aceitar mais a forma como cada um se expressa, valorizar incondicionalmente o outro e sua forma de se expressar, tanto subjetiva como cultural. Essa é a escuta musicoterápica de base existencial-humanista e da linha desenvolvida pelo musicoterapeuta norueguês Ruud (1998). Neste caso, O.G demonstrava grande potencial, inclinação e canal de comunicação com o universo poético e dramático. Uma abordagem de musicoterapia psicoanalítica poderia se concentrar no mesmo fato a partir de uma outra leitura pelo fato de O.G ser mais interpretativa e se relacionar dessa forma com a música. Nossa proposta, contudo, é de um encontro humano genuíno, profundo, EU e TU no sentido buberiano e também respeitando essa subjetividade e identidade cultural de cada participante como aponta Ruud (1991). Aprender a olhar O.G com outros olhos, ouvir também sua história musical com outros ouvidos, escutar sua forma de musicalidade com outra audição possível, este é um desafio que cabe à logomúsica. Uma escuta menos interpretativa e mais de abertura ao outro enquanto outro. Uma escuta noética porque busca a atualização de potências e não a comprovação de neuroses (as neuroses já foram comprovadas, estamos aqui para comprovar a saúde). O que importa é o canal noético na expressão sonora de cada um, onde poderemos aumentar esta potência e ajudar o

outro a aumentar ainda mais sua potência humana (que doença alguma poderá atingir). N.V, por outro lado, gostava de partilhar histórias sobre sua infância, a roça, sua família, e trazia toda a paisagem sonoro-musical que cercou este período. Para cada música caipira, memórias da roça e piadas de sua infância e juventude, N.V partilhava também valores e lições de vida. C.T tinha grande afinidade com Elis Regina, fazendo uma conexão com um período de sua juventude, na qual as músicas de Elis Regina lhe transmitiram muita força. C.T ao mesmo tempo vivenciou parte de sua vida em mosteiros, apresentando uma corporalidade rígida e dizendo valorizar o silêncio como parte de sua alegria, embora estivesse com um quadro de depressão e tornando-se cego durante o projeto. Vejamos trechos de algumas canções:

Solidão de amigos -Jessé

Lenha na fogueira lua na lagoa vento na poeira vai rolando à toa a cantiga espera quem lhe dê ouvidos a viola entoa solidão de amigos a saudade lembra de lembrança tantas que por si navegam nessas aguas mansas a saudade lembra de lembranças tantas que por si navegam nessas águas mansas quando a cahoeira desce nos barrancos faz a várzea inteira se encolher de espanto lenha na fogueira, luz de pirilampos cinzas de saudades voam pelos cantos a saudade lembra de lembranças tantas que por si navegam nessas águas mansas a saudade lembra de lembranças tantas que por si navegam... nessas águas mansas(solo) a saudade lembra de lembrança tantas que por si navegam nessas águas mansas(solo) a saudade lembra de lembrança tantas que por si navegam

nessas águas mansas a saudade lembra de lembranças tantas que por si navegam.. nessas águas mansas

Chalana – Almir Sater

Lá vai uma chalana Bem longe se vai Navegando no remanso Do rio Paraguai Ah! Chalana sem querer Tu aumentas minha dor Nessas águas tão serenas Vai levando meu amor Ah! Chalana sem querer Tu aumentas minha dor Nessas águas tão serenas Vai levando meu amor E assim ela se foi Nem de mim se despediu A chalana vai sumindo Na curva lá do rio E se ela vai magoada Eu bem sei que tem razão Fui ingrato Eu feri o seu pobre coração Ah! Chalana sem querer Tu aumentas minha dor Nessas águas tão serenas Vai levando meu amor Ah! Chalana sem querer Tu aumentas minha dor Nessas águas tão serenas

Beijinho Doce Tonico e Tinoco

Que beijinho doce Que ela tem Depois que beijei ela Nunca mais amei ninguém Que beijinho doce Foi ela quem trouxe De longe prá mim Se me abraça apertado Suspira dobrado Que amor sem fim. Coração quem manda Quando a gente ama Se eu estou junto dela Sem dar um beijinho Coração reclama. Que beijinho doce Foi ela quem trouxe De longe prá mim

Se me abraça apertado Suspiro dobrado Que amor sem fim. Carinhoso Pixinguinha

Meu coração, não sei por quê Bate feliz quando te vê E os meus olhos ficam sorrindo E pelas ruas vão te seguindo, Mas mesmo assim foges de mim. Ah se tu soubesses Como sou tão carinhoso E o muito, muito que te quero. E como é sincero o meu amor, Eu sei que tu não fugirias mais de mim. Vem, vem, vem, vem, Vem sentir o calor dos lábios meus À procura dos teus. Vem matar essa paixão Que me devora o coração E só assim então serei feliz, Bem feliz. Ah se tu soubesses como sou tão carinhoso E o muito, muito que te quero E como é sincero o meu amor Eu sei que tu não fugirias mais de mim Vem, vem, vem, vem Vem sentir o calor dos lábios meus a procura dos teus Vem matar essa paixão que me devora o coração E só assim então serei feliz Bem feliz

Debaixo dos Caracóis dos seus Cabelos Roberto Carlos

Um dia a areia branca Seus pés irão tocar E vai molhar seus cabelos A água azul do mar Janelas e portas vão se abrir Pra ver você chegar E ao se sentir em casa Sorrindo vai chorar Debaixo dos caracóis dos seus cabelos Uma história pra contar de um mundo tão distante Debaixo dos caracóis dos seus cabelos Um soluço e a vontade de ficar mais um instante As luzes e o colorido Que você vê agora Nas ruas por onde anda Na casa onde mora Você olha tudo e nada Lhe faz ficar contente Você só deseja agora

Voltar pra sua gente

Debaixo dos caracóis dos seus cabelos

Debaixo dos caracóis dos seus cabelos

Uma história pra contar de um mundo tão distante

Um soluço e a vontade de ficar mais um instante

Você anda pela tarde E o seu olhar tristonho Deixa sangrar no peito Uma saudade, um sonho Um dia vou ver você Chegando num sorriso Pisando a areia branca Que é seu paraíso Debaixo dos caracóis dos seus cabelos Uma história pra contar de um mundo tão distante Debaixo dos caracóis dos seus cabelos Um soluço e a vontade de ficar mais um instante

É Hoie Didi e Maestrinho

A minha alegria atravessou o mar E ancorou na passarela Fez um desembarque fascinante No major show da terra Será que eu serei o dono dessa festa No meio de uma gente tão modesta Eu vim descendo a serra Cheio de euforia para desfilar O mundo inteiro espera Hoje é dia do riso chorar Levei o meu samba pra mãe de santo rezar BIS Contra o mal olhado eu carrego meu patuá Eu levei! Acredito Acredito ser o mais valente, nessa luta do rochedo com o mar E com o ar! É hoje o dia da alegria E a tristeza, nem pode pensar em chegar Diga espelho meu! Diga espelho meu Se há na avenida alguém mais feliz que eu Diga espelho meu Se há na avenida alguém mais feliz que eu

6.2.4 Sentidos Contemplados nas Improvisações Sonoro-Corporais

Esta parte do encontro, constituída de propostas de produções sonoro-musicais livres, do grupo, improvisações, jogos lúdicos e dramatizações sonoro-corporais, não necessariamente obrigatória em todos os encontros, tinha por objetivo permitir um espaço de aprendizado lúdico entre os participantes, um aprendizado de enfrentamento, uma oportunidade de desenvolvimento de habilidades sociais, novos canais de expressão e comunicação, habilidades afetivas, memória e capacidade de resiliência (ao aprender a lidar com situações novas, às vezes frustantes, e mesmo assim, continuar a improvisar, não se fechando em seu próprio mundo).

Cada proposta lúdica e de improvisação era considerada uma metáfora da vida, uma oportunidade de aumentar todas estas potências e canalizar o participante para um processo de autoeducação no qual pudesse perceber seu lugar no jogo da vida, assumindo, assim, a responsabilidade que lhe cabe e aprendendo que deve para isso desenvolver recursos no aprendizado do ser e conviver. Que tipos de jogos, improvisações ou dramatizações propor dependia também do caminhar do grupo, de suas buscas pessoais e dos desafios apresentados por cada um. Muitas vezes os sujeitospesquisadores também tinham seus jogos e propostas para o momento. Vejamos os depoimentos de alguns usuários sobre um dos jogos, o Rondó, uma forma de composição musical estruturada a partir de um tema principal e vários temas secundários. Fazíamos jogos de Rondó com o corpo, a voz, palmas e contação de histórias. Tínhamos um tema principal (corporal, sonoro, história) e depois cada participante tinha algo de seu a colocar na roda. O grupo precisava estar atento e repetir a dinâmica do outro e voltar para o tema principal. Assim uma composição nascia. Nesse nível, muito de trabalho de atenção, memória e habilidades cognitivas eram desenvolvidas, mas também o trabalho de grupo e pessoal (a forma como cada um colocava sua peça corporal, musical, sua história na composição). Vejamos alguns depoimentos dos usuários sobre o sentido de tais experiências para suas vidas como aprendizado prático:

"Hoje eu fui dar uma volta na rua, sai lá de casa (risos)"

(nessa parte do encontro o desafio era improvisar, era o novo, criar, vemos nesse depoimento o reflexo de vivências que desenvolvem habilidades de enfrentamento do novo que se refletem na vida prática)

P.R, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

"Eu comecei a fazer caminhada todos os dias, estou com esse compromisso" (são atitudes também criativas e criadoras na vida, a usuária busca novos caminhos para sua saúde mental)

O.G, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

"Eu tô procurando aprender a fazer artesanato que eu gosto muito, porque eu percebi que me acalma, fazer algo com as mãos."

L.S, Sujeito Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

"Eu comecei a varrer aqui o jardim do CAPS para ajudar."

A.I, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

"Ter gratidão por tudo eu acho que é o que a gente precisa pra ficar bom, ser mais positivo" (N.V conta então passagens de sua infância na roça, lembranças junto à natureza e à família, sua fala expressa os valores de atitude também)

N.V, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

6.2.5 Sentidos Contemplados na Experiência do Canto Coral

Esta parte do encontro, constituída da vivência do canto coral, de um canto escolhido em comum na biografia musical do grupo, parte do encontro que em geral sempre ocorria, tinha por objetivo o despertar para o valor do trabalho em grupo (cooperação) e de empoderamento de grupo, por meio da experiência noética do cantar coletivo, na descoberta, neste momento, da biografia musical do grupo. Há o projeto personalizado envolvido em um certo sentido, mas a ênfase é no trabalho de grupo para a renovação do sentido da comunidade para a saúde.

Neste caso não se tratava mais de uma descoberta do que "eu posso dar ao mundo", da partilha de minha biografia musical, mas da descoberta também que tenho uma história em comum, uma biografia sonoro-musical coletiva, um resgate cultural, a descoberta do que existe um "nós", e que "nós podemos dar algo ao mundo juntos". Ao nos submetermos às leis da harmonia, do canto coral, da integração de vozes, do esforço de ressonância coletiva, da aceitação também das dissonâncias, descobrimos aprendizados juntos, a muitas vozes.

Tratava-se da descoberta, da revelação do sentido de conviver em grupo, por meio do canto coletivo, fortalecendo, assim, o aprendizado de integrar as diferenças (e valorizar) no caminho noético este sentido da comunhão e do saber conviver como parte da saúde mental. Vejamos alguns depoimentos dos usuários sobre este momento do encontro e o sentido em suas vidas:

"A gente tá bonito demais juntos, não tá?"

(a descoberta do nós, da beleza, do empoderamento do grupo, também de valores de cooperação e convivência no caminho noético)

N.V, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

"Eu acho que o coral une a gente, a gente fica unido" (usuária sinaliza o poder do canto coral no espaço do coletivo, do grupo, do conviver, da descoberta do encontro EU e TU)

L.S, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

"Eu gosto de ouvir o grupo cantando junto. Eu acho que a gente tá melhorando. Tá ficando bonito" (a imagem de uma identidade pessoal e grupal que se transforma, "estamos melhorando, estamos bonitos")

C.T, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

"Cantar com o grupo me ajuda muito e ter força na vida."

(a vida é encontro, e o canto coral tem um lugar privilegiado na logomúsica por permitir este encontro genuíno e este fortalecimento, este reencontro da voz pessoal e grupal em uma esfera também noética)

S.O, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

"Eu acho que a gente tá cantando melhor sim. Não pode faltar"

(há um trabalho em grupo apontado como positivo nesse processo de resgate de identidade e encontro de sentido, "não pode faltar", é um trabalho em grupo)

O.G, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

"Bonito, o grupo tá bonito, tá cantando bonito"

(nossa voz está sendo liberada no canto, estamos nos libertando no canto, nossas vozes unidas)

F.B, Sujeito Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

"Também acho que tá bonito. Estamos cantando bonito"

(sim, temos o que ofertar ao mundo, somos únicos, sempre há oferta, valores de criação, e com a ajuda da voz, do canto, juntos, redescobrimos o valor dessa oferta, de quem somos)

R.V, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

6.2.6 Sentidos Contemplados da Palavra Criadora

Este momento de transição semi-final, em cada encontro, era obrigatório, uma vez que convocávamos todos os participantes para partilharem com uma palavra final, uma frase ou o trecho de um canto, o sentido daquele encontro, o que tinham aprendido com aquele encontro que fortalecera a sua saúde ou o caminho de suas vidas. Uma palavra (dita ou cantada) que indicasse o desafio de cada um, a responsabilidade de cada um naquele dia, naquela semana, o que cabia a cada um para promover sua saúde mental e melhorar a qualidade de seu viver.

A "palavra criadora", indicada no encontro, trazia qualidades próprias ao processo logomúsica, ajudando pesquisadores e sujeitos- pesquisadores no fio condutor do mesmo, no planejamento do mesmo, na facilitação do processo no que diz respeito

aos valores e temáticas existenciais do grupo. Este momento, junto com as rodas de conversas e a própria produção sonoro-musical, constituía mais uma base de apoio e orientação para o próximo encontro, lembrando aos pesquisadores em que ponto de desafios, aprendizados, metas, superação e valores encontrava-se o grupo, auxiliandonos, portanto, em uma melhor seleção de experiências sonoro-musicais de acordo com esta trajetória do grupo. Neste ponto há um encontro da logoterapia com a musicoterapia de base existencial-humanista. Baseados muitas vezes neste momento de "palavra criadora", podíamos também intuir projetos sonoro-musicais personalizados e outros grupais de acordo com estas "palavras criadoras". Baseado no sentido revelado no final de cada encontro, para cada participante, um projeto pessoal, e também grupal, pouco a pouco eram revelados. Um exemplo foi o caso de P.R, um participante com excelentes habilidades musicais, que tocava piano na juventude, tinha afinidades com o jazz, improvisava no piano, mas após o 1º surto de esquizofrenia, seguido das diversas internações hospitalares psiquiátricas pelas quais passou, pouco a pouco, foi isolando-se e abandonando sua relação com a música. P.R passava muito tempo sentado fumando nos bancos do jardim do CAPS, participava de grupos terapêuticos, também do grupo de "Recreação" da Liga de Psiquiatria da EERP-USP, mas resistia a este resgate musical enquanto projeto personalizado (identidade). Havia uma ruptura com seu passado, com suas habilidades. P.R na "palavra criadora" no final expressava seus projetos e valores, tais como, "constância, perseverança", o que de fato manteve até o final do projeto. E vivenciou muitos momentos de medo, angústia, vozes, conflitos, críticas pessoais (que deveria ser um músico melhor), mas como "palavra criadora" (revelação de sentido) percebia que o sentido era a "constância, a perseverança, a determinação". "Não deixar o medo te paralisar". "Não ficar preso nos pensamentos, mas agir". P.R, junto com C.T (que se tornou cego durante o projeto), sem dúvida alguma, foram os participantes que mais se aproximaram da vivência dos valores de atitude que Frankl (apud XAUSA, 1986) nos fala. Vejamos alguns depoimentos dos usuários para esse momento semi-final do encontro e sentidos contemplados:

"Eu acho que a perseverança é o que estou conquistando. Mesmo com medo eu venho aqui para tocar" (valores de atitude diante do inevitável, o medo, a dor, a doença, a loucura)

"O compromisso é o que tenho mais aprendido. Ter compromisso. Eu tenho dificuldade de manter compromisso com minha saúde, eu sei disso, sempre largo tudo, não fico até o fim" (cada um carrega sua história, suas marcas, não é possível ser livre nesse nível, mas é possível descobrir que ainda assim nos resta a liberdade de atitudes. Sabendo que sua forma de adoecer é não se comprometer, a usuária L.S percebe então que o compromisso é o caminho de que necessita, o aprendizado noético a percorrer, a liberdade e responsabilidade que lhe cabe)

L.S, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

"Poder ajudar o grupo, ser amigo de todos aqui"

(valores de criação, poder, enquanto ser humano, estar com o outro, na relação, no encontro, na abertura, isso é autorrealização noética, ainda que continue N.V preso também a loucura)

N.V, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

"Mudar meu pensamento é o que estou aprendendo. Eu aprendo a ter pensamentos mais positivos aqui" (a forma de ver o mundo, seus problemas, seus desafios podem fazer uma grande diferença ainda que O.G tenha seu diagnóstico psiquiátrico para sempre no nível psicofísico)

G.O, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

"Apesar de estar perdendo a visão, vir aqui pra ficar com vocês me faz bem" (aqui temos valores de atitude mas também valores de experiência, C.T descobre que o mundo tem muito a lhe oferecer também, no caso, seus amigos, o grupo, agora ele se abre para receber, confiar no mundo, pedir ajuda e estar receptivo ao que o mundo tem a oferecer)

C.T, Sujeito-Pesquisador, CAPS Ribeirão Preto

6.2.7 Sentidos Contemplados dos Contornos Noéticos para a Despedida

Este momento final para o fechamento dos encontros era obrigatório, ao contrário de outros, como a biografia musical, as produções sonoro-musicais e o canto coral que não necessariamente precisavam ocorrer juntos (dependiam mais da necessidade do grupo, do movimento do grupo, do desejo do grupo para cada encontro). A experiência prévia, como assinalamos anteriormente, com outros grupos, nos mostrou o quanto certos contornos eram vitais neste trabalho. Ordem e improvisação caminham bem nesta proposta, especialmente quando se trata de saúde mental, pois aprendemos o quanto liberdade e responsabilidade também podem ser assustadoras e mobilizadoras no caminho da autorrealização.

Este momento final consistia em um grande abraço em roda com o grupo, um trabalho de olhar, um olhar genuíno, de todos os participantes para com todos os

aprofunda essas conexões entre a respiração, o corpo, o estar no presente, o pulsar e o significado espiritual da saúde, mostrando que é preciso essa integração e o fluxo livre da energia corporal/física para que o espiritual (no caso, nossa referência de liberdade), se faça presente. Acreditamos que estes contornos da logomúsica, que aponta para um trabalho de uma corporalidade plena de nouz, espírito, presença, encontram ressonância com o trabalho de respiração como re-espiritualizar que, segundo Weigand (2006), aprofunda o autoconhecimento, a autonomia e libera o corpo em direção à alegria (próprio do noético).

6.3 Os Ciclos Noéticos: O Projeto Personalizado

A proposta desta etapa, os ciclos noéticos, no processo logomúsica, que teve a duração de 4 meses para este projeto, em encontros semanais de 1 hora com o grupo de sujeitospesquisadores, tinha por objetivo aprofundar e contornar os projetos personalizados de cada participante já revelados no período anterior. No caso de participantes que não tivessem ainda revelado um projeto personalizado (um desafio noético), assim como participantes que ainda necessitassem explorar mais vivências sonoro-musicais e resgatar a biografia musical, esta etapa ofereceria mais tempo e apoio neste percurso musicoterápico. O importante a diferenciar da etapa anterior, é que antes os pesquisadores ainda estavam colhendo dados sobre a biografia sonoro-musical, registrando os primeiros movimentos dos diálogos socráticos e sentindo o caminhar do grupo que se formara. Este grupo agora, já estava mais vinculado, então a etapa, os ciclos noéticos, não constituiria mais uma etapa de observação participante, mais teria por objetivo ajudar no parto dos temas "noéticos-musicais" mais representativos do grupo para que, posteriormente, caso o grupo desejasse, tivéssemos um mosaico desse período para construir a mostra artística (que poderia ou não acontecer, dependendo da vontade do grupo).

Também esta etapa cumpriria a função de auxiliar os participantes no aprendizado e desenvolvimento de novas habilidades, explorando novas improvisações, dramatizações e jogos, permitindo, assim, que o próprio grupo pudesse se vincular de uma forma mais profunda, íntima e solidária, descobrindo raízes sonoro-musicais em comum e experimentando com mais força e entrega o canto coral como experiência noética (que estaríamos explorando com mais intensidade nesta etapa). Além disso, para a construção da mostra artística-terapêutica final, caso o grupo escolhesse realizá-la (não é uma etapa obrigatória, a *logomúsica* apenas aponta possibilidades noéticas e de empoderamento), o trabalho em grupo e tempo dedicados para o desenvolvimento de habilidades sociais seriam fundamentais, daí a importância deste ciclo, desta etapa.

Com este mergulho de mais 4 meses nos ciclos noéticos, que consiste justamente em um mergulho nos valores, nos temas, no caminho do grupo, do ponto de vista noético-musical, o grupo estaria com mais enraizamento e vínculo, e os pesquisadores teriam material suficiente (temáticos) e recortes sonoro-musicais para decidir, junto aos sujeitos-pesquisadores, se a mostra poético-musical faria parte do fechamento ou não, se todos estariam dispostos a construir um espetáculo como parte do processo e da experiência do sentido revelado na *logomúsica* ou não.

P.R, nosso músico, amante de jazz, manteve-se fiel ao projeto, não faltando em nenhum encontro e suas improvisações de jazz no teclado foram ganhando outras dimensões harmônicas conforme sua resistência e capacidade afetiva e social também se ampliavam. Além do teclado, P.R trouxe muitos cantos, partilhou sua voz com o grupo e também poesias que criava na hora para seus colegas. A evolução no piano era acompanhada de uma evolução em atitudes diante da vida. C.T, participante idoso, que vivera a maior parte da vida em um mosteiro, ficou cego neste período, e afastou-se do projeto durante os ciclos noéticos, retornando, para alegria da equipe, no final, quando da construção do espetáculo poético-musical do grupo, disposto a cantar "Fascinação" de Elis Regina, música que tanta alegria e boas recordações lhe traziam de sua juventude. N.V, S.O e A.I fortaleceram laços nesse período, tanto de amizade, como musicais, em "Beijinho Doce", ""Felicidade" e "Carinhoso". L.S explorou o samba "É Hoje", identificando-se mais com o momento do canto coral, assim como o restante do grupo. No canto coral, muitos se uniram em seus projetos, com "Trem das 11" e "É Preciso Saber Viver". O.G, a poetisa e filósofa do grupo, neste período foi catalisadora de um momento crucial do projeto e do processo grupal (não só pessoal). O.G. pode vivenciar junto com uma das observadoras participantes (psicóloga, psicodramatista e atriz) dramatizações que pudessem ajudá-la a desenvolver habilidades de comunicação e expressão, já que tanto prazer encontrava em se comunicar, discutir, interpretar, debater e estar atenta ao aspecto do sentido nas letras musicais. Foi neste período que O.G encontrou a poesia "No meio do caminho", de Carlos Drummond de Andrade, em sua casa e partilhou com o grupo. Esta partilha abriu espaço para dramatizações e

improvisações ligadas aos "valores de atitude", como veremos, mais adiante. A poesia fala de uma pedra no meio do caminho e agora com O.G tínhamos todos que encontrar soluções de atitude diante da tragédia (real e concreta) de pedras que estavam no meio do caminho. Graças a O.G, fomos caminhando dos valores de criação, experiência para os valores de atitude. Agora o processo incluía as pedras no meio do caminho. Mas como o olhar logoterapêutico nos ensina, mesmo diante da doença e daquilo que não podemos mudar, ainda assim podemos ser livres para escolher que atitudes ter diante do inevitável (liberdade para, não liberdade de). Então O.G foi central nesta nota dissonante (a dissonância também é importante na harmonia musical). Agora, todos juntos, caminhávamos procurando atitudes diante de nossas dores, diante da pedra, diante do que não podíamos mudar. Todo o rumo dos ciclos noéticos mudou devido à nota que O.G tocou ao dramatizar "No meio do caminho" de Carlos Drummond de Andrade. Por um longo período, os temas da doença, do sofrimento, das limitações e da dor, voltaram. E isso foi uma grande lição para toda a equipe, porque até para autotranscender é preciso primeiro reconhecer os limites, se auto-educar, e perceber que a potência do *nouz* se revela muita mais nos valores de atitude, pois nas atitudes diante do reconhecimento da tragédia, do inevitável, afirmamos a máxima liberdade, a responsabilidade mais ardente. Então, agora estávamos todos improvisando, dramatizando e encontrando caminhos possíveis no diálogo com o inevitável (as limitações psicofísicas de cada um). O que Frankl (2008) nos lembra, contudo, é que as limitações pertencem ao plano psicofísico. O noético, o que nos torna humanos, o que nos caracteriza enquanto humanos, esta dimensão não adoece, ainda que no plano psicofísico estejamos amarrados e presos a diversos condicionamentos e tragédias. Nisto consiste a visão de pessoa na logoterapia. Os valores de atitude são os mais desafiadores porque nos colocam na liberdade máxima, uma vez que não negam a tragédia e a dor. E foi neste momento que os pesquisadores perceberam que a poesia de O.G poderia ser um sinal de que o grupo também tinha evoluído para este ponto, estava forte o suficiente para enfrentar a vivência dos valores de atitude na intensidade com que O.G dramatizou. Cada participante, neste ponto, procurou musicalmente ou verbalmente expressar quais eram as pedras em seu caminho e o que poderia fazer, que atitudes poderia ter diante do inevitável. Além de atitudes diante do inevitável, a exploração do universo sonoro-musical, partilhas biográficas e reminiscências sonoromusicais também continuaram neste período. Os ciclos noéticos, portanto, revelaram essa intensidade de luta, de conflito, de tentativa de encontrar soluções para o inevitável.

Nesse período C. T ficou cego e afastou-se do projeto e P.K, uma das participantes, que vivia um conflito na casa de reabilitação evangélica que se encontrava, casa esta que não aceitava sua participação no projeto (mas a usuária insistia em estar no projeto pois gostava de cantar), tenta suicídio e se afasta também do projeto. Assim, a poesia de O.G era catalisadora de um processo grupal maior, um processo no qual todos precisavam redescobrir novamente sentidos para a dor, para a loucura e a solidariedade.

No meio do caminho - Carlos Drummond de Andrade

(dramatização de O.G)

No meio do caminho tinha uma pedra tinha uma pedra no meio do caminho tinha uma pedra no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento na vida de minhas retinas tão fatigadas. Nunca me esquecerei que no meio do caminho tinha uma pedra tinha uma pedra no meio do caminho no meio do caminho tinha uma pedra.

6.4 A Construção do Espetáculo como Metáfora da Vida

Já estamos na quarta etapa do método logomúsica. Atravessamos a etapa das entrevistas iniciais, da observação antropológica e dos ciclos noéticos, nos quais recolhemos dados da biografia noética-musical dos sujeitos pesquisadores (entrevistas), observamos os sentidos partilhados e revelados nos 3 primeiros meses do processo (observação antropológica em *logomúsica*) e aprofundamos os projetos personalizados e os vínculos musicais estabelecidos no grupo nesta caminhada (ciclos noéticos).

Agora era preciso saber se a costura, a criação de um espetáculo coletivo, a materialização deste sentido em uma mostra artística-terapêutica como tarefa de empoderamento e valores noéticos, faria sentido para o grupo, seria parte do desejo do grupo. Caso não tivesse sentido para o grupo, os pesquisadores iriam fechar o processo de uma outra forma, recebendo dos sujeitos pesquisadores uma avaliação e feedback em grupo (rodas de conversas) sobre suas vivências, percepções, aprendizados e sugestões no projeto *logomúsica*. Se a resposta fosse afirmativa, a etapa de construção do espetáculo se daria então no projeto. O grupo necessita de algumas semanas para poder responder, na realidade, os pesquisadores também, encontrando estratégias e esquemas de condução, local e autorização com as famílias e a instituição. Era preciso entrar em acordo sobre dia, horário e uma data para todos. O medo estava presente, mas também o desejo. Depois de 7 meses juntos, o grupo sente que a criação desse espetáculo, a materialização dessa mostra, representa um desafio, uma resposta à pedra "no meio do caminho", uma chance (prática, lúdica, grupal) de enfrentar (valores de atitude) a tragédia, o inevitável (há dor no meio do caminho, cegueira, esquizofrenia, medos) e ir para o mundo. O grupo responde *sim*! Inicia-se então mais uma etapa do processo *logomúsica*: a criação do espetáculo poético-musical (inspirado no percurso noético do grupo).

O papel dos musicoterapeutas nesta etapa seria oferecer um contorno para que o projeto não se desintegrasse, pois o aprendizado de ir até o final em uma mostra artística (mesmo que tenha caráter e objetivos terapêuticos) exige outro tipo de aprendizado, além daqueles realizados nas etapas anteriores do projeto. Até a etapa dos ciclos noéticos, havia muita experimentação, improvisação e espaço para partilha. Isso era necessário porque precisávamos que as músicas e os valores noéticos se revelassem de forma mais fecunda. Mas agora já tínhamos esse material.

Agora era preciso trabalhar em grupo, direção, organização, cooperação, limites, tempo, planejamento, princípio de realidade, cortar excessos de experimentação e entrar no ritmo de ensaios, aprendendo a ter meta e a dar contornos para toda a riqueza dessa biografia musical e dessas vivências que emergiram no grupo. E fazer tudo isso, ao mesmo tempo, juntos. Era preciso também apoiar o grupo para este momento de coragem, de encontrar o mundo, de se expor para o desconhecido.

Esta etapa tinha por desafio a perseverança e o aprendizado da afinação grupal por excelência, o enfrentamento (superação pessoal) e o empoderamento do grupo. Muitas decisões seriam tomadas, até o último segundo, e tudo dependeria do grupo. Não mais improvisações, mas composição, organização, estruturação, ensaios, ritmo, seriam as tônicas. Tudo isso era necessário justamente para que o grupo ficasse relaxado e tranqüilo no dia da mostra, até para poder improvisar caso fosse preciso. Só se improvisa em base sólida. E tínhamos que levar em conta todo o aspecto emocional que emergiu dos participantes ao longo dos ensaios. Por isso era preciso cuidar e ensaiar

para que o grupo sentisse que o trabalho era uma conquista grupal, uma música grupal, que estávamos todos em ressonância. E que poderíamos contar um com outro, no dia. Agora não era mais momento de vivências e explorações temáticas. Agora era momento de repetições e afinação grupal (no sentido de trabalho em equipe).

Que lições noéticas esta quarta etapa (construção do espetáculo) em *logomúsica* pode nos trazer? Que valores encontramos nessa trilhas de aprender a trabalhar em grupo, organizar uma mostra artística, direcionar o grupo para uma meta em comum (ao mesmo tempo que consiga contemplar projetos personalizados)? Que valor há na necessidade de se trabalhar com experiências agora opostas às anteriores (ordem, organização, repetição, etc)?

Quando incluímos a possibilidade (não obrigatória) de uma mostra artísticaterapêutica como parte do processo em *logomúsica*, deve-se a constatação deste fator como experiência de empoderamento, enfrentamento e desenvolvimento de habilidades sociais reveladas por muitos participantes de nossos projetos (não acadêmicos) desde 2001, especialmente de participantes vivendo em situação de sofrimento físico, psíquico e social.

Esta etapa do processo, representa, portanto, uma metáfora da vida. Para realizarmos alguns sonhos, metas, desejos, sentidos, há um percurso, um caminho, tanto pessoal quanto comunitário, e há trabalho nesse caminho, suor, transpiração. Há um momento realmente de organização, de sistematização, de formas (não fôrmas). E é preciso aprender a lidar com princípios de realidades, aprender a organizar, aprender a ensaiar juntos, aprender a superar a si mesmo, repetir até criar segurança, aprender a organizar este espaço pessoal, temporal e social que é o espetáculo, enfim, trata-se de um momento árduo mas também de conquistas de habilidades. E temos uma meta, uma apresentação, temos esta oferta ao mundo.

Mas este ciclo, embora incluído pelos pesquisadores no método *logomúsica*, não necessariamente deveria acontecer, pois isto dependeria do grupo, dos sujeitos-pesquisadores, dos participantes expressarem o desejo e a vontade também de vivenciarem esta etapa, caso contrário, fecharíamos o trabalho de outro forma, de acordo com o processo do grupo e os sentidos revelados. O espetáculo artístico-terapêutico entrou em jogo porque os participantes viram nele um sentido e disseram *sim* a construção coletiva dessa mostra.

Então com o material poético-musical nas mãos e as partilhas de valores, era preciso escolher agora a seqüência, intervenções poéticas, falas, enfim, dar um contorno

que revelasse o rosto, o caminhar, na medida do possível, deste grupo. Os musicoterapeutas deram apoio nesse contorno mas também escutaram os sujeitos-pesquisadores. E o elemento tempo foi intermediário como princípio de realidade para que o grupo não se desviasse de seus objetivos (com risco de novas improvisações em época de finalização e construção).

A partir dos ensaios, então, os contornos foram sendo trabalhados, negociados, renegociados, às vezes cortados, retomados e por fim terminados, como uma obra noética do grupo. É importante ressaltar que este processo também contou com crises, momentos de paralisação e dúvidas por parte de todos (sobre a própria seqüência, as escolhas das músicas, encontrar o rosto poético-musical deste percurso).

Desse processo final gostaríamos de descrever como ficou a imagem sonora dessa mostra, contando um pouco sobre como as escolhas foram feitas, destacando algumas intervenções e diálogos que justificaram o roteiro final da mesma.

Como canto de abertura, no canto coral (todos juntos), acompanhado de teclado pela musicoterapeuta colaboradora, escolhemos "Canto de um povo de um lugar", de Caetano Veloso, canto que acompanha o grupo há muito tempo em muitos projetos da Liga de Psiquiatria da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Esse canto fez parte também de muitos momentos do canto coral do grupo e o grupo expressava sentimentos de auto-estima e valorização quando cantava esse canto, reconhecendo o potencial e a beleza do cantar juntos. Havia um sentimento geral de "orgulho", "admiração", "segurança" e "união" pelo fato de cantarem muito bem esse canto juntos.

Canto de um povo de um lugar Composição: Caetano Veloso

Todo dia o sol levanta
E a gente canta
Ao sol de todo dia
Fim da tarde a terra cora
E a gente chora
Porque finda a tarde
Quando a noite a lua mansa
E a gente dança
Venerando a noite
Madrugada, céu de estrelas
E a gente dorme
sonhando com elas.

Vejamos algumas falas dos participantes sobre a experiência com este canto no canto coral (todos juntos):

"Gente, fico emocionado, a gente canta bonito demais juntos"

N.V, Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

"Estamos cantando cada dia melhor" L.S, Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

"Bonito, eu acho sim"

R.V, Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

"Tá melhorando, cada dia mais"

C.T, Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

Assim, "Canto de um povo de um lugar", de Caetano Veloso, era um canto que já tinha sido enraízado no grupo do ponto de vista tanto sonoro-musical (experiência do cantar coletivo) quanto noético (do sentido, valores, vínculo). O grupo se sentia bem, reconhecia seu potencial, sentia-se confiante nesse canto, olhava com outros olhos sobre si mesmo, um olhar de admiração, um olhar de beleza e de reconhecimento de qualidades a serem ofertadas ao mundo. Eles mesmos percebiam que estavam "cantando cada dia melhor", eles reconheciam o belo enquanto conquista do trabalho do grupo, eram capazes de reconhecer que cantavam "bonito" essa canção, juntos. Não só porque cantavam bonito mesmo, mas porque se uniram, suportaram muitas adversidades. P.R tinha suas crises de tempos e tempos, muito desejo de tocar e medos de tocar ao mesmo tempo; uma das participantes, que cantava muito bem, mas que na época estava em uma casa evangélica, relatou, triste, que não iria mais participar da mostra porque na casa a música "nossa" não era bem vista e lhe disseram que seu canto era do diabo. Esta participante tentou suicídio no processo, voltando apenas no final. As próprias decisões juntos sobre o que cada um gostaria de cantar, como seria a seqüência, sentidos, tudo isso teve por canção âncora de todos nós "Canto de um povo de um lugar", afinal, o sentido da vida não é revelado apenas diante da harmonia: a dissonância, a dor, o luto, as perdas, a doença, a luta, a loucura em si, o medo, tudo isso é parte do processo e no mundo real, com todas essas coisas que buscamos sentido, vivenciamos a solidariedade e realizamos o sentido. Diante de tantos desafios, era bom saber que havia um porto, e no espetáculo esse porto era essa canção, a canção que o grupo mais se sentia bonito cantando.

Após o canto de abertura (todos juntos), P.R escolheu, como parte do espetáculo, fazer a improvisação de jazz no teclado, a qual já vinha se dedicando há meses em seu projeto personalizado nos encontros (o grupo era muito importante para P.R, dando sempre apoio para o mesmo tocar todos os encontros). P.R ofertaria, assim, no segundo movimento da mostra, uma improvisação jazzística no teclado. Isso se daria na hora, uma vez que P.R apenas improvisava no teclado. Nosso desafio enquanto grupo (pesquisadores e sujeitos-pesquisadores) era dar apoio para P.R sentir-se seguro para realizar esse resgate da música.

Em seguida C.T, um participante idoso que se tornou cego durante o projeto, mas que não desistiu, sentia-se muito bem junto com o grupo e queria cantar um solo de "Fascinação", de Elis Regina, acompanhado do teclado da musicoterapeuta colaboradora. Para C.T Elis Regina representava uma época de que se recordava com muita alegria e bons momentos de sua juventude, seus cantos davam-lhe força.

Canto "Fascinação" de Elis regina

Os sonhos mais lindos sonhei. De quimeras mil um castelo ergui E no teu olhar, tonto de emoção, Com sofreguidão mil venturas previ. O teu corpo é luz, sedução, Poema divino cheio de esplendor. Teu sorriso prende, inebria e entontece. És fascinação, amor. Os sonhos mais lindos sonhei. De quimeras mil um castelo ergui E no teu olhar, tonto de emoção, Com sofreguidão mil venturas previ. O teu corpo é luz, sedução, Poema divino cheio de esplendor. Teu sorriso prende, inebria e entontece. És fascinação, amor.

Vejamos algumas falas de C.T sobre a escolha de seu solo:

"Eu gosto muito de Elis Regina. Me sinto muito bem toda vez que posso ouvir um CD de Elis Regina.

Me lembra momentos felizes da minha vida. Me enche de paz"

C.T, Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

O.G. entraria com uma dramatização poética em seguida de poema que escolhera de Carlos Drummond de Andrade, "No meio do caminho", tendo uma das observadoras participantes do projeto (psicóloga e atriz) como apoio em cena e P.R. novamente em solo no teclado como fundo musical de apoio. O.G. tinha um grande interesse por leitura, poesia, também música, mas tinha uma forma particular de se envolver com a música, menos cantando, mas interpretando, debatendo, uma moça bastante filosófica e inteligente em seus apontamentos sobre a vida, a realidade. Ela trazia letras de música, partilhava, mas puxava o grupo para as reflexões sobre as letras. No final O. G. acabou escolhendo esse poema de Drummond, que tocou muito sua pessoa durante o processo e acabou possibilitando diálogos por meses sobre atitudes possíves (valores de atitude) diante de pedras no caminho (inevitáveis).

No meio do caminho Carlos Drummond de Andrade

No meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

Vejamos a fala de O.G. sobre a escolha de seu poema:

"Esse poema sempre me tocou muito. O que a gente faz com essa pedra no meio do caminho?Eu acho que eu aprendi aqui a melhorar meu pensamentos.

O.G, Sujeito-Pesquisador, CAPS de Ribeirão Preto

A escolha de O.G (seu poema), assim como a pergunta que faz ao grupo durante esse período, foi decisiva para que o espetáculo tomasse outro norte. Sim, existia uma pedra no meio do caminho. O.G tinha razão. P.K tentou suicídio no caminho. Cada um era portador, sim, de um transtorno severo. Existem as realidades limitantes desses planos e condicionamentos também. Como ser livre, auto-determinante, quando tantas

pedras estão no meio do meu caminho? Há momentos nas "retinas tão fatigadas" de nossas vidas que já não podemos mais acreditar que seja possível pular a pedra, retirar a pedra. Ela está lá. O que fazer? Nós, enquanto grupo, precisávamos responder e entrar no convite de O.G, que na verdade, por meio de uma poesia, nos convida a viver os valores de atitude que nos fala Frankl (apud XAUSA, 1986), ou seja, diante do inevitável, da dor, da morte, da doença, do mundo, do concreto, da luta diária necessária, das pedras no meio do caminho (que não vão desaparecer em um passe de mágina), Frankl (2008) diz que ainda assim é possível o exercício de liberdade, a responsabilidade, o sentido (na dor). Mas esse caminho, ao contrário dos valores de criação (o que posso dar ao mundo) e de experiência (o que posso receber do mundo), esse caminho de atitude é um convite de uma experiência de liberdade para, não liberdade de.

O que fazer com a pedra no meio do caminho? Então, neste momento, o grupo permaneceu diversos encontros em torno da dramatização de O.G, tentando respostas criativas (música, poesia, falas, mesmo diálogos), chegando à seguinte decisão: após a dramatização de O.G, o grupo todo iria realizar uma dramatização sonora, trazendo a pergunta "O que fazer com a pedra? O que eu faço com a pedra?" Em diversas intensidades, até desaparecer a pergunta como um sussurro, acompanhado do teclado da musicoterapeuta colaboradora, que iria reforçar este momento de tensão e enfrentamento.

Nesse ponto dos ensaios, então N.V começou a partilhar metáforas e histórias, lembrando que podemos também fazer outras coisas com a pedra no meio do caminho, "construir uma casa, fazer um jardim, pular a pedra também...". O grupo respirou, O.G, que trouxe o poema disse: "Dá também para contornar a pedra. A gente não precisa ficar paralisada" e P.R deu uma gargalhada "será que não dá para chutar a pedra do caminho?", L.S "Eu quebro a pedra em vários pedaços e faço um colar de pedras bem bonito" (risos), A.I "Dá para ficar sentada na pedra, fazer um banco". Os pesquisadores também perguntaram aos sujeitos-pesquisadores que tipo de pedras no meio do caminho poderiam existir na vida de cada um e como cada um poderia ter uma atitude mais positiva diante da pedra? A doença foi mencionada e partilhamos sobre atitudes diante dessa paralisia.

Em seguida, desta dramatização grupal "O que fazer com a pedra?", N.V convida A.I e S.O para cantar em trio "Felicidade (Luar do Sertão)", de Lupicínio

Rodrigues, como parte da continuação da mostra. Além da música ser parte da biografia musical do trio, há um vínculo forte na amizade dos três.

Felicidade (Luar do Sertão) Nilo Amaro e Seus Cantores de Ébano Composição: Lupicínio Rodrigues

Felicidade foi-se embora e a saudade no meu peito Inda mora e é por isso que eu gosto Lá de fora, onde sei que a falsidade não vigora

A minha casa fica lá detrás do mundo
Onde eu vou em um segundo quando começo a cantar
O pensamento parece uma coisa à toa
Mas como é que a gente voa quando começo a pensar

Não há Oh! Gente, Oh! Não, Luar como esse do Sertão

Após o trio de N.V, A.I e S.O começamos a ficar preocupados com o desafio do tempo, realidade de ensaio, as condições reais (afetivas de todo o grupo para prolongar a mostra), tínhamos que fechar o repertório ainda com o canto coral de duas músicas do grupo, então era hora de uma transição, algo para marcar o coral, o momento final. Tinha a pergunta de O.G e seu poema que acabava sendo um fio condutor. Para fazer esta transição final (dos solos, dramatizações e trio para o coral), o grupo decide se unir todo, respondendo cada um, o que faz diante da pedra que existe no meio do caminho, cada qual dando sua resposta à vida. Decidimos que esta parte seria improvisada na hora da mostra, mas fez parte dos diálogos sobre a vida, saúde e responsabilidades diante das "pedras no meio do caminho" que tivemos neste período de ensaio. Sabíamos apenas, que a última fala de uma das participantes, estaria ligada ao samba, a fazer um samba, a escolher diante das pedras no meio do caminho compor um samba. Este seria o gancho para o grupo todo entrar na fase final da mostra, canto coral (todos juntos), com "Trem das 11", de Adoniran Barbosa, música da biografia musical coletiva do grupo, encerrando depois com "É Preciso Saber Viver", de Erasmo Carlos e Roberto Carlos, que também marcou a história do grupo. Com estas duas músicas encerraríamos a mostra.

Canto Coral (Todos juntos)

Trem das Onze Demônios da Garoa Composição: Adoniran Barbosa Quais, quais, quais, quais, quais,

Quaiscalingudum

Quaiscalingudum

Quaiscalingudum

Não posso ficar

Nem mais um minuto com você

Sinto muito amor

Mas não pode ser

Moro em Jaçanã

Se eu perder esse trem

Que sai agora às onze horas

Só amanhã de manhã

E além disso mulher

Tem outra coisa

Minha mãe não dorme

Enquanto eu não chegar

Sou filho único

Tenho minha casa pra olhar

Bam zam zam zam zam

Quaiscalingudum

Quaiscalingudum

Quaiscalingudum

Quaisgudum, tchau!

Canto Coral (Todos juntos) É Preciso Saber Viver Titâs

Composição: Erasmo Carlos / Roberto Carlos

Quem espera que a vida

Seja feita de ilusão

Pode até ficar maluco

Ou morrer na solidão

É preciso ter cuidado

Pra mais tarde não sofrer

É preciso saber viver

Toda pedra do caminho

Você pode retirar

Numa flor que tem espinhos

Você pode se arranhar

Se o bem e o mal existem

Você pode escolher

É preciso saber viver

É preciso saber viver

i preciso saber viver

É preciso saber viver

É preciso saber viver

Saber viver, saber viver!

Claro que o processo *logomúsica* teve muito mais experimentações e repertórios de biografia musical que estes, mas a mostra tinha um objetivo de trabalho em grupo, desenvolvimento de habilidades sociais, empoderamento, superação, enfrentamento e há o princípio de realidade (tempo, local, ensaio, planejamento). Não seria possível apresentar todo o repertório que fez parte das entrevistas iniciais, da observação antropológica e dos ciclos noéticos. Tudo isso foi processo, gestação. Agora era a hora do parto. Era preciso recortar, selecionar, escolher. Assim como esta tese. Essa foi nossa escolha enquanto pesquisadores e sujeitos pesquisadores diante da realidade do tempo que tínhamos e do que era possível realizar de forma que os participantes também pudessem dar o melhor de si (não em quantidade de músicas, mas em qualidade de envolvimento e de entrega no processo).

É importante ressaltar, como parte desta etapa, que as experiências de organização, cooperação e inventividade no grupo, são momentos cruciais para o empoderamento dos participantes, uma vez que constituem competências e sensibilidades necessárias à vida. Assim, integrando criação (inventividade) e limites (organização de uma mostra), o grupo encontra um novo sentido, aprende um novo caminhar, um caminhar que nos lembra que para o enraizamento e realização dos valores noéticos, este processo se dá na vida, não fora dela, na luta, na realidade, nos limites e com todas as "pedras que existem no meio do caminho". A experiência de aprender a organizar, concentrar, ensaiar, repetir, suar, suportar crises, tolerar, cooperar, enfrentar os próprios medos, perseverar, ser constante e ter metas, tudo isso, são habilidades necessárias, porque do contrário este noético (valores) ficariam fora da vida. E a construção de um espetáculo traz todos esses ingredientes como metáfora da vida. A construção coletiva do espetáculo traz justamente as oportunidades de práticas, de fazer, de experiências, de não ficar somente na esfera do "pensar" e integrar o corpo, o saber grupal, fazendo juntos coisas práticas dentro de limites, realidades, tempo, espaço e contexto que exigem do grupo constante negociação, renegociação e contratos para o sucesso da empreitada. Todo o processo foi registrado em audiovisual. Desse período, o registro mais significativo está em DVD por conta dos ensaios e da riqueza não-verbal do processo. Após o espetáculo, contudo, poderemos recolher depoimentos que revelam o sentido que esse percurso teve para os participantes.

6.5 A Mostra Artística-Terapêutica como Experiência Noética e de Empoderamento

O dia da mostra artística-terapêutica em que tínhamos tanto nos empenhado chegara. Do grupo de sujeitos-pesquisadores escolhido, dois (02) não chegaram a participar do projeto (apenas da entrevista inicial) e três (03) abandonaram o projeto logo no início. Mas dos 10 restantes, estavam todos presentes nesse dia, cada qual tendo contribuído para a construção desse mosaico sonoro, desse diálogo poético-musical de afirmação de valores e sentido da vida. Alguns desenvolveram projetos poéticosmusicais mais personalizados, na mostra, como P.R., que manifestou o desejo de resgatar seu potencial nas improvisações de jazz no teclado, e C.T. que, mesmo tornando-se cego na trajetória do projeto, manteve firme o propósito de cantar "Fascinação" de Elis Regina, que tanta alegria lhe proporcionou na juventude, e O.G. que durante o processo de criação trouxe seus poemas preferidos, dramatizando o poema "No meio do caminho" de Carlos Drummond, no dia da mostra (como um dos momentos de encontro com valores de atitude do grupo ao longo da criação artística) e N. V., A.I. e S.O. que fizeram um trio em "Felicidade", e também no projeto eram um trio de amigos. Além desses projetos personalizados, o restante optou pelo canto coral, com memórias da biografia musical do grupo, como "Trem das 11" e "É preciso saber viver" como resposta aos desafios do poema "No meio do caminho". Após a mostra, tínhamos decidido que convidaríamos a platéia (no momento em que estivéssemos cantando "É Preciso Saber Viver...") para uma grande roda, então os participantes do projeto, após finalizarem o canto, poderiam ter um momento livre de improvisações, partilhas, agradecimnetos e comunicações.

Contamos com o apoio dos observadores-participantes do projeto e dos membros da Liga de Psiquiatria da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para a condução dos participantes ao local, apoio na organização do evento, divulgação, o momento do lanche com a comunidade pós espetáculo e filmagem da mostra artística em DVD.

Todos os sujeitos-pesquisadores chegaram no local com tempo de antecedência (como o combinado) e houve tempo suficiente para um último ensaio geral e momento de partilha, união e fortalecimento em grupo antes da chegada dos convidados. Isso é muito importante nesta etapa do processo *logomúsica*, o envolvimento comunitário e o aprendizado com o elemento organização para assegurar um mínimo de "chão" para

uma experiência que já mobiliza naturalmente emoções conflituosas muitas vezes. Assim, graças ao apoio de toda uma comunidade, amigos colaboradores (enfermeiros, arte-terapeutas, artistas, pedagogos, psicopedagogos, psicólogos entre outros), equipe do CAPS e membros da Liga de Psiquiatria, esse "chão" foi possível" e a organização de todo o processo para esse dia esteve pronta para receber o trabalho do grupo.

Assim que terminamos o último ensaio-geral e momento de partilha, no qual cada um pode expressar seus sentimentos para aquele dia, mas também nos fortalecer juntos com mensagens de força e união, a mostra praticamente estava para começar, pois os convidados estavam chegando. A verdade é que estavámos todos muitos ansiosos, alguns já tinham ido muitas vezes ao banheiro, estavam fumando bastante e expressavam verbalmente que estavam "nervosos". Já outros estavam calmos e fazendo piadas. E outros em silêncio completo, inclusive alguns membros da equipe de pesquisadores. À medida que as cadeiras iam sendo preenchidas pelos convidados, erámos chamados ao desafio deste ato de coragem presente na experiência artística, o ato de se ofertar, se revelar, se desnudar, ir ao encontro do outro e aprender a mostrar algo genuinamente nosso (sem garantias do acolhimento, pelo menos inicialmente, por parte do outro). Era o momento. Essa era a hora. Era a hora do grupo se apropriar dessa experiência noética do espetáculo que criou e de empoderamento do próprio grupo, aprendendo a enfrentar medos e cumprir o que se propôs (valores de perseverança e constância, tão importantes em quadros de instabilidade como aqueles que constituem "as pedras no caminho" de cada um que sofre de um transtorno mental severo).

Assim que a mostra começou, e demos este passo juntos, literalmente entrando em cena de mãos dadas, a apresentação fluiu em tempo, roteiro, momentos de improvisação, organização, atenção do grupo, afinação, voz (altura, intensidade) e presença que pode ser melhor respondida pelos que estiveram no dia do evento. Os depoimentos e o comportamento (não despercebidos pelos sujeitos-pesquisadores) de alunos e professores, no dia, também não foram despercebidos pelos pesquisadores. Muitos da platéia choraram no dia da mostra, e esse comportamento marcou os sujeitos-pesquisadores muito mais do que as falas e depoimentos da platéia no momento final da interação no lanche. O noético é também esse momento sublime que não pode ser traduzido em palavras, esse encontro, esse momento em que um grupo, um grupo de pessoas (quantas vezes temos nos esquecidos disso), humanas (no verdadeiro sentido que Frankl aponta), com suas histórias, suas "pedras no meio do caminho", mas também suas potências, sua *liberdade para*, se revela e se oferta ao mundo, ao encontro do

outro, partilhando seu percurso e convidando o outro a descobrir valores e sentidos por meio de outros diálogos possíveis (trilhas poética-musicais). O choro da platéia, talvez, tenha sido deste "encontro genuíno" no íntimo de cada um, no verdadeiro humano, na abertura ao outro.

Esse poder de "trasformação social" presente nessa etapa da *logomúsica* é fundamental nesta proposta de trabalho que inclui o empoderamento e a experiência noética, mas também esta transformação de quem pode entrar em contato com o grupo (a platéia, no caso, de estudantes e professores universitários, sai transformada em algum nível), como podemos perceber com a fala de G.V., aluna de pós graduação da Universidade de São Paulo, "A gente chora porque nessa hora percebe também quanto tempo se fechou aqui, como nós precisamos também desse contato, dessa abertura. E são eles que nos lembram disso, que precisamos também reencontrar nossos caminhos na Universidade, na pesquisa". A fala de G.V., que na realidade, emergiu de um encontro genuíno, dessa abertura ao outro, ao novo, viabilizada por um sujeito-pesquisador do projeto *logomúsica*, com seu canto, sua voz, sua presença.

No final, os participantes do projeto revezaram, um a um, segundo sua vontade e liberdade, no meio da roda, para receber aplausos, cantar mais algumas músicas e partilhar com a comunidade suas percepções sobre esse dia. Após essa roda de celebração, tivemos lanche comunitário e um momento no qual todas as comunidades (pesquisadores, sujeitos-pesquisadores, alunos de pós-graduação, professores, educadores e cuidadores convidados e demais presentes) tiveram essa oportunidade de interagir e trocar idéias, estando todos unidos neste dia de comemoração da finalização de um percurso de 10 meses. Após a mostra, os pesquisadores e sujeitos pesquisadores partilharam sobre o sentido da mesma.

6.6 A Comunidade em Roda: Diálogos entre Pesquisadores e Sujeitos-Pesquisadores

Dez meses juntos, a emoção do grande dia já tinha passado, mais uma semana, a comunidade (pesquisadores e sujeitos-pesquisadores) estava reunida novamente. O tom tinha um que de alegria e tristeza, fechamento de ciclo e abertura de um outro. Sentimento de missão cumprida (vitória) mas também cansaço pairavam no ar. Só agora nos dávamos conta, todos, do quanto o processo tinha exigido crises e superação, por parte de todos, em todas as etapas, até o último momento e dia do espetáculo.

Último dia do projeto. Abraços, risadas, muitos comentários pós espetáculo, pós estréia, pós todas as emoções sentidas. Ninguém está muito interessado em música nesse dia. A conversa é geral. E é para isso que mais uma etapa do método *logomúsica* deve ser cumprido. A etapa comunitária, o *feedback* dos pesquisadores e sujeitos pesquisadores unidos, a conversa final sobre os sentidos revelados ao longo de toda esta caminhada, o momento de celebração final íntimo do grupo e, quem sabe, o auxílio amoroso no apoio a um novo ciclo, um novo começo de projeto do grupo.

O que mais chama a atenção de N.V. é o fato de muitos alunos e professores da platéia terem chorado, se emocionado. "Vocês viram o pessoal chorando? Eu fiquei impressionado". N.V. menciona sem parar esse fato todo o tempo, pois o olhar do outro, a comoção do outro, também parecem mudar seu olhar sobre o que fizemos. Diz N.V. "Eles tinham lágrimas nos olhos, eu vi. Falaram que foi muito bonito. Eles choraram mesmo". Para S.O. enfrentar seu medo, não fugir do medo, ficar firme e perseverar foi seu maior presente. S.O. até o último momento do espetáculo não sabia se assumia o mesmo ou não, embora tenha dito que sim, no decorrer do projeto. Mas no último momento entrou em pânico e já não sabia mais se queria se apresentar ou não. Não sabia dizer se seria uma experiência positiva ou não. Tudo estava lhe causando muito desconforto. Mas depois concluiu que seria importante ir até o final. Passada a experiência, dando gargalhadas agora na roda de conversa, S.O. afirmou: "Para mim, Juliana, o mais incrível foi não fugir. Eu tava com uma dor de barriga terrível na hora, com tanto medo de cantar, de olhar para eles. Tive que ir no banheiro várias vezes. Mas agora eu me sinto vitoriosa." S.O., após o roteiro tradicional, já ensaiado pelo grupo, foi a que mais se expôs, improvisando músicas, poesias e partilhas de agradecimento no meio da roda final no dia do espetáculo. Ela lembra com orgulho "Eu amei, amei, me senti vitoriosa". E realmente S.O. passava mais força, centramento em seu olhar e enraizamento em sua postura e em sua fala, ao contrário das crises de choro e desmaios que costuma ser seu padrão psicofísico. A atenção que queria, de fato, ela não teve medo de expressar e comunicar no dia, por isso não houve o desmaio e não chorou no espetáculo, mas cantou, conversou com as pessoas e se comunicou (teve um encontro, o que sempre quis e demonstrou desejar em suas falas). O.G. fala sobre a descoberta da responsabilidade no caminho da saúde e a importância dos projetos personalizados e em grupo neste caminhar como revelação final. Diz O.G.: "Eu aprendi muito como é importante a gente começar a assumir responsabilidade pela nossa vida, nossa felicidade, nossa saúde. A gente tem nossa doença, sim, tem que se cuidar, mas a gente tem que fazer algo, é nossa responsabilidade também. Eu acho que isso da responsabilidade eu aprendi aqui. Aprendi fazendo junto com o grupo, nos projetos, trabalhando junto. Eu acho também que a gente tem que parar de só falar e falar e se envolver em mais projetos assim. Tinha que ter mais oficinas assim no CAPS. Acho que o espetáculo foi algo prático, que ajudou a ir pra vida". C.T, um participante idoso que viveu em mosteiro toda a vida, e durante o projeto ficou cego (tendo abandonado o mesmo durante os ciclos noéticos, mas retornando no final), neste último dia estava alegre, falante e muito corporal (o contrário do que era). C.T. (de características corporais rígida) brincava com N.G. (nosso piadista), C.T. fazia piadas e chegou a dar umas reboladas desafiando o grupo a dançar neste último dia.Sim, a alegria é uma experiência noética das alturas! P.R. tocou uma vez mais para o grupo um solo de despedida recebendo fortes aplausos. P.R. falou do seu sentimento e aprendizado no projeto. Disse "Eu aprendi aqui o valor da perseverança. Não desistir. Não entregar os pontos para a doença. Mesmo com medo, às vezes ouvindo vozes, eu toquei o teclado e isso me ajudou. Não ficar preso nos pensamentos me ajudou. Tocar o teclado me ajudou. E foi muito bom ir até o final de um compromisso. E no dia, sinceramente, eu estava muito tranquilo e relaxado (deu gargalhadas). O pior foi aqui. Mas eu aprendi a ficar, ser perseverante". Estamos aqui mostrando falas de descobertas de valores, de um outro olhar sobre si, sobre a vida, sobre a responsabilidade, a liberdade, as atitudes, o que temos a oferecer e a receber, enfim, trata-se de um caminho de aprendizado. N.V, A.I. e S.O., juntos, lembram com muita alegria seus momentos no espetáculo cantando "Felicidade". N.V. fala sobre a solidariedade nesta experiência. "A gente aprendeu a ajudar o outro". F.B. concorda "Eu acho que isso foi o melhor. Eu não cantei muito. Nem gostava muito de cantar. Mas gostei de ouvir o grupo, ver o grupo, ficar com o grupo". Outros participantes que não tiveram um projeto poético-musical personalizado tão claro, mas deram apoio no canto coral com as músicas do grupo, como L.S., partilharam "eu caí no samba depois que o N. falou a parte dele. Cantei com toda alegria. Foi muito bom sair e interagir mais. Eu acho que a gente tinha que ter mais oficinas pra sair assim". R.V. disse "Eu me senti útil aqui. Minha mãe não me deixa varrer a casa". Como podemos perceber, as partilhas traziam imagens de empoderamento na saúde e de redescoberta de uma outra identidade, uma outra visão de si mesmo (o verdadeiro humano em nós) e de valores (sentido da vida). Também de uma força que se descobre a partir da superação, do enfrentamento e da responsabilidade no viver. Veja-se também o papel de projetos personalizados (cada um teve um desafio, uma tarefa) e das

sensibilidades solidárias como caminhos para a saúde. As falas registram, assim, os recursos artísticos e o espetáculo como meios práticos de aprendizado, superação, enfrentamento, crescimento e transformação em *logomúsica*.

Mas como partir, como encerrar de forma solidária e justa esta caminhada com estes colaboradores e parceiros pesquisadores? Esta era uma questão que também tínhamos nesta roda de conversa final. Esta era uma questão humana (noética) que afetava os pesquisadores nesta etapa final. Sabíamos que uma das observadoras-participantes do grupo (com experiência em teatro) estaria vinculada ao seu doutorado na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo trabalhando com o grupo posteriormente. Então, nesta roda final, como possibilidade, ouvimos também um pouco destes desejos e movimentos finais do grupo na abertura de um novo ciclo e a observadora-participante se colocou à disposição para um novo projeto com o grupo, de forma que o grupo continuasse a desenvolver experiências e projetos juntos.

Neste ponto, O.G. disse "Eu acho que o importante é a gente ter coisas práticas, ter um projeto prático, assim como foi aqui". N.G. disse "Eu gostaria de passear, de conhecer outros lugares com o grupo. Não ficar muito preso aqui, sabe?" P.R. estava um pouco em luto, pois embora os projetos de passeios o agradem, ele sente a separação do teclado, dessa partilha. Também C.T. sente essa separação da música. A pesquisadora musicoterapeuta que conduziu este trabalho se comprometeu a acompanhar o grupo por mais alguns meses, dando apoio musical para que esta transição não fosse tão agressiva, depois a próxima pesquisadora assumiria o projeto de teatro com o grupo. Eram os dois participantes com maior vínculo musical profundo. S.O. também confirma o interesse em passeios pela cidade e bosques. "A gente tem que continuar saindo, indo pro mundo". R.V. diz "Acho bom não parar de sair, não parar os projetos".

As falas trazem uma certa oposição entre vivência, mundo, prática e o que o as relações estabelecidas entre os usuários e os profissionais na saúde mental, de um modo geral, ainda sustentam em termos de imagens de aprisionamento e assistencialismo psiquiátrico (que é diferente de promover saúde). Os participantes enfatizam vivências e ir para o mundo como forma de promover a saúde, como suas escolhas protagonistas.

Em nosso último encontro, cantamos todos mais uma vez "É preciso saber viver" e outras músicas do grupo como "Trem das 11" e "Carinhoso". A musicoterapeuta pesquisadora permaneceu com o grupo, após a finalização do trabalho

de campo de doutorado, mais seis (06) meses. Após 4 meses recebemos a triste notícia que P.R., nosso querido colaborador-pesquisador, veio a falecer de ataque cardíaco.

Queremos registrar que P.R. nunca faltou a nenhum encontro do projeto *logomúsica* e, apesar das angústias e vozes, voltou a tocar, improvisar e mostrou todo seu talento com o apoio dos colegas, comovendo alunos e professores da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto de São Paulo no espetáculo que o grupo realizou. As palavras finais que ouvimos de P.R. na roda comunitária do projeto neste dia de encerramento foram: "Aprendi aqui a não desistir, a perseverar, a ir até o final. Meu aprendizado foi a constância. Constância, constância, constância...(risos)". Esta fala de P.R, sem dúvida alguma, é a expressão mais pura e genuína da revelação do homem livre, ainda que *não livre de*, mas *livre para*.

Considerações Finais

"Quem pilotou sem ser piloto
Quem navegou sem conhecer o rumo
Quem não desistiu quando acabou o fôlego
(com a garganta seca e a esperança cansada)
Pode então dizer, suavemente, obrigado".

Victor Leonardi

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que aprender da criação deste novo approach musicoterápico, a logomúsica? O que aprender dos sentidos partilhados pelos sujeitos-pesquisadores que se aventuraram neste projeto? Em relação à primeira questão, acreditamos que a logomúsica só pode nascer enquanto proposta de pesquisa-ação neste doutorado porque os pesquisadores vinham experimentando vivências e propostas em projetos paralelos desde o ano de 2001, tanto em contexto social quanto hospitalar, com diversos grupos e faixas etárias. Nos últimos seis anos, contudo, nos aproximamos das obras de Viktor Frankl, resultando em um intercâmbio fecundo entre as propostas da logoterapia e as práticas da musicoterapia de base existencial-humanista que já trilhávamos. Estes últimos seis (06) anos tiveram, em especial, uma aproximação com projetos na promoção da saúde mental, entre os quais a dissertação de mestrado dos pesquisadores intitulada "O caminho noético: o canto e as danças circulares como veículos da saúde existencial no cuidar", defendida na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, na qual já temos uma primeira base de encontro entre a antropologia frankliana e a musicoterapia de base existencial-humanista.

É importante esse apontamento, uma vez que na pesquisa-ação, não se realizam intervenções sem uma base ou experiência prévia. Um dos pré-requisitos de uma intervenção em pesquisa-ação é saber de onde vem essa ação, esse conhecimento. A proposta de nossa intervenção, a idéia da criação de um novo *approach* musicoterápico, inspirado na logoterapia, nasceu, assim, dessa base anterior.

A *logomúsica*, portanto, não nasceu de uma abstração, mas de anos e anos de prática musicoterápica de base existencial-humanista, da experiência de outras diversas mostras artísticas-terapêuticas (poética-sonoro-musical-corporal) facilitadas pelos pesquisadores junto a diversos grupos vivendo em situação de risco social, sofrimento físico, psíquico e/ou vivendo em situação hospitalar, nas quais experimentamos esta proposta e registramos (ainda que de forma não acadêmica) sentidos revelados pelos participantes. Todo este percurso revelou o valor desta nova forma de escuta, uma forma que integra a potência da música com a palavra criadora (sentido da vida) na relação e na comunicação.

Ainda em relação à criação deste novo *approach* musicoterápico, gostaríamos de enfatizar, que embora tenha recebido seus primeiros contornos acadêmicos nesta tese de doutorado defendida na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de

São Paulo, justamente por ter como característica de seu caminhar metodológico a participação dos sujeitos enquanto sujeitos-pesquisadores, intervindo e protagonizando no processo, de forma ativa e responsável, sabemos que a aplicação da *logomúsica* em outros grupos será sempre diferente em algo, seu processo dependerá deste aprendizado único do encontro genuíno EU e TU que nos fala Buber, do acesso ao noético (o noético não se revela de pronto em uma sociedade tão massificada, é preciso também educar e nos auto-educar para viabilizar o acesso ao noético). Esperamos que novas experiências com a *logomúsica*, realizadas por outros pesquisadores, em outros contextos sociais, possam enriquecer este *approach*. Se a *logomúsica* se fez a muitas vozes, nada mais justo registrar nossa vontade que outros se juntem neste caminho e tragam suas contribuições para este olhar, esta escuta noética no processo musicoterápico.

Mas o que deve ser a direção, a essência e o caminho na logomúsica, é justamente esse diálogo entre a logoterapia e as trilhas da musicoterapia de base existencialhumanista e cultural. No nosso ponto de vista, na nossa experiência prévia, nesta pesquisa-ação em particular, há um verdadeiro encontro na logomúsica entre o verbal (diálogos socráticos) e o não-verbal (biografia musical, produção musical, canto coral) como veículos de empoderamento e educação para a liberdade (que é sempre uma educação para a responsabilidade). Trata-se de um caminho de descoberta do humano, do que somos, de atualização de potências. É preciso reconhecer também que neste trabalho de educar para a liberdade (responsabilidade) via experiências musicais, em que consiste a logomúsica, o musicoterapeuta diferencia-se do logoterapeuta justamente porque educa para a liberdade via experiências sonoro-musicais, dramatizações corporais, canto coral, resgate da biografia musical, improvisação musical, composição musical entre outros. Nosso instrumento de comunicação socrática é a música, nosso canal de acesso ao noético é a música (enquanto valor de criação, experiência e atitude simultaneamente) que, integrada aos diálogos socráticos e ao próprio entendimento e vivência que o musicoterapeuta tenha do noético, irá possibilitar a visualização junto ao grupo de práticas musicais que auxiliem o fortalecimento dessa identidade (o verdadeiro humano) e a descoberta do projeto pessoal de cada um.

Assim, para encerrar esta primeira questão, o que aprender da criação deste novo approach musicoterápico, a logomúsica, a resposta é que é uma abordagem na promoção da saúde, uma abordagem de educação para a liberdade (que sempre é uma educação para a responsabilidade na logoterapia) via experiências poético-musicais. Esse veículo poético-musical da logomúsica, nos aproxima daquilo que Assmann e Mo

Sung (2000) disseram sobre a inclusão da "sensibilidade solidária" como parte do próprio ato de aprender, conhecer e viver. A esperança de um mundo mais humano e de um sentido mais profundo da vida, segundo Assmann e Mo Sung (2000), dependem também desta capacidade de educar para reencantar a vida. A *logomúsica* se faz neste caminho, necessita desta competência, desta sensibilidade solidária, deste olhar e por isso toda experiência em *logomúsica* será irrepetível, única e construída metodologicamente neste princípio de protagonismo, criatividade e aprendizado de "sensibilidades solidárias".

Em relação à segunda questão, o que aprender dos sentidos partilhados pelos sujeitos-pesquisadores que se aventuraram neste projeto? Podemos perceber pelas falas e experiências musicais que o empoderamento, o acesso ao noético, não se dá de imediato. É necessário um processo de educação, diálogos socráticos, intervenções (verbais e não-verbais), experimentações lúdicas, o novo como surpresa, crises no processo, medo, superação e por fim a revelação do sentido. Frankl (2008) nos traz uma visão de pessoa, na qual nos lembra que nossa dimensão genuína e verdadeiramente humana se encontra no noético. Mas Frankl (2005) não nega as outras dimensões nas quais estamos condicionados (sim, este é o termo usado, condicionados). Há o reconhecimento e aceitação das "pedras no meio do caminho" que O.G tinha dramatizado por parte de Frankl. Mas Frankl (2005) nos lembra que o nosso condicionamento psicofísico (no qual o social está incluso) não exclui o fato de sermos livres no nível noético. O dilema humano consiste neste desafio de reconhecermos que não somos livres de, mas livres para. E, neste reconhecimento, o noético traz um desafio novo. Podemos trazer a seguinte imagem para o noético. Enquanto o inconsciente atua por meio de impulsos (somos atravessados), não temos controle, o noético é um convite, precisamos nos auto-educar, é uma aspiração para atualizar as potências daquilo que verdadeiramente nos constitui enquanto humanos. A doença é visível (comprovada), a saúde precisa ser educada (conquistada). Claro que na vida temos os sinais do noético, mas como o acesso a esta potência dependem de nossa consciência, de nossas escolhas, de nossos valores, do quanto assumimos responsabilidade diante de nossa saúde, então podemos concluir que o acesso depende desta educação, deste caminho de auto-educação para a responsabilidade, para a liberdade. Em sua tese de doutorado, sobre as novas possibilidades educacionais e médicas relacionadas com a salutogênese, Marasca (2009), traz como título de seu trabalho uma frase que nos chamou muito a atenção e que bem expressa este compromisso da logomúsica no caminho para o noético: saúde se aprende, educação é que cura. Assim, é neste paradigma da salutogênese – a promoção da saúde, em vez do combate à doença – que as falas dos sujeitos-pesquisadores começam a revelar outros sentidos e apontar novas direções. E, neste ponto, chegamos a uma nova escuta das falas dos participantes. P.R, por exemplo, expressa seu projeto pessoal de resgate na música (há nisso um valor de criação, um ato de liberdade) e quando, mesmo diante das vozes que escuta, da angústia, do medo, da oscilação, do pensamento confuso e caótico que é "a pedra no seu caminho" de sua condição psicofísica real enquanto esquizofrênico, ele tem uma atitude de perseverança, constância e coragem ao ir até o final e fazer seu resgate e se apresentar para o público (que representa o mundo que ele tanto teme, P.R passava muito tempo trancado em sua casa), P.R. autorrealiza os valores de criação, experiência e atitude. Podemos afirmar que este ato não foi um ato psicofísico, somente um homem livre e responsável enfrenta sua loucura e assume a responsabilidade de resgatar a música diante de tanta dor, tantas vozes, tantas perturbações, tanto medo e se coloca junto ao mundo novamente, ainda que no último minuto do espetáculo de sua vida. C.T., outro participante do projeto, idoso, que viveu anos em mosteiro, e que se tornou cego durante o processo, e por conta da cegueira sua depressão agravou, ele abandona o projeto, mas depois decide voltar, resgatando seu projeto de solo e descobrindo na amizade junto ao grupo (valores de experiência) que o mundo ainda tinha o que oferecer. Ele escolhe, ele decide pela saúde. Ele é o protagonista nesta decisão. Apesar da cegueira e depressão, ele diz sim à vida e continua com o grupo, com as partilhas e faz seu canto, seu solo, e, no último dia do projeto, C.T. está a fazer piadas e até danças. A alegria é uma experiência noética. Ele estava alegre pela escolha livre que fez, porque estava no humano. Assim, não só por meio de falas, mas sobretudo de atitudes, pequenos gestos, reviravoltas no projeto, coragem para cantar, improvisar, nisto tudo, consiste a especificidade também da logomúsica, o sentido se revela de muitas formas, verbais e não-verbais, diálogo e ação que o desafio lúdico nos coloca.

Mas, se tivermos que nos ater apenas às falas como pilar para esta avaliação, os participantes apontaram ao longo de todo o processo o quanto "sair da cabeça, da prisão dos pensamentos", segundo as palavras de muitos, era essencial neste tipo de aprendizado que estavam tendo. O.G. lembrava a todo momento, "precisamos de mais vivências aqui no CAPS, mais oficinas, sair mais, acho que o espetáculo ajudou a gente a ser prático, ir pra vida, enfrentar a vida". A fala de O.G. foi partilhada por muitos. N.V. também compartilhava desse pensamento "aqui a gente faz coisas, isso é bom".

Que significado essas falas trazem sobre a praticidade? Acreditamos que, do ponto de vista noético, se não formos práticos, não vivenciarmos, não acessarmos o humano, não é possível um caminho logoterapêutico. De alguma forma eles dizem também que a sua dor, que a loucura, consiste justamente em algo que impede de estar no mundo, de ser prático, de integrar o pensar, sentir e agir. Há uma ruptura, uma fragmentação severa, profunda. Então, as intervenções, eles dizem, "precisamos de mais oficinas, fazer coisas", porque eles sabem que precisam se reintegrar nesta dimensão. O que a *logomúsica* propõe, com seus aspectos práticos, via dramatizações, partilhas musicais, canto coral e a criação de um espetáculo coletivo que valorize o protagonismo e as sensibilidades solidárias, é justamente auxiliar - por meio de vivências, recursos sócioculturais e artísticos - este crescimento na vida, esta valorização da vida e do humano, esta atualização de potências, o saber fazer, a prática como conhecimento. Se O.G. partilhou com toda verdade que,

No meio do caminho tinha uma pedra tinha uma pedra no meio do caminho tinha uma pedra no meio do caminho tinha uma pedra. Nunca me esquecerei desse acontecimento na vida de minhas retinas tão fatigadas. Carlos Drummond de Andrade

O grupo todo, unido, e sentindo esta verdade dolorosa, inclusive O.G., como desafio de valores de atitude, responde, em liberdade, depois de um longo processo:

Toda pedra do caminho
Você pode retirar
Numa flor que tem espinhos
Você pode se arranhar
Se o bem e o mal existem
Você pode escolher
É preciso saber viver

Erasmos Carlos / Roberto Carlos

REFERÊNCIAS

ASSMANN, H.; MO SUNG, J. Competência e sensibilidade solidária. Educar para a esperança. Petrópolis: Vozes, 2000.

BERGOLD, L. B. A música terapêutica como uma tecnologia aplicada ao cuidado e ao ensino de enfermagem. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 537-42, jul./set. 2009

BERGOLD, L. B. Visita musical como uma tecnologia leve de cuidado. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 18, n. 3, p. 532-41, jul.-set. 2009b. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/tce/v18n3/a17v18n3.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2011.

BARCELLOS, L. R. M. Cadernos de musicoterapia, 4. Etapas do processo musicoterápico ou para uma metodologia de musicoterapia. Rio de Janeiro: Enelivros, 1999.

BARBIER, R. A pesquisa-ação. Brasília: Plano, 2002.

BENENZON, R. Musicoterapia en psiquiatria. Buenos Aires: Barry Editorial, 1972.

BRANDÃO, C. R. **Aprender o amor. Sobre um afeto que se aprende a viver.** Campinas: Papirus, 2005.

BRUZZONE, D. **Pedagogia de las alturas. Logoterapia y educación**. México, DF: Ediciones Lag, 2010.

BRUSCIA, K. **Definindo musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

BOFF, L. **Saber cuidar. Ética do humano e compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BUBER, M. **Eu e tu.** Tradução Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2004.

CAVALCANTE, T. G.; AQUINO, T. A. A. Sentido de vida na educação: um estudo comparativo entre Freire e Frankl. In: **Logoterapia e educação**. São Paulo: Paulus, 2010. p. 53-78.

CHAGAS, M.; PEDRO, R. **Musicoterapia:** desafios entre a modernidade e a contemporaneidade. Rio de Janeiro: Bapera, 2008.

DOURADO, E et al. Educar para o sentido: uma intervenção prática. In: **Logoterapia e educação**. São Paulo: Paulus, 2010. p. 79-138.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da pesquisa-ação. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, n.3, p. 483-502, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a11v31n3.pdf>. Acesso em: 25 maio 2011.

FRANKL, V. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FRANKL, V. Psicoterapia e sentido da vida. Fundamentos da logoterapia e análise existencial. 2. ed. São Paulo: Quadrante, 1986.

FRANKL, V. Sede de sentido. São Paulo: Quadrante, 1989.

FRANKL, V. A questão do sentido em psicoterapia. Campinas: Papirus, 1990.

FRANKL, V. **Psicoterapia para todos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

FRANKL, V. A presença ignorada de Deus. Petrópolis: Sinodal/Vozes, 1993.

FRANKL, V. **Lo que no está escrito em mis libros – Memórias**. Buenos Aires: San Pablo, 2003.

FRANKL, V. E. **Um sentido para a vida. Psicoterapia e humanismo.** 11. ed. Aparecida: Idéias e Letras, 2005.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido. Um psicólogo no campo de concentração.** 26. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 28. ed. Rio de Janeiro: 1987.

FREIRE, P. Política e educação: ensaios. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GAUTHIER, J. **Socio-poética:** fundamentos teóricos técnicas diferenciadas de pesquisa vivência. Rio de Janeiro: UFRJ/DEPEXT/NAPE, 1996.

GOMES, J. Logoterapia. A psicoterapia existencial-humanista de Victor Frankl. São Paulo: Loyola, 1992.

ILARI, B. Música, comportamento social e relações interpessoais. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 191-198, jan./abr. 2006.

JOURDAIN, R. **Música, cérebro e êxtase:** como a música captura nossa imaginação. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

KANTORSKI, L. P. O cuidado em saúde mental no contexto da reforma psiquiátrica. In: VALLADARES, A. C. A. (Org.). **Arte-terapia no novo paradigma de atenção em saúde mental.** São Paulo: Vetor, 2004. p. 15-30.

LEONARDI, J. **O caminho noético:** o canto e as danças circulares como veículos da saúde existencial no cuidar. 2007. 124 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007.

LEONARDI, V. **Jazz em Jerusalém Inventividade e tradição na história cultural. Filosofia do trabalho criativo.** São Paulo: Nankin Editorial, 1999.

LEONARDI, V. Exercícios de liberdade. Educação em saúde e educação para a paz. Guaratinguetá: Fazenda da Esperança, 2009.

LEWIN, K. Action research and minority problems. J. Soc. Iss., n. 2, p. 34-36, 1946.

LOWEN, A. A espiritualidade do corpo. São Paulo: Cultrix, 2001.

LUKAS, E. Psicologia espiritual. São Paulo: Paulus, 2006.

MORIN, A. **Recherche-action en éducation:** de la pratique à la théorie. Rapport. Montréal: Université de Montreal. 1986.

MARASCA, E. **Saúde se aprende, educação é que cura**. São Paulo: Antroposófica, 2009.

RIBEIRO, P. **Saúde mental**: dimensão histórica e campos de atuação. São Paulo: EPU, 1996.

RUUD, E. Música como um meio de comunicação. In: RUUD, E. (Org.). **Música e saúde**. São Paulo: Summus, 1991. p. 167-73.

RUUD, E. **Music therapy:** improvisation, communication and culture. Barcelona: Jessica Kingsley, 1998.

SANTOS, B. S. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pósmoderna. **Estud. Av.**, São Paulo, v. 2, p. 46-71, 1988.

SANTOS, I. Cuidando do educando: a sociopoética sensibilizando a formação do cuidador. **Rev. Enferm. UERJ,** Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 113-18, jan./mar. 2007.

SARACENO, B. A concepção de reabilitação psicossocial como referencial para as intervenções terapêuticas em saúde mental. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 26-31, jan./abr. 1998.**

SARACENO, B. Libertando identidades. Da reabilitação psicossocial à cidadania possível. Belo Horizonte: Te Corá/Instituto Franco Basaglia, 1999.

SCHAFER, R. M. A afinação do mundo. São Paulo: UNESP, 2001.

STEIN, E. Ser finito y Ser Eterno. México: Fundo de Cultura Econômica, 1994.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 1996.

WEIGAND, O. **Grounding e autonomia:** a terapia corporal bioenergética revisitada. São Paulo: Person, 2006.

WERBECK-SVÄRDSTRÖM, V. A escola do desvendar da voz. Tradução Jacira Cardoso. São Paulo: Antroposófica, 2001.

XAUSA, I. A psicologia do sentido da vida. Petrópolis: Vozes, 1986.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

AMARANTE, P. **Psiquiatria social e reforma psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

AYRES, J. R. C. M. Tão longe, tão perto: o cuidado como desafio para o pensar e o fazer nas práticas de saúde In: SAEKI, T.; SOUSA, M. C. B. M. (Orgs.). **Cuidar**: tão longe... tão perto... Ribeirão Preto: FIERP/Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto /USP-USP /CNPq, 2002. p. 13-26.

BARTHOLO, R. **Você e eu – Martin Buber, presença palavra**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2001.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em Educação**. Porto: Editora Porto, 1997.

BRUSCIA, K. Case studies in music therapy. Gilsum: Barcelona Publisher, 1996.

CUNHA, M. C. P. **O espelho do mundo**: Juquery - a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

DEMO, P. Avaliação qualitativa. São Paulo: Cortez, 1987.

FUX, M. Dança. Experiência de vida. São Paulo: Summus, 1983.

GALLARDO, R. Musicoterapia y salud mental. Prevencion, asistencia y rehabilitacion. Buenos Aires: Ediciones Universo, 1998.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GOLDENBERG, M. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GROSSMANN, E.; MIRON, V. L. Mudanças ocorridas na vida de sujeitos, doentes mentais, tratados em serviço de saúde mental alternativo ao modelo manicomial In: SAEKI, T.; SOUSA, M. C. B. M. (Orgs.). **Cuidar**: tão longe... tão perto... Ribeirão Preto: FIERP/Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP-USP/CNPq, 2002. p. 211-228.

HILLMAN, J. O código do ser. Uma busca do caráter e da vocação pessoal. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

HOLMES, D. **Psicologia dos transtornos mentais.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

HUDELSON, P. M. Qualitative research for health programs. Geneva: WHO, 1994.

KANTORSKI, L. P.; MIRON, V. L. A Enfermagem Psiquiátrica brasileira: percorrendo os caminhos trilhados ao longo de sua história. In: SAEKI, T.; SOUSA, M. C. B. M. (Orgs.). **Cuidar**: tão longe... tão perto... Ribeirão Preto: FIERP/Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto /USP-USP /CNPq, 2002. p. 283-298.

KANTORSKI, L. P.; WETZEL, C.; MIRON, V. L. O que temos ensinado ao acadêmico de enfermagem sobre enfermagem psiquiátrica e saúde mental? In: SAEKI, T.; SOUSA, M. C. B. M. (Orgs.). **Cuidar**: tão longe... tão perto... Ribeirão Preto: FIERP/Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP-USP/CNPq, 2002. p. 269-282.

LANCETTI, A. Saúde e loucura. A clínica como ela é. São Paulo: Hucitec, 1998.

LARAIA, R. Cultura: um conceito antropológico. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

MENEGHETTI, A. A música como ordem de vida. Porto Alegre: ABO, 1992.

MENEGHETTI, A. O em si da arte. Porto Alegre: ABO, 1992.

MILLECO, R. (Org.) É preciso cantar. Musicoterapia cantos e canções. Rio de Janeiro: Enelivros, 2001.

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1992.

MINAYO, M.; DESLANDES, S. Caminhos do pensamento. Epistemologia e método. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

NACHMANOVITCH, S. Ser criativo. O poder da improvisação na vida e na arte. São Paulo: Summus, 1993.

ROCHA, R. M. Valorizando os aspectos culturais no cuidado. In: SAEKI, T.; SOUSA, M. C. B. M. (Orgs.). **Cuidar**: tão longe...tão perto... Ribeirão Preto: FIERP/Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP-USP /CNPq, 2002. p. 29-46.

RUUD, E. Caminhos da musicoterapia. São Paulo: Summus, 1990.

RUUD, E. Música e saúde. São Paulo: Summus, 1991.

ROGERS, C. A pessoa como centro. São Paulo: EPU, 1977.

STUART, G.; LARAIA, M. **Enfermagem psiquiátrica:** princípios e prática. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

VIETTA, E. Configuração triádica, humanista-existencial-personalista: uma abordagem teórica-metodológica de aplicação nas pesquisas de enfermagem psiquiátrica e saúde mental. **Rev. Latino-am. Enfermagem,** Ribeirão Preto, v. 3, n. 1, p. 31-43, jan. 1995.

WHEELER, B. L. Music therapy research. Quantitative and qualitative perspectives. Saint Louis: Barcelona Publisher, 1995.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o(a) senhor(a)	, portador de Cédula de Identidade
Convidamos o(a) senhor(a), abaixo assir	nado, para participar de uma pesquisa onde o(a)
senhor(a) fará parte de um grupo em que se pretende	e utilizar a música, o canto e a criação de um
espetáculo coletivo a partir de uma experiência em mus	sicoterapia como recursos terapêuticos em saúde
mental. O objetivo desta pesquisa é compreender atra	rvés desse novo processo musicoterapêutico os
sentidos e valores humanos essenciais para a saúde dos	usuários de um CAPS e como isso pode ajudar
para sua reabilitação. Essas atividades serão estabelecida	s por um período de 10 meses, cada encontro terá
duração de 1 hora cada. O (A) senhor(a) contribuirá	com a pesquisa participando regularmente das
atividades e também de duas entrevistas, sendo a p	rimeira no início da pesquisa (uma entrevista
individual) e a outra no final (uma entrevista coletiva). P	eço autorização para fazer registros do que vocês
estarão fazendo, em um caderno, bem como as produç	ões musicais em fita K7 e DVD, no final, o(a)
senhor(a) contribuirá, também, falando livremente sobi	
o(a) senhor(a). O que o(a) senhor(a) falar, será gra	
complemento de nossos dados para a pesquisa, serão	
pedimos também a autorização do senhor(a). As grava	
servirão apenas para a pesquisa. Em caso de apresentaç	
uso das imagens só poderá ocorrer mediante autorizaç	
garante ao(a) senhor(a) o direito de receber resposta a	
dúvida, sobre os procedimentos que serão realizados. Ga	
gasto. Garante liberdade ao(a) senhor(a) para deixar de p	
traga prejuízo à continuação da assistência que o (a) sen	
de que não será identificado e que serão mantidas em seg	
Garante o compromisso de proporcionar informação atu	alizada durante a pesquisa ainda que possa afetar
sua vontade de continuar participando. Finalmente, ga	rante o compromisso de que será devidamente
acompanhado e assistido durante todo o período de par	ticipação, bem como garante a continuidade dos
cuidados após a conclusão dos trabalhos da mesma.	O(A) senhor(a) não correrá nenhum risco e
esperamos que o(a) senhor(a) tenha muitos benefícios, o	
os seus familiares, visinhos e amigos. Tenho ciência d	
resultados em revistas de pesquisa, e declaro livremen	te minha vontade de participar da mesma. Este
termo consta de duas vias, assinadas pelos pesquisadore	es responsáveis, ficando uma com o(a) senhor(a)
para contato conosco, quando for necessário.	
Ribeirão Preto, de	_ de 2009.
Nome legível e assinatura do responsável pelo usuário do	CAPS
Assinatura do usuário do CAPS participante da pesquisa	
Assinatura do usuario do CAPS participante da pesquisa	
Pesquisadores responsáveis:	
resquisactores responsavers.	
Ms Juliana Leonardi – Telefone (16) 3013 5115 - e-mail:	jleonardi@usp.br
Prof [®] Dr. Luiz Iorga Padrão, Talafono: (16) 36023418 I	EEDD LICD Compus LICD

Prof°. Dr. Luiz Jorge Pedrão - Telefone: (16) 36023418 EERP-USP - Campus USP -Av. Bandeirantes, 3900 - CEP - 14040-902 - Ribeirão Preto SP

e-mail: lujope@eerp.usp.br

APÊNDICE B

CADASTRO DOS SUJEITOS PESQUISADORES

Identific	cação:
1.]	Nome:
2.	Idade:
3. 3	Situação Familiar:
4.]	Religião:
5.]	Escolaridade:
6.]	Diagnóstico:
7.	Breve histórico clínico:
8.	Tratamentos atuais:
9.]	Prognóstico / Depoimentos da equipe do CAPS sobre o participante no momento
;	atual (antes da implantação do projeto)

APÊNDICE C

MAPAS PARA ASSOCIAÇÃO DAS ENTREVISTAS

SENTIDOS E VALORES PARTILHADOS

Respostas dos Sujeitos	RS1	RS2	RS3	RS4	RS5	RS6	RS7	RS8	RS9	RS 10
Questões										
Q1										
Q2										
Q3										
Q4										
Q5										
Q6										
Q7										
Q8										
Q9										
Q 10										

Observação: Após a entrevista com cada participante, que durava em média 1 hora e 30 minutos, a pesquisadora escutava a gravação e recolhia os trechos e falas mais significativos de cada sujeito, tanto de sua biografia musical quanto dos sentidos noéticos. O mapa era então preenchido para que pudéssemos contemplar semelhanças e diferenças entre os sentidos, partilhas e memórias musicais do grupo como um todo.

APÊNDICE D

TABELA DE REGISTRO NOÉTICO E SONORO-MUSICAL EM LOGOMÚSICA

Sujeito Pesquisador	Como os sujeitos pesquisadores definiam seus estados mentais e emocionais no início de cada encontro	Produções sonoro- musicais de cada sujeito pesquisador bem como registro das relações sonoro- musicais	Questões noéticas trazidas pelos pesquisadores e sujeitos pesquisadores no processo de diálogo socrático	Respostas verbais, poéticas e musicais que expressavam valores de criação	Respostas verbais, poéticas e musicais que expressavam valores de experiência	Respostas verbais, poéticas e musicais que expressavam valores de experiência	Como os sujeitos pesquisadores definiam seus estados mentais e emocionais no final de cada encontro
		que se estabelecem entre os mesmos					

ANEXO A

PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO







Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo Centro Colaborador da Organização Mundial da Saúde para o Desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem

Avenida Bandeirantes, 3900 - Campus Universitário - Ribeirão Preto - CEP 14040-902 - São Paulo - Brasil FAX: (55) - 16 - 3633-3271 / TELEFONE: (55) - 16 - 3602-3382

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA EERP/USP

Of.CEP-EERP/USP - 191/2009

Ribeirão Preto, 05 de agosto de 2009

Prezado Senhor,

Comunicamos que o projeto de pesquisa, abaixo especificado, foi analisado e considerado **APROVADO AD REFERENDUM** pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, em 21 de julho de 2009.

Protocolo:

nº 1068/2009

Projeto:

PRODUÇÕES DE SENTIDOS PARA A EXISTÊNCIA EM PORTADORES DE TRANSTORNOS MENTAIS ATRAVÉS DA

MUSICOTERAPIA.

Pesquisadores:

Luiz Jorge Pedrão Juliana Leonardi

Em atendimento à Resolução 196/96, deverá ser encaminhado ao CEP o relatório final da pesquisa e a publicação de seus resultados, para acompanhamento, bem como comunicada qualquer intercorrência ou a sua interrupção.

Atenciosamente,

Prof^a Dr^a Lucila Castanheira Nascimento Coordenadora do CEP-EERP/USP

Ilmo. Sr.

Prof. Dr. Luiz Jorge Pedrão

Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP